



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

DALTON DOS SANTOS NASCIMENTO

LIDERANÇA ADALTON PATAXÓ: MEMÓRIAS, SABERES, LUTAS E CONQUISTAS



BELO HORIZONTE

2022

DALTON DOS SANTOS NASCIMENTO

LIDERANÇA ADALTON PATAXÓ: MEMÓRIAS, SABERES, LUTAS E CONQUISTAS

Trabalho de Pesquisa e Intervenção apresentado como requisito parcial para conclusão a Licenciatura em Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI/FAE/UFMG.

Orientadora: Profa. Dra. Vanessa Sena Tomaz

Coorientadora: Profa. Dra. Danielle Alves Martins

BELO HORIZONTE

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer ao nosso grande criador TUPÃ, por me permitir muita saúde e sabedoria para ter forças de finalizar este trabalho. Meus irmãos, meus pais, esposa, meus filhos e a todas pessoas da minha família, por sempre estar me incentivando a continuar meus estudos. Para finalizar, esse trabalho muitas pessoas contribuíram comigo, desde familiares e até mesmo lideranças e membros da comunidade.

Não poderia deixar de agradecer também a todos os professores e bolsistas que nos ajudaram muito durante esses 4 anos de curso, em especial, gostaria de agradecer minha orientadora Vanessa Tomaz e também minha coorientadora Danielle Martins, por ter me ajudado muito a realizar esta pesquisa.

Não poderia também deixar de agradecer a todas as lideranças do nosso povo que lutaram e ainda continuam lutando em defesa de nossos direitos, se não fosse por eles jamais estaríamos estudando em uma Universidade.

Resumo

Nesta pesquisa, procuro trazer o mais realista possível a trajetória de lutas, memórias e saberes tradicionais de meu pai e liderança, Adalton Pataxó. Seus conhecimentos como liderança procurei deixar registrado por meio de entrevistas, depoimentos registrados em fotos, áudios, vídeos. Para isso, além de ter conversas com ele, pesquisei outras pessoas da comunidade para ouvir suas opiniões em relação a ele. Adalton fala sobre sua vida, sua trajetória como liderança, sobre seus saberes tradicionais, a luta pelo fortalecimento da cultura do povo Pataxó, a luta pela educação, sua participação na política partidária do município e também seu lado como um pai de família. Nas entrevistas com lideranças mais velhas e jovens, fiz perguntas relacionadas as contribuições da liderança Adalton para comunidade. Entrevistei uma das lideranças mais velhas da aldeia que já vem trabalhando com ele desde o início, Zé Baraiá. Como é uma das primeiras lideranças que trabalhou junto com ele, considerei de suma importância ter seu depoimento em minha pesquisa. Procurei também algumas lideranças mais jovens, para tentar compreender os pensamentos das futuras lideranças, e também ouvir suas opiniões em relação à atuação da liderança Adalton. Elas também deixaram suas contribuições, destacando a inteligência, a capacidade de conversar e trabalhar para o povo. Apesar de ser bem jovens, as lideranças entrevistadas têm um conhecimento muito grande. Também trouxe minha própria visão sobre meu pai e liderança, falando sobre os aprendizados que tive com ele desde a infância, juventude e agora como adulto. Também trago depoimentos de outras pessoas da família, filhos e esposa. Com esta pesquisa, deixo registradas as memórias e saberes de uma das grandes lideranças do povo Pataxó, mas também várias outras histórias ficam registradas, do reavivamento de algumas práticas culturais, o modo como aprendemos dentro das famílias, nossas práticas cotidianas e as lutas pela educação, pela participação na política local. Aprendi, principalmente, que para ser um grande líder, não basta apenas a pessoa querer, isso é algo maior. A pessoa já nasce uma liderança. É o trabalho de uma liderança exige que andemos todos juntos, lado a lado, todos unificados para conseguirmos nossos objetivos.

Palavras-chave: Liderança Pataxó; Aldeia Barra Velha; Memórias; Educação Escolar Indígena; Cultura Pataxó.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Adalton Pataxó (2022)

Figura 2: Dalton Pataxó no ATL 2021

Figura 3: Caretas, Festa de Reis, Barra Velha (2017)

Figura 4: Parte da família que vive em Barra Velha (2022)

Figura 5: Momentos na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha (2013)

Figura 6: Comendo e ouvindo histórias contadas pelo meu pai

Figura 7: Apresentação da turma da matemática no primeiro módulo do curso (2018)

Figura 8: Mapa que representa o TI de Barra Velha

Figura 9: Mar em Barra Velha

Figura 10: Mangue em Barra Velha

Figura 11: Cozinhando Caranguejos (2022)

Figura 12: Cozinhando Conchas (Lambretas) (2022)

Figura 13: Colheita do feijão em Barra Velha

Figura 14: Plantio de milho em Barra Velha

Figura 15: Ritual Pataxó

Figura 16: Adalton como liderança (2022)

Figura 17: Adalton na escola como liderança

Figura 18 – Suruí e Adalton na luta pelos nossos direitos no ATL 2021

Figura 19: Adalton Pataxón na ATL-2021

Figura 20: Banho no mangue com as crianças (2022)

Figura 21: Kaionês, Barbara, Marina, Adalton e Charles na retomada de Intermódulo Fiei-UFMG, após pandemia de Covid-19 (Maio, 2022)

Figura 22: Adalton em viagem de intercâmbio no Xingu (1985?)

Figura 23: Adalton em viagem de intercâmbio no Xingu (1985?)

Figura 24: Adalton em Brasília, ATL 2021

Figura 25: Cacique Renato (Aldeia Boca da Mata) e Adalton atuando política na interna

Figura 26: Elian em Barra Velha (2022)

Figura 27: Akerlan na formatura do Fiei (2014)

Figura 28: Clécia, festejos do Abril Indígena

Figura 29: Críscia

Figura 30: Sr. Zé Ferreira (Zé Baraiá)

Figura 31: Alex Pataxó

Figura 32: Raoni Pataxó nos Jogos Indígenas

Figura 33: Kaiones, formatura do Fiei (2013)

Figura 34: Conselho de Lideranças Indígenas do Fiei-UFMG (2015)

Figura 35: Conselho de Lideranças Indígenas do Fiei-UFMG (2022)

Figura 36: Pesca de mariscos no mangue com meu pai (2022)

Figura 37: Dalton, Adalton, Arnilton, Suruí, no ATL-2021

Figura 38: Suruí, Braguinha, Adalton, no ATL-2021

Figura 39: Adalton, Wekanã, Jothanes, no ATL-2021

Figura 40: Formatura de minha irmã na Escola Indígena Pataxó

Figura 41: Dalton e Adalton no dia da defesa do Percurso

SUMÁRIO

Introdução.....	8
2. Caminhos Metodológicos.....	13
3 Eu, Dalton, filho de Adalton Pataxó.....	18
4 Aldeia Mãe Barra Velha.....	29
5 Memórias de Adalton Pataxó.....	36
5.1 Adalton Pataxó por Adalton Pataxó.....	38
ENTREVISTA 1 – Infância, juventude, família, educação e liderança.....	40
ENTREVISTA 2: Educação Escolar e Formação de Professores no Fiei-UFMG.....	48
ENTREVISTA 3 – Viagem de intercâmbio ao Xingu.....	56
ENTREVISTA 4 – Parte 1 - atuação na política interna e externa à aldeia.....	67
ENTREVISTA 4 – Parte 2 – composição de músicas pataxó.....	73
5.2 Adalton Pataxó por esposa, filho e filhas.....	77
Elian, minha mãe.....	77
Akerlan, meu irmão.....	79
Clécia, minha irmã.....	81
Críscia, minha irmã.....	82
5.3. Adalton Pataxó por Zé Ferreira (Zé Baraiá).....	86
5.3 Adalton Pataxó por Alex Pataxó.....	91
5.4 Adalton Pataxó por Raoní Pataxó.....	96
5.5 Adalton Pataxó por Kaiones Pataxó.....	98
5.6. Adalton Pataxó por Vanessa Tomaz.....	101
6 Adalton Pataxó por Dalton Pataxó.....	103
6.1 Práticas tradicionais do meu povo.....	104
6.2 A Luta pelos nossos direitos, pelo nosso território.....	108
6.3 Passado, presente e futuro.....	113
Considerações Finais.....	116
Referências.....	119

Introdução

Figura 1: Adalton Pataxó (2022)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Então, eu venho falar um pouco da questão de ser liderança, é um compromisso, é uma humildade, é um trabalho que você tem responsabilidade, não só com a própria família, nem a si próprio, mas é um trabalho coletivo, é um trabalho que você tem que ter visibilidade para o trabalho interno e externo, e você ter o interesse de buscar mecanismo para as comunidades desenvolver, desenvolver como? Economicamente? Não, desenvolver naquilo que nos pertence, daquilo que nossos ancestrais não teve oportunidade, que hoje nossos filhos, nossos netos podem alcançar. Os nossos velhos tinham um dizer: “meus filhos quando nós iremos para Brasília, Rio de Janeiro procurar nossos direitos como indígena, nós iremos por três objetivos, era Educação, saúde e terra”. Esses eram os três objetivos, porque era o alicerce que eu entendia que era a segurança da estabilidade do povo indígena, por que a terra? Porque a terra você ter direito de conviver. A saúde? Porque de certa forma nós com a chegada do homem branco não temos aquela saúde que nós tínhamos a muitos tempos atrás. Falar um pouco também sobre a educação, eles sempre falavam de buscar a educação para nossos filhos e nossos netos, por quê?

Porque o velho Tururim sempre falava isso e eu tenho isso na minha memória: “meus filhos vão estudar pra que amanhã vocês buscam o conhecimento, aprendem o conhecimento do homem branco, pra amanhã depois tomar conta daquilo que é nosso ou a gente defender o nosso próprio povo”. E hoje está aí nas nossas mãos, eu vejo que nós temos a maioria de nossos indígenas jovens se comprometido, essa é a realidade, mas tem outros que talvez, desculpa eu falar, talvez não tenha esse compromisso. Mas a gente sempre está aí e eu digo meu legado como liderança, desde lá pra cá, eu sempre acompanhei e venho acompanhando esse procedimento, é em cima da educação, por quê? Porque a educação é uma porta de entrada de todas instância. É um caminho aberto pra poder a gente ter, buscar o conhecimento, pra poder se defender, pra buscar os conhecimentos de trazer essa realidade. E hoje estamos aí, num é fácil? Num é, a gente com várias conquistas de várias lideranças de várias etnias, a gente conquistou muitos espaços, a questão da educação indígena, os povos do Brasil. Mas com mudanças de governo, com certas questões de governo não olhar ou mau olhar para a nação indígena, achar que nós somos “bicho do mato” até hoje, nós não somos considerados como os primeiros habitantes, nós não somos considerados talvez como ser humano, e por ser um povo que não tiveram oportunidade, pra ser hoje se defender, hoje é ignorado, até nas grandes universidades, hoje é ignorado. Um índio que não tem mais sua própria cultura ou que perdeu o seu dialeto, se ver usar um relógio já num é mais índio, se ver uma pessoa mexer num computador como indígena já se trata que num é mais índio. Então, tá ai no olhar que já vem uma discriminação, não, nós indígenas queremos ter a mesma oportunidade que o não indígena tiveram, nós somos umas pessoas que é entendido nessa questão, então pra isso, isso tem que acabar. O índio tem que ser visto como um ser humano, como um cidadão qualquer dentro dos seus critérios, dentro de seu respeito. (Adalton Pataxó, Entrevista, Vídeo, Aldeia Barra Velha, BA, 04 de fev. 2022)

Em fevereiro de 2022, quando ouvi essas palavras do meu pai, Adalton Pataxó, liderança da aldeia Mãe Barra Velha, percebi como o meu Percurso era importante: escrever sobre os saberes, lutas e conquistas do povo Pataxó, contado a partir do memorial de Adalton Pataxó. Também vi que o memorial de uma liderança atravessa a vida de muitas outras pessoas, pois como membro de um mesmo povo, nossas vidas estão ligadas umas às outras. Particularmente, há um vínculo muito forte entre mim e Adalton, por eu ser seu filho. Então, escrever o memorial de Adalton, é uma também buscar lembranças da minha própria vida, pois como filho e jovem da comunidade, nossa vida se entrelaçam. Mas, não basta, é preciso buscar lembranças de outras pessoas próximas a ele, porque contar a história de uma liderança é também contar a história do seu povo, de sua comunidade. Junto com seus saberes ancestrais, é preciso reavivar na memória as contribuições desse líder nas lutas do seu povo pela terra, pela educação e para a formação de lideranças jovens em nossa comunidade.

Resolvi escrever sobre a trajetória de luta do meu pai, liderança reconhecida pelo nosso povo, atuante hoje, justamente por conta de sua imensa sabedoria, pelo respeito que possui da sua comunidade e pela sua grande habilidade em ser um líder. Eu, como um jovem, filho de uma comunidade e de um grande líder, percebo o quanto é importante ter as memórias de nossos grandes mestres registradas. Creio que isso nos ajuda a fortalecer enquanto um povo originário que trava uma luta continua pelo direito à existência.

Para fazer este trabalho, eu consultei outros que já foram feitos por parentes pataxó de outras aldeias. Por exemplo, os percursos de Edilande de

Jesus Soares (SOARES, 2018), Valdirene Santos de Souza (SOUZA, 2018), no ano de 2018 e de Iran Vieira dos Santos (SANTOS, 2020), no ano de 2020.

O Percurso de Edilande teve o título “A história de luta e resistência do cacique Maninho - Pataxó da aldeia Mata Medonha” (SOARES, 2018). Nele encontrei vários aspectos importantes e ideias que podem me ajudar no desenvolvimento de meu trabalho de percurso. Gostei bastante da estrutura de seu percurso, de como ele foi montado, achei que ficou bastante organizado. Ela o organizou em pequenos tópicos que a ajudou a falar sobre o biografado. Destacou algumas atividades mostrando como o cacique Maninho contribuiu para o desenvolvimento de sua aldeia, ações que ele fez parte, contou sobre sua família, reuniões que ele participou, destacou alguns registros em que ele fez presente. No início de seu trabalho, ela começa falando sobre si mesma, começou se apresentando falando quem ela é, onde mora, contou um pouco sobre sua família também, essas coisas. Sua metodologia achei bastante interessante, quando ela fala que entrevistou 7 pessoas, sendo que duas não era da aldeia. Em seu trabalho, Edilande aborda outros temas além da história de vida do cacique Maninho. Relata um pouco sobre sua aldeia Mata Medonha, fala sobre a escola de sua aldeia, a chegada da energia elétrica, artesanato, entre outros pontos.

Pelo o que eu pude observar, o cacique Maninho foi uma liderança que contribuiu em várias áreas dentro de sua comunidade, era uma pessoa que estava de frente em todos os movimentos dentro de sua aldeia. Isso ajudou bastante a Edilande, pois ela pode contar sobre vários aspectos importantes de sua comunidade. O trabalho da Edilande me ajudou bastante, me deu ideias de como eu poderia iniciar meu trabalho de percurso sobre a liderança de minha aldeia, porque são temas parecidos, então isso ajuda bastante.

Eu também li o trabalho de Valdirene Santos de Souza, também Pataxó da aldeia Mata Medonha. O título do trabalho é “Lutas e memórias de Israel Guedes, Vice cacique da aldeia Mata Medonha” (SOUZA, 2018). No início de seu trabalho, Valdirene relata sobre sua própria vida e família. Conta onde mora, estudou, fala sobre suas dificuldades, relata bem detalhado, inclusive fala que o senhor Israel é seu pai, coisa que me chamou bastante atenção, porque tem muito a ver com meu percurso. Sua pesquisa foi realizada por meio de

entrevistas e estudo documental, que se refere a entrevistas com rodas de conversas, relatos de entrevistados individuais que foram gravados. Ela entrevistou 8 pessoas no total, dentre elas estão familiares de Israel Guedes, funcionários da escola, moradores da aldeia Mata Medonha, da aldeia Pequi e um morador da aldeia Barra Velha. Nesse percurso os tópicos foram bem divididos, mas todos eles tinham relação com o biografado, diferente do percurso da Edilande, que além de falar sobre o biografado também trouxe outros temas a serem discutidos. Valdirene nos trouxe temas como a chegada de Israel a aldeia, a história de Israel, participação de Israel na conquista da aldeia, e entre outros. Trouxe vários documentos com a assinatura de Israel, documentos de reuniões, projetos. Esse trabalho me ajudou a entender um pouco mais de como realizar meu projeto de pesquisa, me deu ideias de pegar alguns registros da liderança que quero contar sua história, meu pai, e fazer a relação dos pontos mais importantes sobre o mesmo. O mais bacana que achei no trabalho de Valdirene foi que ela fez a maioria de suas entrevistas com os próprios familiares.

Eu também li o trabalho de percurso do Iran, que estudou no FIEI, na habilitação Línguas, Artes e Literatura (LAL) e é da minha aldeia Mãe Barra Velha. De certa forma, o trabalho dele é um pouco parecido com o que estou propondo, justamente porque também está citando sobre a vida e trajetória de uma grande liderança da minha comunidade, Seu José Sales, meu avô materno. Ele buscou mais falar sobre a biografia de José Sales, contando sobre sua infância, casamento e o dia a dia dele. Mas, na minha pesquisa, eu busco mostrar, através de minhas memórias, os saberes que aprendi com meu pai, sua trajetória como liderança, as contribuições para seu povo, e também procurei ouvir de outras pessoas e lideranças da comunidade os seus pontos de vista em relação a esse grande líder. O formato de como Iran organizou sua pesquisa, achei bastante interessante, pois pegou desde sua infância até os dias atuais, mas é diferente do modo como decidi contar a história da liderança Adalton Pataxó, meu pai. No trabalho de Iran, gostaria de destacar uma frase que me chamou muito a minha atenção e que me inspira a escrever meu Percurso: *“Antigamente viviam com pouco e eram felizes, e nunca desistiam de seus sonhos, mesmo com as dificuldades”*.

Assim, no meu trabalho de Percurso, quero deixar registradas as memórias e saberes dos nossos grandes líderes, para que sirvam de espelho para as futuras gerações. Dessa forma creio que possamos deixar seus saberes e suas lutas eternizados. Neste percurso, eu falo sobre conhecimentos importantíssimos que aprendi com meu pai, uma liderança da nossa aldeia que tem o respeito dos mais velhos e dos mais novos. Essa passagem de conhecimentos de pai para filho já faz parte da cultura do nosso povo desde a antiguidade. Desde criança que nossos pais nos levam para suas atividades do dia a dia. Lá eles nos ensinam na prática, ajudamos eles e aprendemos a fazer algo que será de grande importância para nós e para a comunidade.

Então, eu escrevi este texto e o dividi em partes para ir mostrando os saberes, as lutas e conquistas de Adalton Pataxó e também para contar a história recente do meu povo, da minha comunidade de Barra Velha. Além dessa Introdução, fiz uma seção 2, chamada Caminhos Metodológicos, onde eu explico como fiz este trabalho, fazendo entrevistas, quem eu entrevistei e como estou usando elas; na seção 3, Eu, Dalton, filho de Adalton Pataxó, eu faço o meu memorial que é como uma inspiração para entrar no do meu pai, Adalton; na seção 4, eu apresento minha aldeia Mãe Barra Velha; na seção 5, eu trago as falas do meu pai, sobre a sua vida, sua cultura, seu legado como liderança e sua participação na política partidária no município de Porto Seguro e também vêm as entrevistas e depoimentos de outras pessoas da comunidade, da família e do Fiei; na seção 6, eu volto a falar sobre meu aprendizados com meu pai e liderança Adalton, contando um pouco da nossa cultura e de nosso cotidiano; na última seção, Considerações Finais, eu faço uma reflexão sobre a importância de ser liderança indígena e as contribuições de Adalton para seu povo.

2. Caminhos Metodológicos

Por isso, para fazer esse Percurso, primeiro tenho de pensar o que é memória e como nós, pataxó, lidamos e utilizamos a memória. Quando se trata de memórias, muitas das vezes pensamos logo em coisas lá do passado, coisas que aconteceram a muito tempo. Eu já prefiro pensar um pouco diferente, falar de memória realmente lembramos de coisas do passado, mas temos que olhar para trás e para frente ao mesmo tempo, para assim

conseguirmos nossos objetivos no futuro. Falo isso depois que li o texto da autora Florentina Souza (SOUZA, 2007), onde ela diz que a memória envolve vários aspectos do nosso cotidiano, seja ela cultural, religiosa, educação, política e até mesmo na saúde. Seguindo nesse pensamento, eu trago essas diversas áreas da memória para destacar a trajetória de uma das grandes lideranças do nosso povo, Adalton Pataxó. Eu estou procurando contar sobre suas contribuições que ajudaram a conseguir direitos e melhorias para seu povo e sua comunidade.

Ainda, quando eu li a resenha escrita pela autora Juliana Schober (2004) sobre o livro *Memória & Sociedade: Lembrança de Velhos* de Ecleia Bossi (1979), fiquei ciente que deixar registrado fragmentos sobre a memória de alguém e, principalmente, de um ancião, é deixar essa memória viva, para que lá na frente as futuras gerações possam conhecer e valorizar suas raízes.

Para compor este trabalho, recorri as minhas memórias junto ao meu pai em relação as experiências que tive no Território de Barra Velha e para além dele. Para escrever o texto, muitas vezes, voltei as minhas lembranças da infância, da adolescência, até os dias atuais. Levei em conta principalmente os ensinamentos que me foram passados pelo meu pai ao longo dos anos.

Busquei registrar no papel cada lembrança da memória que me parecia importante. De início, escrevia essas lembranças no papel, para, posteriormente, escrever o texto no computador, de forma a revisá-lo. A escrita inicial no papel era importante, pois no papel eu podia errar, apagar, corrigir, escrever de novo. E também porque, ao ter que passar para o computador, eu teria que fazer uma nova leitura do texto o que me ajudava a lembrar de mais detalhes dos momentos vividos.

Para além da minha memória, recorri também às imagens. As fotografias me auxiliaram a retomar as experiências vividas. Busquei nos álbuns de família imagens que me ajudavam a relatar tudo que havia vivido ao lado de meu pai. Encontrei imagens de atividades na roça, em momentos políticos, no Colegiado do Fiei, entre outros momentos marcantes. As fotografias eram importantes, pois a escrita ajuda a registrar, mas a imagem marcava a presença dele nos momentos, nas atividades.

Também recorri aos vídeos feitos em momentos essenciais para mim, como de reuniões, atividades entre família, como, por exemplo, no mangue, na roça e também em frentes de luta como foi o caso de vídeos que gravamos na viagem a Brasília no ano de 2021, na luta contra a PL do marco temporal (PL 490/2007). Vejo que, como nas fotografias, o vídeo é importante, porque ele traz elementos que, muitas vezes, a escrita não mostra.

Assim, por meio da escrita, das imagens e dos vídeos busquei mostrar os momentos e os conhecimentos do meu pai como liderança indígena, seus conhecimentos ancestrais e também como pai de família.

Além desses materiais, também realizei entrevistas com meu pai e pessoas que estiveram próximas a ele ao longo de sua caminhada como liderança. Para mim, as entrevistas eram importantes para saber o ponto do meu pai sobre o trabalho que ele desenvolve, mas também a visão de outras pessoas da comunidade sobre o trabalho e atuação dele até então. Sendo assim, além de meu pai, entrevistei mais quatro pessoas: Alex, Sr. José Ferreira (Zé Baraiá), Raoni e Kaiones e peguei depoimentos da minha mãe e dos meus irmãos. Também incluí o depoimento da minha orientadora, Vanessa Tomaz, que é professora do Fiei. Eu fiz uma primeira entrevista com meu pai, em fevereiro de 2022, quando ele falou sobre sua vida, sobre como entrou para a liderança na aldeia e algumas conquistas na educação dentro aldeia. Mas, ele não falou muito sobre a sua participação no Fiei. Por isso, em março de 2022, eu fiz uma segunda entrevista com meu pai para ele detalhar como foi o início do nosso povo no Fiei e qual é a atuação dele no Conselho. Essas duas entrevistas eu gravei em vídeo. Nesse mesmo período, entre fevereiro e março de 2022, eu entrevistei Kaiones, Alex e Raoni, todos por meio de mensagens de áudio por WhatsApp. Na mensagem do Raoni, ele falou do exemplo que tem no meu pai e citou um intercâmbio que meu pai fez, nos anos 80, no Xingu, quando era jovem. Para Raoni, esse intercâmbio ajudou a fortalecer e reavivar muitas práticas da nossa cultura que não se praticava com muita frequência. Achei interessante essa informação do Raoni, porque meu pai não costumava falar muito desse intercâmbio e não falou nele durante as duas entrevistas que tinha feito com ele. Então, eu decidi entrevistar meu pai de novo para saber mais sobre esse intercâmbio, o que fez com ele mostrasse muitas fotos antigas no Xingu. Mas,

esta entrevista eu já gravei somente em áudio usando o celular. Durante uma roda de conversa em que participávamos eu e o Raoni, ele comentou que meu pai, junto com outros jovens da época, ajudou a compor várias músicas que contam a história da nossa aldeia e como eles viviam. Então, eu vi que era preciso voltar a entrevistar meu pai para ele contar sobre essas músicas, o que resultou na quarta entrevista com ele, também gravada em áudio.

Alex foi escolhido por acompanhar meu pai, Sr. Adalton, em diversas frentes de luta, inclusive em reuniões, mutirões dentro da aldeia, e pela relação de parceria entre eles. Como um mais velho, Sr. Adalton sempre mostrou para Alex o caminho para ser um grande líder. Já o Sr. José Ferreira foi escolhido por ser o mais velho e ter uma trajetória de liderança junto com meu pai. Os primeiros trabalhos de liderança do meu pai foram seguindo o Sr. José Ferreira. A opção por entrevistar o líder jovem Raoni se deu pela bagagem que ele tem em relação ao território de Barra Velha. Raoni tem uma trajetória importante dentro da cultura do nosso povo, sendo fonte viva de consulta. Já Kaiones, além de sobrinho, atualmente é o diretor da escola indígena de Barra Velha.

Com meu pai, Sr. Adalton, realizei quatro entrevistas. A primeira no dia 04 fevereiro, a segunda em março, a terceira em agosto e a quarta em setembro, todas em 2022. Essas entrevistas foram realizadas na casa dele, as duas primeiras gravadas em vídeo e as duas últimas em áudio por meio de um celular. Achei importante registrar em vídeo para ter a imagem dele conversando, explicando e contando as histórias. As entrevistas tiveram em média duração de 25 minutos. As perguntas foram pensadas previamente, levando em conta o trabalho de liderança que ele desenvolve na comunidade.

Já as entrevistas com Alex e Raoni foram realizadas por meio do aplicativo WhatsApp, ambas em março. A opção desse aplicativo se deu pela flexibilidade que os participantes teriam para responder, já que no momento de desenvolvimento do trabalho os mesmos estavam atarefados. Para eles, enviei uma pergunta para saber o ponto de vista deles sobre o que o Sr. Adalton já havia contribuído dentro da aldeia e cada um aprofundou da forma que achava melhor. Eles então gravaram um áudio falando sobre a questão. O áudio do Alex teve em torno de 13 minutos e do Raoni em torno de 8 minutos.

A entrevista com Kaiones também foi realizada no mês de fevereiro pelo

WhatsApp, pois como aqui na aldeia ainda estávamos em período de pandemia de covid-19, ficaria melhor entrevistá-lo dessa forma. Resolvi fazer a entrevista com ele, porque é o atual diretor da escola de Barra Velha, e também porque é um jovem que tem grandes conhecimentos sobre seu povo. Mandeí um áudio para ele perguntando se poderia dar essa contribuição em minha pesquisa, falando um pouco sobre a liderança Adalton Pataxó, contribuições, papel de liderança na aldeia e também seu ponto de vista sobre o mesmo. O áudio teve em torno de oito minutos.

Já a entrevista do Sr. José Ferreira (Zé Baraiá) foi realizada em maio em sua casa. Para ele, considerando sua longa trajetória no papel de liderança em Barra Velha, perguntei quais eram as contribuições do Sr. Adalton para a comunidade e qual era o ponto de vista dele sobre a liderança Adalton. Deixei ele a vontade para responder e ia conversando ao longo da entrevista nos momentos oportunos. Esta entrevista foi gravada em áudio e teve em torno de duas horas.

Assim como fiz entrevistas com outros parentes da aldeia, também resolvi pegar os depoimentos de pessoas mais próximas de meu pai. Entrevistei meu irmão, minhas irmãs, minha mãe e também a professora Vanessa, pois é uma pessoa que sempre contribuiu muito com seus conhecimentos. Resolvi pegar os depoimentos de meus familiares, porque são as pessoas mais próximas dele, estão ali no dia a dia, e também porque a família jamais poderia ficar de fora. A professora Vanessa, com todo seu conhecimento, sempre está presente para nos ajudar. Também já tem uma grande caminhada de luta junto com a gente, no curso do Fiei, ela tem grande trajetória de luta, acompanhou meu pai em algumas lutas de frente. Então, por esse motivo sua fala jamais poderia ficar de fora desse trabalho.

Após a realização das entrevistas, comecei a transcrever os dados. Busquei transcrever as entrevistas realizadas com Sr. Adalto, Alex, Raoni e Kaiones na íntegra. Já a entrevista com o Sr. José Ferreira, transcrevi as partes que tinham mais proximidade com as experiências compartilhadas com meu pai, que, de certa forma, respondia as minhas inquietações.

Tentei trazer para a transcrição o modo como eles falavam. Mas, em algumas vezes, confesso que tive dificuldades de passar a fala dos

participantes para o formato do português padrão, por isso, tive que fazer algumas adaptações, como, por exemplo, substituir algumas palavras. Ao longo do trabalho, trarei na íntegra essas entrevistas.

3 Eu, Dalton, filho de Adalton Pataxó

Figura 2: Dalton Pataxó, ATL 2021



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Minha história inicia-se em 25 de junho de 1998. Nasci na aldeia mãe Barra Velha, que está localizada no extremo sul Bahia, mais especificamente no município de Porto Seguro. Minha mãe teve parto normal em casa, com parteira da Aldeia. Sou filho de Adalton Ananias Nascimento e de Elian Braz dos Santos. Venho de uma linhagem familiar de uma das primeiras famílias que

nasceram em Barra Velha. Meus pais são nativos da Aldeia em que moramos até hoje. Tenho mais três irmãos, duas mulheres e um homem, por nomes de Críscia, Clécia e Akerlan. Minha mãe acabou perdendo mais dois bebês, pois foi uma gravidez de risco e infelizmente aconteceu essa fatalidade.

Gostei muito da minha infância, foram momentos muito bons sinto falta dessa época. Quando eu era criança, gostava muito de brincar com meus amigos, a gente brincava de vários tipos de brincadeiras. Brincávamos de pega-pega, pé no litro, esconde-esconde, cabo de guerra, corrida de maraká, brincávamos de carrinho, tinha o futebol e várias outras brincadeiras que a gente inventava na hora. Minha infância foi repleta de bons momentos, mas também teve uns momentos que não foram legais. Minha bisavó paterna faleceu quando eu ainda era criança, foi um choque enorme para minha família e também para nossa aldeia. Meu pai ficou muito abalado, pois ele era muito apegado a ela. Apesar desses momentos tristes, eu não tenho muito do que reclamar da minha infância, a maior parte dela foi repleta de momentos felizes.

Os lugares que eu mais gostava de brincar com meus amigos era na casa da minha avó ou então lá no quintal de casa, nossas brincadeiras eram ótimas e bem divertidas. Às vezes a gente saía, ia lá para lagoa tomar banho, era mais ou menos umas 20 crianças, uma farra. Algumas vezes íamos escondidos dos nossos pais e isso na maioria das vezes terminava com alguém apanhando dos pais, mas no outro dia estava todo mundo lá de novo na lagoa, a gente não aprendia nunca a lição.

Quando chegava o período do verão, aqui na aldeia tinha muita fartura de frutas, era quando a gente gostava mais, porque tinha fruta à vontade para comer, era uma alegria só. A gente pegava manga, mangaba, caju murtinha do Campo, tinha também Eugênia, tinha vários tipos de frutas para nós, a criançada ficava louca. Nessa época também era quando nossos pais ficavam mais preocupados conosco, porque, para arrancar as frutinhas, a gente tinha que subir nas árvores e às vezes acontecia alguns acidentes, por isso a preocupação.

O que eu mais eu gostava de fazer era ir pescar com meu pai e brincar com os meus amigos. Todo final de semana meu pai chamava eu e meus irmãos para irmos à praia pescar, eram momentos de muita alegria. Nós

pescávamos, tomávamos banho no mar. Na praia a gente pegava ouriço, rita pedra e vários outros mariscos, depois nós pegávamos tudo isso, quando vinha a melhor parte, que era comer esses mariscos. Chegando em casa, juntos fazíamos uma bela fogueira e colocava tudo isso para assar, alguns nós comíamos crus mesmo, era massa demais.

Lembro também da época de quando começavam as festas de Reis aqui na aldeia, era um período de muita alegria para toda comunidade. Para a criançada que era mais divertido, porque na hora das rodas de samba tinha as “caretas”, que eram algumas pessoas fantasiadas com máscaras. Essa turma saía correndo disparado atrás das crianças nas ruas, era muito divertido, alguns ficava com medo das caretas, mas tinha outros que sabiam se divertir.

Figura 3: Caretas, Festa de Reis, Barra Velha (2017)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Minha infância foi ótima. Tiveram bons momentos, alguns que não foram tão bons, mas é assim mesmo. Hoje eu sinto falta do período que eu era criança, era tudo tão fácil para nós, nosso meio de vida era tão saudável até mesmo nossa comunidade era bem mais feliz.

Creio que a melhor fase de nossas vidas é quando somos apenas uma criança, não temos preocupações, não julgamos as pessoas, somos apenas crianças. Durante minha infância, foram momentos únicos e verdadeiros, hoje eu percebo que naquela época a gente sabia viver de verdade. Falo isso porque antigamente não tinha energia elétrica, não tinha internet muito menos smartphone, com isso nossos momentos eram feitos de muitas brincadeiras e diversões. A gente era felizes e não sabia disso. Hoje, vejo as crianças com apenas 2 aninhos de idade já com celular na mão praticamente o tempo todo, isso é muito triste, porque muitas vezes ela vai ter mais contato com as coisas de fora do que da nossa própria cultura. Vejo alguns costumes nossos deixando de ser praticados em meio a tantas tecnologias. Às vezes fico me perguntando se eram essas as melhorias que nossos velhos morreram lutando para as novas e futuras gerações. Será que era assim que eles queriam? Sabe, creio que minha infância foi muito melhor do que a de muitas crianças nos dias de hoje.

Meus pais sempre sobreviveram do artesanato e da agricultura familiar, a renda que eles tinham deu para criar seus quatro filhos. Meu pai, até hoje, conta várias histórias do período em que ele vendia artesanato, essas histórias ele conta com o propósito de nos fazer refletir de como era a realidade de nossa comunidade antigamente em relação aos dias atuais.

Toda minha família é bem grande dentro da Comunidade, praticamente todos os meus familiares ainda moram dentro da aldeia.

Figura 4: Parte da família que vive em Barra Velha (2022)



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Hoje a nossa renda já não é só do artesanato e nem da agricultura ou do turismo, mas também do próprio salário. Muitos parentes já se formaram em algumas universidades do país, como, por exemplo, os que formaram na UFMG e já conseguiram um emprego dentro da própria Aldeia, a maioria deles dentro da escola.

Gosto muito da família que tenho, sou muito grato a Deus por ter me colocado em uma ótima família. Agradeço a Deus por ter ótimos pais, ótimos irmãos e pela ótima esposa que tenho e por ter me dado dois lindos filhos, um menino por nome Kãnawã e uma menina que se chama lamaihã. Eu casei com apenas 15 anos de idade, tive que ter responsabilidades maiores desde então, muitos diriam que eu perdi minha fase de adolescente, mas eu não tenho nada do que reclamar, sou muito grato a tupã por tudo isso.

Comecei meus estudos com 4 anos de idade, com essa idade eu ainda não podia ser matriculado na escola, então eu estudei um ano de alfabetização como ouvinte. Comecei a estudar pela turma matutina, na escolinha que fica na sede da Aldeia. No início tudo era novo para mim, muitas coisas novas em que eu tinha curiosidade em aprender, meus professores naquela época eram daqui da minha aldeia mesmo.

O período que estudei como ouvinte para mim foi muito bom, porque aprendi muitas coisas importantes. Na verdade, não só o primeiro ano como

ouvinte, mas sim todos os meus anos de estudo me fortaleceu bastante, só tenho é agradecer aos meus professores e familiares.

Nessa época a vida do meu povo em minha comunidade era bem simples e bem mais saudável. As nossas atividades do dia a dia eram bem simples e dava um prazer de fazê-las, a nossa rotina era muito feliz, como já contei acima. Não tinha tantas tecnologias que interferiam em nossas vidas, a educação e o respeito por todos dentro da aldeia vinha em primeiro lugar, sinto saudades dessas épocas.

A primeira escola em que eu comecei a estudar fica localizada na sede da Aldeia Barra Velha. A escola tinha apenas quatro salas de aula, em cada sala estudavam uns 20 alunos.

Depois que conclui o Ensino Fundamental I, fui estudar o Ensino Fundamental II lá na outra escola de Barra Velha, que fica em um local chamado Rua de Cima. Essa escola já era bem melhor em comparação com a primeira, a estrutura física era melhor o ambiente, até mesmo as aulas ficavam melhores. Na época ela tinha 6 salas de aula, tinha uma biblioteca, um pátio para descansarmos e também o refeitório.

Depois de alguns anos construíram mais quatro salas de aula, e isso só fez com que a escola se tornasse melhor. Não tenho nada do que reclamar da escola onde eu estudei, aliás muito pelo contrário, eu só tenho de agradecer por ter estudado dentro da minha própria comunidade com meus parentes.

As lembranças que tenho do meu período de escola são ótimas lembranças, bons momentos que passei com meus colegas e também com os meus professores. É claro que sempre tem alguns colegas que a gente é mais apegado. As nossas aulas sempre eram uma alegria, todo mundo era bem alegre. Às vezes, quando tinha alguém triste na sala, nós fazíamos de tudo para que essa pessoa deixasse a tristeza de lado e voltasse a sorrir.

Quando era data comemorativa na escola, nós realizávamos algumas festinhas para comemorar juntamente com a comunidade. Os professores ficavam na organização, e nós alunos juntos com eles preparávamos tudo para que no dia da comemoração ocorresse tudo certo. Algumas datas como: Dia dos Pais, Dia das Mães, aniversário da escola, 19 de abril, dia das crianças, dia

da Independência do Brasil, esses são exemplos de algumas comemorações que a gente fazia na escola.

Figura 5: Momentos na Escola Indígena Pataxó de Barra Velha (2013)



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Os momentos que passei com meus colegas e professores foram os melhores possíveis, é claro que às vezes tinha alguns contratemplos, mas eu sempre tentei aproveitar o máximo possível. Lembranças como essas são difíceis de esquecer, me lembro como se fosse hoje dos bons tempos de escola que passei.

Sempre fui um aluno bem dedicado aos estudos, me dediquei dar o meu melhor nas aulas. Isso fez com que tirasse boas notas, nunca fui reprovado em nenhuma matéria, graças a Deus. Às vezes, meus colegas ficavam com um certo ciúme de mim, porque como eu era um aluno que tirava boas notas e nunca fui reprovado, os professores sempre me elogiavam, então isso fazia com que meus colegas ficassem com um certo ciúme.

Logo nos primeiros anos de escola, comecei a fazer provas pela primeira vez, eu senti um pouco de dificuldade para estudar os assuntos das provas, mas mesmo assim ainda conseguia fazê-las. Quando os professores falavam

em prova, todos da sala ficavam bem tensos, mas isso só era antes da prova, depois que a gente fazia elas, ficávamos todos aliviados. Ali mesmo a gente fazia resenhas um do outro e no final dava tudo certo.

Com o passar dos anos os assuntos ficavam cada vez mais difíceis, mas quando os professores explicavam bem direitinho para nós, ficava bem melhor de entendê-los. Nós ficávamos bem tensos quando eram provas de finais de ano, às vezes dava um certo medo. As provas finais eram bem complicadas, os professores pegavam um pouco pesado, depois que nós terminávamos de fazê-las, a gente ficava ansioso para saber logo os resultados, ainda mais quando era época que fazíamos formatura, aí que a galera fica bem agitada. Depois que os professores passavam os resultados para nós, a gente ficava bem mais tranquilos, porque aí sabia quem estava aprovado e quem estava reprovado, na maioria das vezes todos eram aprovados, era uma festa para todos nós.

Hoje quando lembro de todas as lembranças do meu período de escola, eu sinto muitas saudades, saudades dos meus colegas, dos meus professores, das brincadeiras até mesmo das broncas que a gente tomava. Esses momentos foram inesquecíveis, sinto muitas saudades.

No período em que eu estudava, tinha algumas matérias que eu gostava mais e outras que eu não gostava muito. As disciplinas que eu mais gostava de estudar eram: Patxôhã, História, Geografia, Educação Física, Artes, Matemática, Biologia. Mas, dentre essas disciplinas, tinham umas que eram bem divertidas como, Educação Física, Patxôhã, Artes, História. Algumas matérias que eu não era muito afim de estudar eram: Português, Inglês e Física.

Estudei muitas matérias diferentes, algumas aprendi de imediato, agora tiveram outras que fiquei com algumas dificuldades, como, Inglês, Português, Física e Legislação. Apesar de algumas dificuldades nessas matérias, sempre esforcei em dar o meu melhor.

Desde o início, sempre tive uma facilidade com os números, a disciplina de matemática era uma das minhas preferidas. No começo, os professores não deram muita importância, mas depois de alguns anos quando eu avancei de série, eles já começaram a ter um olhar diferente para mim, passaram a me dar um pouco mais de atenção.

Sempre achei a matéria de matemática bastante interessante, depois que avancei algumas séries, o grau de dificuldade dos assuntos aumentou e também o modelo de aplicar as aulas ficou bem mais legal, ficou mais dinâmica e isso foi muito bom. As aulas ficavam melhores ainda quando a gente relacionava nossos conhecimentos tradicionais com o científico. Minha relação com a disciplina de matemática sempre foi das melhores possíveis, os professores sempre muito pacientes com os alunos, explicavam bem os assuntos. Aprendi muito com eles, principalmente com os professores Arivaldo e Everton.

Minha relação com os professores sempre foi das melhores, os professores também sempre tiveram um ótimo relacionamento com nós alunos. Logo quando eu comecei meus estudos, a maioria dos nossos professores não tinha nenhuma formação em um curso superior, mesmo assim eram ótimos, davam o seu melhor para com os alunos.

Lá no Ensino Fundamental, o modelo das aulas era muito relacionado aos conhecimentos científicos. Eu sempre debatia isso com alguns professores, às vezes dava até algumas ideias para fazer algumas aulas diferentes, mas eles não escutavam a gente. As únicas matérias que tinha relacionamento com o nosso dia a dia, era as aulas de Patxohã e Educação Física e também Ciências.

Depois de algum tempo, quando alguns parentes da nossa aldeia começaram a estudar em algumas universidades do país, principalmente na UFMG, foi que os modelos de aula da nossa escola começaram a mudar, mudaram para melhor, é claro. As nossas aulas ficaram mais dinâmicas, mais divertidas e também foram elaboradas mais aulas sobre o nosso conhecimento tradicional, principalmente, as aulas de matemática.

Hoje dentro da minha aldeia, ainda utilizamos nossa língua materna. Falamos quando estamos em uma roda de conversa entre amigos, quando estamos fazendo um artesanato ou em um plantio de uma roça, e também em várias outras atividades dentro da Aldeia. Falamos também ela nos rituais e nas reuniões que acontecem na aldeia. A língua do nosso povo é a Patxohã, é muito diferente do idioma predominante no país, a língua portuguesa. O jeito de falar, a escrita, tudo é diferente aqui na aldeia sempre nos comunicamos ao

máximo possível em nosso idioma. Um exemplo bem claro é quando estamos fazendo nossos rituais sagrados, quando cantamos, dançamos, fazemos nossas orações, sempre dando preferência à nossa língua.

Quando eu era criança, tinha bastante curiosidade em aprender as coisas, principalmente, quando era os mais velhos que estavam fazendo, já presenciei várias atividades em minha comunidade que envolvia a matemática tradicional do nosso povo. Sempre gostei de assentar para ouvir as histórias de nossos mais velhos, histórias essas que faziam a gente viajar no tempo, viver aquele momento tão especial.

Figura 6: Comendo e ouvindo histórias contadas pelo meu pai



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Muitas coisas aprendi com meus familiares, pois sempre estava ali observando. Eu era muito curioso e sempre estava ali perguntando para que eu pudesse aprender.

Nós indígenas temos um dom especial para aprender as coisas um pouco diferente da cultura ocidental, nossa sabedoria e aprendizagem buscamos com nossos livros vivos, nossos mestres anciões que sempre estão ali para nos ensinar. Aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo, observando, conversando e praticando aquilo que nos passaram.

A matemática do meu povo pataxó é mais relacionada aos seres naturais da natureza, utilizamos plantas, o sol, a lua, o mar, a terra e também utilizamos outros meios para medir como as palmas das mãos, os passos dos

pés, cordas, pedaços de madeira, algumas pedrinhas e também a altura da própria pessoa.

É claro que cada aldeia tem uma realidade ou necessidade diferente, e isso faz com que algumas delas utilizam alguns meios da matemática mais do que outro. O meu povo utiliza esses meios há muito tempo, há décadas ou até mesmo séculos, e claro que com o passar dos anos algumas coisas mudaram ou se transformaram, isso faz com que nos dias de hoje, nós possamos entender melhor os conceitos sobre a matemática. As pessoas do meu povo, quando se fala em matemática, alguns preferem a matemática tradicional, porque é mais fácil em aprender e também porque a maioria delas já cresceram praticando no dia a dia.

A nossa matemática pode ser vista de várias formas, através do idioma falado, na escrita, através de artes, nos formatos dos colares, das pulseiras, dos brincos e também nas pinturas corporais ou em qualquer outro tipo de pintura em telas ou em paredes. Nos festejos que realizamos em nossa comunidade, a matemática também é realizada a todo momento. Como, por exemplo, quando vamos fazer um mutirão de embarreiro de uma casa, o dono da casa logo pensa na quantidade de pessoas que tem que chamar para que a casa fique pronta em um dia, e vários outros pontos que ele tem que planejar para que o embarreiro aconteça. Tem também de ver a quantidade de comida, a distância de onde vai pegar o barro, com quem vai pegar o barro e também tem que ter uma quantidade boa de caiboca (cachaça).

As duas matemáticas, a matemática ocidental e a matemática tradicional do nosso povo, elas estão presentes em nosso cotidiano desde a antiguidade. A todo momento ela (matemática tradicional) está sendo praticada e renovada, cada dia que passa nós aprendemos coisas novas e também algumas coisas nem são tão novas, mas que já fazia parte do nosso povo há muito tempo e que nós jovens nem sabemos.

Com o passar do tempo mudaram muitas coisas em minha vida, entre altos e baixos nunca baixei a cabeça. Aos 15 anos de idade comecei a estudar no Ensino Médio e pra mim foi uma satisfação enorme estudar o ensino médio dentro da minha própria aldeia e com meus primos e colegas de turma. Esse período foi muito desafiador para mim, porque logo no segundo ano de ensino

médio eu me casei e tive um lindo filho. Foi desafiador porque tive que ter responsabilidades maiores entre estudos, família e trabalho. Mas, mesmo com todos esses desafios, consegui me formar no terceiro ano e foi uma alegria imensa para todos nós.

Por outro lado, estávamos um pouco tristes, porque ali estava se fechando um ciclo de muitos anos que nossa turma estudava juntos, e bem provável que nossos colegas de sala talvez não iam se ver mais todos os dias. Logo depois disso, cada um seguiu seu rumo, com suas famílias e suas responsabilidades.

No ano seguinte, fiz o vestibular da UFMG para o curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – Fiei-UFMG, mas infelizmente não consegui passar logo de primeira. Entretanto, continuei tentando e na terceira vez consegui. Passei logo na turma da matemática, matéria que tinha maior intimidade, logo pensei: “tô no caminho certo”.

Minha primeira etapa no curso em licenciatura para educadores indígenas na área de matemática foi bastante produtiva para mim. O curso abrange bastante sobre os conhecimentos tradicionais e científico, isso foi o que eu mais gostei.

Figura 7: Apresentação da turma da matemática no primeiro módulo do curso (2018)



Fonte: Arquivo coletivo da turma Matemática

Essa primeira etapa, apesar ser bem produtiva, foi também um pouco cansativa, porque era uma coisa nova em minha vida. Tinha alguns assuntos que era passado na sala de aula, que eu nunca tinha visto na vida, então eu ficava meio perdido. Ainda tem a questão de que eu nunca tinha saído da aldeia para morar em uma cidade grande, eu ficava perdido em uma floresta de concreto. Muitas coisas que eu nunca tinha visto em minha aldeia, estavam ali em minha frente pela primeira vez, poluição dos rios, das ruas, muito barulho de carros, muita pobreza e violência. Presenciei de tudo isso, isso tinha demais. O que eu mais senti falta foi de ouvir os cantos dos pássaros, da floresta, o barulho do mar que tanto me alegra, senti falta da tranquilidade e sossego de minha aldeia.

Minha experiência como universitário teve bons momentos, mas também teve alguns que nem tanto. Justamente porque eu tive bastante dificuldade em entender alguns assuntos na sala de aula, as vezes via os professores ali explicando os assuntos parecia que estavam falando em outro idioma para mim, não consegui entender o que eles tinham para passar. Às vezes, eu mesmo ficava me perguntando porque não consigo compreender os

assuntos, no período de escola eu era tão bem na matéria e aqui não consigo me destacar? Imaginava um monte de coisas, menos o assunto da aula, eu ali com meu jeito brincalhão fazia alguma brincadeira na sala para descontrair um pouco e tentar deixar a aula mais leve, sempre fazendo os colegas sorrir. Mas depois de algum tempo, comecei a me sentir melhor com os assuntos, comecei a descobrir um pouco mais sobre essa matemática que para mim era nova. Lá também foi onde fiz novas amizades, parentes de outras aldeias e de outros povos que também estavam estudando, colegas de curso que assim como eu também estavam ali com um propósito em suas vidas.

Durante meu período de escola, meus pais sempre me deram conselhos e ensinamentos para o estudo, sempre me passaram a dedicação para estudar e ser alguém na vida, buscando uma profissão de trabalho. Desde criança me ajudaram bastante com as atividades de escola, me ajudaram a aprender a ler e escrever, mas nunca deixaram de lado os ensinamentos e conhecimentos tradicionais do nosso povo.

Quando chegou o tempo em que passei no vestibular da UFMG, foi um momento de muita alegria para toda minha família, principalmente para meus pais, pois era um sonho que estava se realizando para eles e para mim também. Durante meu início na universidade, passei por algumas dificuldades e até pensei que não ia conseguir, mas minha família me ajudou bastante a superar esses momentos difíceis. Meu pai, por sua vez, sempre estava ali do meu lado me incentivando, dando forças para mim. Ele me ajudou bastante financeiramente para eu conseguir me manter na capital e também manter meus filhos e esposa que ficaram na aldeia. Hoje, eu percebo que aqueles momentos difíceis que passei só serviram para meu fortalecimento nessa caminhada, pois sou muito grato por tudo que aprendi com meu grande mestre, meu pai, liderança Adalton Pataxó.

4 Aldeia Mãe Barra Velha

Como já falei, moro na aldeia mãe barra velha que está localizada no extremo sul da Bahia, mais especificamente no município de Porto seguro. Minha aldeia é reconhecida como aldeia mãe, porque ela foi a primeira aldeia

pataxó a ser criada, sendo assim a mais antiga das aldeias pataxó.

Em 1951, aconteceu um fato muito triste aqui na aldeia, que fez com que muitos indígenas na época perdessem a vida de forma cruel, porque foram arrancadas suas almas de seu próprio corpo. Esse massacre ficou conhecido como " fogo de 51", depois desse ocorrido foram surgindo outras aldeias pataxó.

No mapa abaixo que retirado do Percurso de Erilsa Braz dos Santos, egressa do Fiei-Matemática e atual vice-cacica de Barra Velha, é possível identificar a diversidade de ecossistemas do bioma da mata atlântica dentro do território.

Figura 8: Mapa que representa o TI de Barra Velha



Fonte: produzido por Carlos Adriano Braz Ferreira, retirado de Erilsa Braz dos Santos (2018, p.15)

Minha aldeia é um lugar maravilhoso de se viver, as pessoas são maravilhosas, divertidas, bem receptivas, e o melhor de tudo é que está bem próximo da praia e do mangue. Aqui, boa parte de nosso alimento diário nós tiramos da própria mãe natureza. Temos o mangue para pegar os caranguejo, ostras e lambretas, e temos o mar onde pescamos nossos mukusuy, ouriço, lagostas e outros mariscos.

Figura 9: Mar em Barra



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 10: Mangue em Barra Velha



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 11: Cozinhando Caranguejos (2022)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 12: Cozinhando Conchas (Lambretas) (2022)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Também utilizamos a terra para plantio, plantamos um pouco de cada coisa, abóbora, melancia, feijão, milho, mandioca e hortaliças.

Figura 13: Colheita do feijão em Barra Velha



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 14: Plantio de milho em Barra Velha



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Aqui em minha aldeia, apesar de já termos introduzido costumes de fora, ainda preservamos muito da nossa identidade, nossa cultura, costumes, tradições e nossa hierarquia de organização interna ainda prevalece: temos o cacique e também outras lideranças que sempre estão em busca de melhorias para nossa comunidade.

A aldeia mãe Barra Velha tem uma população de aproximadamente 2.500 habitantes, distribuídas em aproximadamente 300 a 400 famílias. Hoje em dia, o meio econômico da comunidade se baseia mais no turismo, pesca, agricultura familiar e também alguns cargos públicos dentro da comunidade, por exemplo, professores, agentes de saúde e também agentes de limpeza. O meio econômico mais forte hoje dentro da aldeia vem do turismo, de onde temos a venda do artesanato, passeios de Buggy, e também algumas pousadas e restaurante nos vilarejos de Caraíva e Corumbau, que sempre geram empregos para as pessoas da comunidade e região.

Conforme apresenta o percurso de minha irmã, Críscia, que também estudou no Fiei (NASCIMENTO, 2018), os rituais também fazem parte da vida Pataxó e tem um grande valor principalmente para a comunidade de Barra Velha. Nesses rituais celebramos a vida e fortalecemos nossa cultura por meio das pinturas, das conversas, da partilha e dos cantos.

Figura 15: Ritual Pataxó



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Tem um canto do nosso povo, que sempre eu gosto de cantar, pois ele fala e retrata muito bem a aldeia mãe. Esse canto é muito sagrado para o povo pataxó: "*Na minha aldeia tem, beleza sem plantar, eu tenho o arco eu tenho a*

flecha, eu tenho raiz para curar, viva Tupã viva Tupã, viva Tupã que nos veio trazer hayõ". Sempre quando fazemos nossas cerimônias sagradas, gostamos de iniciar com esse canto, pois ele é muito sagrado para nós.



Escrever meu memorial foi como um treino para entrar na vida e na luta de Adalton Pataxó, meu pai e liderança, cuja trajetória me desafiei a escrever. Achei que preciso dar a palavra primeiro a ele, por isso, passamos no próximo capítulo a conhecer Adalton por meio de sua própria narrativa.

5 Memórias de Adalton Pataxó

Figura 16: Adalton como liderança (2022)



Fonte: *Arquivo pessoal do pesquisador*

Figura 17: Adalton na escola como liderança



Fonte: *Arquivo pessoal do pesquisador*

Figura 18 – Suruí e Adalton na luta pelos nossos direitos no ATL 2021



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

5.1 Adalton Pataxó por Adalton Pataxó

Figura 19: Adalton Pataxó na ATL-2021



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Eu realizei quatro entrevistas com Adalton. Nessas entrevistas ele contou sobre sua vida, da infância à juventude, do trabalho de fortalecimento da cultura pataxó, falou do seu cotidiano, da atuação como liderança e da educação em Barra Velha. Transcrevemos essas entrevistas inteiras e tentei trazer na escrita a forma como ele falou. Isso para que quem está lendo este trabalho possa conhecer um pouco desse grande líder.

Na entrevista 1, realizada em 4 de fevereiro de 2022 e gravada em vídeo, ele conta sobre muitas coisas da sua vida. Já na entrevista 2, realizada em 15 de março de 2022 e também gravada em vídeo, ele detalha sua atuação na educação, como membro do conselho no Fiei. Na entrevista 3, realizada em 25 de agosto de 2022, gravada em áudio, ele conta sobre a viagem ao Xingu quando era jovem, para um intercâmbio com os povos de lá, e no dia 01 de setembro realizei a entrevista 4, gravada em áudio, em que ele falou sobre sua atuação na política ligada à representação do nosso povo nas instancias democráticas do município de Porto Seguro e seu envolvimento nos pleitos locais, nela ele também falou sobre quando na sua juventude ajudou na criação de músicas pataxó.

ENTREVISTA 1 – Infância, juventude, família, educação e liderança.

Figura 20: Banho no mangue com as crianças (2022)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Boa tarde a todos e a todas. Meu nome é Adalton Pataxó no português, mais conhecido na tradição Pataxó como Saracuri Pataxó. Hoje, dia 4 de fevereiro de 2022, nesse momento estamos aqui fazendo um trabalho aqui na aldeia mãe Barra Velha, considerada aldeia mãe, porque daqui que saiu todo nosso povo Pataxó.

Nesse momento eu queria explicar a todos um pouco da minha rotina de trabalho, como me tornei a ser liderança né, e como de certa forma qual é nossa responsabilidade, qual nosso papel, qual nosso inteiramento da gente introduzir dentro da nossa responsabilidade de uma comunidade. Eu como membro dessa comunidade, filho e nascido daqui, filho dos nossos velhos de nossas ancestralidades, eu, na minha infância de 22 anos, comecei a entrar na liderança convocado pelos membros mais velhos. Como já tem um legado muito grande, como todos conhecem né, na época do Tururim que foi o maior guerreiro nessa história do povo Pataxó também. Ele me fez um convite para poder estar junto com a equipe dos mais velhos, como se fosse uma liderança jovem, e a expectativa era de passar uma experiência dos mais velhos para os jovens. Então eu comecei a fazer as caminhadas que naquela época. A gente aqui nem estrada tinha, o nosso meio de trabalho, o nosso meio de chegar até as cidades mais próximas como Prado e Porto Seguro era pela praia, então a gente passava de dois a três dias pra chegar em Porto Seguro. Então a gente começou a fazer uma caminhada, muita das vezes a gente fala uma caminhada numa trajetória de trabalho e tudo, mas a gente fazia caminhada de verdade, incansável pedindo apoio das prefeituras nas cidades que a gente chegava. Ele pedia uma passagem e a gente seguia em frente, muitas das vezes pra ir ao Rio de Janeiro ou naquela época já tinha a FUNAI, mas ainda era considerado distante né, pois era em Valadares e a gente começamos a caminhar assim. E naquele tempo, era tudo impossível, porque a maioria da população da região não queria ser índio, era um descaso, essa ainda era a rejeição na região que a gente tínhamos, porque naquela época quem falava que era índio, num era índio, era caboco né, então a gente tinha essa discriminação ainda. Isso também fazia com que a nossa luta

ficava fraca pra gente adquirir reconhecimento. Então quando as vezes na cidade tipo Porto Seguro, muitas das vezes nossos velhos se deslocava daqui pra ir a Porto Seguro fazer apresentações pra representar como indígena ali, pra poder provar que aqui dentro do município de Porto Seguro tinha índio ainda né, por mais que a história escrita de livros tenha, mas ainda os governantes não acreditava, porque tantas demandas que existiram. Mas o povo saia daqui a pé, pra se apresentar em Porto Seguro para provar aos governantes que ainda existia um povo aqui que é esse povo Pataxó, então isso tudo a gente sofremos muito na pele em referente a isso né. De lá pra cá a gente foi conquistando espaço, conquistando a garantia de ser índio, primeiro foi essa luta, num era pra garantir nem a terra era para garantir o reconhecimento que a gente vivia aqui nessa região, então a trajetória que a gente reconhece hoje é duro falar, mas a realidade era essa.

Então têm muitos ancestrais que já se foram, outros que ainda estão aí, eu sempre tive o meu currículo desde minha infância de 22 anos, de trabalhar nessa mesma visualidade e experiência dos nossos velhos. Ser liderança num é fácil, e muito mais fácil de cada ano que se passa as coisas vão se modificando né. Naquele tempo nós só tínhamos mais ou menos 22 famílias ou 30, hoje na aldeia Barra Velha nós temos 774 famílias, distribuídos quase em 3 mil indígenas, é impossível, hoje nós temos cacique nós temos membros. Mas hoje eu sempre falo que a aldeia que nós tínhamos há 40 anos atrás totalmente diferente de lá pra cá, isso também é uma experiência de vida. Cada ano que passa as coisas vão se mudando pra melhor, mas também tem outras coisas, que muitas das vezes se nós não tiver preparado para essas ações, nós perdemos nossos espaços, principalmente a garantia, a garantia da sobrevivência, a garantia do respeito, a garantia da humildade, a garantia de familiares, a garantia do lazer e da liberdade. Então isso também faz parte de uma memória de nossos ancestrais, essa convivência familiares, nós estamos perdendo, isso também enfraquece todo um contexto de luta, na educação, na saúde, na questão de demarcação de nosso territórios, na convivência, isso tudo pra nós que tem uma

experiência de longa jornada, pra gente isso eu vejo assim que é uma porrada na nossa memória, porque isso tudo a gente se senti falta, eu chego a me emocionar, desculpa... Quando a gente lembra dos nossos trabalhos que a gente já fez aqui em Barra Velha e continua fazendo, há mudança, essas mudanças faz também com que nossos velhos adoecem né. Porque as coisas que as coisas que nós tínhamos antes hoje já não temos mais, e a luta de ser liderança todos eles têm um problema mental, porque fica preocupado. A gente fica preocupado com várias ações, porque a gente tá aí com várias barreiras pela frente e a gente cada vez mais enfraquecendo, porque não temos mais essa unificação.

[...]

O primeiro passo aqui na aldeia Barra velha eu tenho orgulho de dizer isso, com a luta de nossos ancestrais de nossos velhos nós conseguimos trazer escola pra dentro de Barra velha. Hoje nós temos até o ensino médio, agradecemos todos aqueles que nos apoiaram. Nós temos um entendimento com o município de Porto Seguro que o ensino médio da Aldeia Barra Velha até hoje é garantido através município, que todos vocês sabem que o ensino médio é através do estado, mas o município garante até hoje, a gente tem uma concordância. Mas nós queremos organizar e garantir os nossos educadores dentro daqueles critérios que é pela LDB, isso que nós estamos lutando. O ensino médio de Barra Velha se estendeu pra aldeia Boca da Mata, enquanto outras aldeias aqui não tinha e nós tivemos essa grande oportunidade. O primeiro ensino médio que foi formado na época em Itabela, a cidade mais próxima daqui também, com o apoio do município de lá também. Os alunos estão ai hoje, os nossos alunos saem daqui preparado para a universidade. Nós já se formamos vários de nossos indígenas, e hoje tão contribuindo com os conhecimentos que eles buscaram, nós agradecemos muito a nossa universidade de Minas Gerais, o que nós não tivemos oportunidade aqui no estado da Bahia, nós tivemos em Minas Gerais. Os nossos professores que são nossos maiores amigos não só como professor, abraçaram a causa e abraçam até hoje. Nós

queremos que isso dá continuidade, porque esse projeto, ele é contínuo e nós lideranças criamos um conselho junto com a universidade que é a UFMG, nós juntos lá criamos um projeto pra poder as lideranças ter um conselho pra discutir e entender o que é o melhor para nosso povo indígena, e estamos aí. Nós temos parceria e muito melhor com a universidade de Minas Gerais até a própria reitoria nos apoia, o nosso coordenador[pró-reitor] da universidade, o nosso promotor sempre esteve aqui, nos convidamos, conhece nossa aldeia, Barra Velha. Num desfazendo das outras aldeias, Barra Velha hoje, eu considero como uma capital dos Pataxó, porque daqui que saiu toda sua história, daqui que saiu toda sua lutas, daqui que saiu o ensino médio, daqui nós temos a maioria dos professores formados, e estão formando mais. Por isso, que eu volto a dizer é um projeto que nós pedimos a Deus nosso tupã, que o governo enxergue isso que é um projeto contínuo, fortalecer esse projeto dentro da UFMG, fortalecer esse projeto dentro da universidade aqui da Bahia e outras universidades onde estiver os indígenas. Nós queremos fortalecer isso com verdade, com boa transparência e reconhecimento pela luta do povo Pataxó, não só Pataxó mas todas as etnias de nosso Brasil.

Eu praticamente, a responsabilidade como uma liderança, a liderança não ganha nada financeiro, a liderança ele tem um papel de exemplar, ela tem um papel de cuidar como se fosse sua própria família, de sangue, filho, neto e esposa, enfim. É uma preocupação imensa, [quando] aquela pessoa que esteja no papel de liderança que não se preocupa com sua própria comunidade, ele não tem experiência. Ele não tá de certa forma visualizando um trabalho coletivo, e tem que ter experiência de correr atrás dos objetivos daquilo que nos pertence, para trazer a melhoria pro seu povo. A liderança é incansável, é incansável o trabalho de liderança que não tem explicação, não tem explicação, mas hoje no mundo que nós vivemos, hoje muitas das vezes nós somos desconsiderados, muitas das vezes hoje nós não somos respeitados. Nós não queremos nada, pelo contrário, nós queremos e que temos que ter de mão dada pra que a gente tenha união e fortalecer pra gente

buscarmos aquilo que é de direito a nós, aquilo que é de pertencer a nós, um trabalho dentro da educação, dentro da saúde, dentro da questão de buscarmos outros objetivos. Esse é o papel da liderança, a liderança não é só ser interno da própria aldeia, a liderança ela tem que ser uma pessoa entendida, ela tem que ser intelectual, respeitada e considerada por todos, porque a liderança sozinha não faz nada. A liderança, ela tem que ter o papel de liderança e tem que ter a sua comunidade e vice-versa, liderança sem comunidade não é liderança e comunidade sem liderança não é comunidade, eu vejo por esse lado. Então por isso eu dou um exemplo, não dizendo aqui que estou falando de lideranças, mas o papel de liderança pra quem sabe zelar e cuidar é o porta voz é a carta de encaminhada através de outras instâncias que a gente tá trabalhando.

Falar um pouco das minhas contribuições dentro da minha comunidade Aldeia mãe Barra velha, comecei minha caminhada com minha idade de infância de 22 anos, hoje estou com 53 anos, né? Eu fico orgulhoso por falar da minha trajetória, hoje sou pai de 4 filhos, hoje já sou avô de 13 netos, e estou feliz com isso né, aonde meus avôs, meus avós todos são daqui, morreram aqui, familiares todos daqui. Então a minha história de convivência, é importante eu falar um pouco, porque com essa idade que eu tenho de lá pra cá já deu pra mim ter uma experiência, experiência de vida né, então de certa forma com meu trabalho e idade que eu tenho, dou graças a Deus por isso, eu de lá pra cá venho vendo o que é necessário dentro de nossas comunidades, conversando com outros colegas para aquilo que é importante de fazer algo de melhor para nosso povo. Então, já pude nessa jornada da educação desde o início eu sempre sou parceiro e participativo, de várias reuniões, várias caminhadas e eu sei um pouco dessa trajetória da educação, é por isso que eu valorizo, é por isso que eu sempre tô junto com outros companheiros, junto daqueles apoiadores para fortalecer.

Deixando um pouco da educação, vamos falar das ações de trabalhos dentro da comunidade, desde minha infância eu tive um sonho dentro de nossa comunidade de fortalecer as famílias na agricultura familiar. Já criamos projeto familiar aqui dentro da agricultura familiar,

que é o que nos fortalece a nossa convivência, nossa alimentação do dia a dia, e foi um bom exemplo dentro de Barra Velha sobre isso, já tivemos projetos de trazer aqui pra dentro da comunidade importantíssimo, no crescimento econômico da comunidade, por exemplo no artesanato né. Já tive parceria, de envolver também nessa parceria hoje que é os passeios de turismo que hoje é o meio econômico da região, é o turismo, de fortalecer as associações das comunidades indígenas para que esse trabalho ele seja organizado, e cada vez mais efetivamente nas ações que é necessário publicamente. Então, eu vendo tudo isso buscamos para comunidade junto com outras lideranças, o Tururim de junto comigo, o Arawê na época junto com os demais companheiros, o Neilton Braz, o José Sales que é Zé Piega pra quem conhece, e outros companheiros né. Nas ações de trazer grande desenvolvimento para Barra Velha, trouxemos estrada, trouxemos energia, trouxemos educação, trouxemos uma ponte que era um grande sonho e um desejo nosso de fazer uma ponte ali no rio Caraíva que a travessia que hoje é o Porto do Boi, está ali pronta através de governo de associação, de governo do estado, criamos uma ponte ali com parceria do município. Então isso pra gente é fortalecimento de crescimento e desenvolvimento. Trazemos hoje também através da empresa Veracel Celulose, de ter uma referência de internet para nossa escola. Trouxemos o fortalecimento da saúde para dentro de nossa comunidade, temos a enfermaria, trouxemos também um alicerce da questão do fortalecimento da agricultura, equipamentos agrícolas, através da associação, e outros companheiros. Trouxemos também para o fortalecimento dos pescadores indígenas através da Resex (reserva extrativista), criamos uma grande área extrativista junto com as outras comunidades vizinhas para que essa área pesqueira seja preservada e ter um manejo um plano de manejo da exploração para não atingir muito aquilo que nós ia perder, a nossa própria alimentação, que nós moramos aqui na beira de um mar tão sonhado e deixar explorar de uma forma muito degradável. Então criamos todos esses sistemas, criamos um sistema de brigadistas junto com o pessoal do meio ambiente pra nossa preservação do Parque Nacional do Monte Pascoal. Tudo isso é

participativo, tudo isso é um trabalho conjunto, além do que eu quero dizer não deixando de fora o município, não deixando de fora a FUNAI, não deixando de fora a SESAI que cuida da saúde, não deixando de fora todos aqueles que entende de vir para junto pra somar. Então esse é um papel de uma grande liderança e tudo que a gente tem dentro de nossas comunidades é um desafio que eu faço, tudo isso foi conquista de nossos ancestrais que não tinha o conhecimento de escrita, mas tinha o conhecimento dado por Deus. E tudo isso era participativo, tudo isso era coletivo, e hoje eu não sei o que está acontecendo, não só na aldeia Barra Velha, isso acontece em todas aldeias, a gente ver as coisas parece que tá não andando pra frente, mas tem coisa que tá decaindo, essa é minha visão. Mas eu vejo aí várias organizações e a gente precisa saber quem é as organizações que pensam na coletividade e o que precisamos de trazer para juventude pra nos fortalecer.

Agora nós estamos aí com outro plano de que o governo do município, para a implantação de novas ações aqui dentro da aldeia, principalmente como a gente se fala na economia que hoje é o turismo que faz isso, nós precisamos fortalecer o turismo, que tipo de turismo que aldeia vai receber? Que tipo de ações nós vamos oferecer? Nós estamos com um plano de projeto de trazer o turismo rural, pra quê? O turismo rural a gente vai ter qualidade, quantos turistas a aldeia vai receber, que tipo de turismo é, e isso vai acabar dando um projeto piloto que vai acabar sendo exemplo para outras aldeias. Nós queremos levar essas ações até o Pé do monte, que é onde tá lá a comunidade no final do município de Porto Seguro, nós temos a aldeia Boca da Mata, nós temos a aldeia Meio da Mata e temos várias outras aldeias que precisa da gente tá levando essas ações. Para incentivar, modernizar e a gente não perder de vista aquilo que é nosso, mas sim trazer aquelas pessoas que ajuda a valorizar, valorizar a cultura indígena, valoriza nosso meio ambiente, valorizar o nosso local, valorizar o respeito, valorizar a introdução daquilo que nós somos, por saber que nós somos um povo diferente, mas não somos pessoas de outro mundo, nós somos pessoas que moram aqui na costa do descobrimento, onde tudo começou. Tem

gente que ignora [e pensa] que nós somos fracos, outros dizem que somos fortes, porque da história do Brasil até 2022 é muita caminhada e não era para existir mais descendente de indígena, mas estamos aqui.

Nesta entrevista com meu pai, me despertou algo, que me fez mais ainda querer defender para a minha comunidade e meu povo o quanto é importante registrar as memórias e lutas de nossos líderes. Pois tudo o que temos hoje, foi graças as incansáveis lutas que eles fizeram e ainda continuam fazendo. É claro que muitas coisas ainda podemos conquistar, mas para isso não podemos esquecer deles. Os exemplos bem claros dessas conquistas é nossa presença em uma universidade, um indígena estudando em uma Universidade, mesmo que ainda estamos lutando para permanecermos aqui e ocupar novos espaços. As dificuldades sempre aparecem, o preconceito também, em meio a sociedade sempre encontramos essas barreiras.

A liderança Adalton também destacou o quanto a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), juntamente com todo seu corpo docente nos apoiou e continua apoiando até hoje. Desde quando os primeiros indígenas de nossa aldeia começaram a estudar aqui, muitas coisas se abriram para nosso povo, hoje temos nossas escolas em nossas comunidades com todos os professores de nosso próprio povo atuando na área. Com sua fala, a liderança me ensinou que a educação é a melhor forma para abrir caminhos, ainda mais quando se trata de uma educação diferenciada em saberes.

Trago também dessa entrevista um pouco do aprendizado sobre as diversas funções de uma liderança. No ponto de vista de meu pai, a pessoa para ser um líder, não basta apenas querer ser uma liderança, ela já nasce liderança, é um dom que já vem da pessoa. Ela tem sempre que visar o coletivo, buscar o melhor para seu povo mesmo não recebendo algo em troca, 'liderança sem comunidade não é liderança e comunidade sem liderança não é comunidade'. Percebi que o trabalho de uma liderança é árduo e cansativo, mas mesmo assim jamais um grande líder abaixa a cabeça.

Durante toda sua caminhada como liderança, pude perceber que meu pai, juntamente com algumas outras lideranças (José Piega, Zé Ferreira, Neilton Braz, Tururim, Arawê e outras) conseguiram trazer muitas coisas para nossa comunidade, como por exemplo: Estrada, energia elétrica, ensino médio na

escola, posto de saúde, alguns projetos relacionados ao turismo, a ponte que dá acesso a aldeia. Trouxeram também outros projetos relacionados a agricultura e várias outras contribuições. Tudo isso, eles conquistaram em prol de um povo, no coletivo, reforçando mais uma vez o quanto é importante a união.

ENTREVISTA 2: Educação Escolar e Formação de Professores no Fiei-UFMG

Figura 21: Kaionês, Barbara, Marina, Adalton e Charles na retomada de Intermódulo Fiei-UFMG, após pandemia de Covid-19 (Maio, 2022)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Boa tarde a todos e a todas, hoje dia 15 de março de 2022, estou fazendo esse esclarecimento aqui através da minha trajetória né, a respeito do nosso projeto FIEI da Universidade Federal de Minas Gerais a UFMG, hoje na verdade aqui na minha aldeia mãe Barra Velha nós temos essa gratificação imensamente de dizermos a todos que no período da pandemia que estivemos ai já há dois anos, ainda estamos ainda né, mesmo ainda não sendo resolvido, mas nós lideranças estamos ansiosos para que nossos alunos possam voltar para a universidade, e também adquirir aqueles espaços que nossos mais velhos, junto com a gente, lutamos tanto para adquirir aquele espaço desse projeto Fiei. Eu

tenho certeza que não só o desejo de mim, mas como de todas as lideranças não é acabar o projeto é dar continuidade, que esse projeto seja contínuo, nós tamos ai todo mundo atravessando uma situação muito difícil, não só para as comunidades indígenas, mas também para o Brasil em relação dessa cota que é adquirido com nossas lutas. Nós temos ai também as bolsas permanente que até agora não foi resolvido, queremos também alavancar esse projeto e eu tenho certeza que eu como faço parte do conselho do curso de educadores indígena lá no Fiei e assim também como nossos indígenas de outras aldeias também, estamos nessa mesma aliança para que voltamos as nossas atividades, para que nossos alunos possa dar continuidade que é o grande sonho de nosso povo.

Eu queria só comentar aqui um pouco em relação aqui fazendo esse vídeo, para meus filhos que estudam lá, eu tenho 4 filhos eu tenho essa grande imensa agradecer o nosso tupã que os 3 filhos foram formado e agora o caçulo que é Kanawã Pataxó, tá estudando lá também com fé em Deus agora está encerrando as aulas dele. Teve essas grandes dificuldades de estudar online, como assim outros companheiros dele também, mas eu tenho certeza que a nossa caminhada que eu principalmente que faço parte do conselho, a partir de 2010, que a gente teve esse contato com Fiei. Quero aqui imensamente agradecer todos os nossos professores, nossos educadores, que tanto arduamente se empenharam e estão se empenhando para que esse projeto seja contínuo, e muito mais é o sonho de nossos povos indígenas. Tanto sonhado esse espaço que nós adquirimos na universidade através de vários conhecimentos de nossos amigos professores e indígenas. Então eu tenho aqui a minha gratidão, dizer aqui que desde a partir de 2010, que a gente vem fazendo essa caminhada, agora já estamos em 2022, é importante salientar que todas as comunidades estão gratas e satisfeitas com nossos alunos que saíram de suas aldeias foram buscar conhecimento fora que não é fácil estudar fora de suas comunidades, mas todos tiveram o compromisso de buscar conhecimento de estudar e trazer esse conhecimento e

contribuir muito mais com seu povo. Assim também não é diferente aqui na aldeia mãe Barra Velha, nós estamos ai na mesma batalha é um projeto do Fiei, Formação Intercultural de Educadores Indígenas, e precisamos voltar essas atividades eu tenho certeza que esse trabalho fortemente não só o meu desejo, mas o sonho do nosso povo é realizar cada um seus sonhos. Por isso que o papel nosso como liderança, o papel nosso como conselheiro sempre estivemos e continuará tendo esse diálogo sempre com as coordenações, com nossos reitores da universidade para que a gente possa buscar junto fortemente esses projetos que vai nos fortalecer muito mais. Eu sei que de certa forma está sendo muito difícil para todos, mas aqui eu quero só dizer para vocês que nós estamos ai firme e na fé e na esperança né que a última que morre, eu tenho certeza que esse projeto não pode acabar, não poderá jamais, e a gente teremos que dá continuidade. É um projeto fundamental de grande importância de nossos conhecimentos de nossos educadores até para mostrar o mundo, e para o mundo da universidade “que sempre o pessoal dizia que nós índios somos incapaz”, e nós não somos incapaz o nosso povo tem um conhecimento de uma grande trajetória humanitária e muito grande de nosso povo, e para esse conhecimento de nós como povos indígenas a gente não só aprende a gente também ensina, principalmente os nossos conhecimentos tradicionais. Isso é uma grandeza, os nossos anciões que já se foram, já se passaram, hoje nós estamos no lugar de nossos anciões para que cada momento, cada palavra a gente vem fortalecendo cada dia mais aos nossos jovens em relação a essa situação. Então eu fico aqui dizendo para todos que o projeto nosso, através do Fiei, através de nossos educadores dentro da universidade, eu fico grato por isso, eu estou sentindo muita falta até desse momento trágico que viemos passando através do Covid, mas que essa harmonia que era o momento da gente se encontrar ali na universidade, a gente conquistamos esse espaço e a universidade, como sempre foi falado pelo nosso reitor, que ali também é a nossa casa, ali também é a nossa aldeia, porque trouxe um fortalecimento tão importante da universidade de dizermos que somos um povo indígena, somos um povo diferente, somos um povo de

cultura e preserva sua cultura e isso dentro da universidade foi grandiosamente para que podemos avançar o projeto. Então esse projeto não poderá ele ser esquecido jamais principalmente por nossos educadores indígenas, então eu fico aqui dizendo que essa jornada desde o início que nós tivemos, eu como Adalton Pataxó aqui a liderança da aldeia Barra Velha, desde a minha infância que eu comecei trabalhar como liderança, desde minha idade de 22 anos, hoje estou com 53 anos e ainda continuo nessas grandes caminhadas, porque muitas vezes dizem assim, mas como será isso? Porque quando a gente abraça a nossa causa e vive dentro da comunidade teremos um legado a dizer, que é o legado do reconhecimento, do respeito, o legado de trazer o nosso povo em harmonia é o nosso papel e trazer o reconhecimento e buscarmos conhecimento para nossos jovens, filhos e netos que virão por aí, que é eles que vão ser o futuro de amanhã, então nós não temos mais nada a não ser de herança os nossos filhos. As nossas histórias de ancestralidade de nosso povo mais velho está dentro de nós e nunca vai sair, não porque a vez um indígena aprende a ler, aprende a escrever que ele vai deixar de ser índio nunca mais, o índio está no sangue, na veia, no rosto, o índio está na sua característica, o índio está na sua história. O índio dentro da aldeia e o índio fora da aldeia, nunca vai deixar de ser índio. Essa é minha palavra, quero aqui mais uma vez agradecer imensamente aos nossos amigos professores da universidade Federal de Minas Gerais, que sempre teve o acolhimento com nossos filhos, com nosso povo, eu tenho certeza que nós estamos ansiosos para voltar novamente a nossas atividades que sempre foi sonhada por todos.

Eu queria contar um pouquinho do relacionamento que a gente temos com o Fiei, e também a nossa trajetória de trabalho, o que que na época nós avançamos juntos na coletividade, importante. No início foi tudo sempre muito difícil, e dizer só uma palavra para todos, não existe vitória sem luta, entendeu? Então a gente teve uma luta eu tenho certeza que as primeiras turmas que se formaram no Fiei das habilitações Ciências Sociais e Humanidades (2009-2013) e Matemática (2010-2014) não foi fácil, eles se aderir numa capital que nem Belo Horizonte, que

nunca tinham conhecimento, nós tivemos no primeiro passo uma grande dificuldade sem a bolsa permanente, sem casa para moradia, sem transporte, então teve muito uma trajetória de muita tristeza, e ao mesmo tempo momento de muita alegria por estar ali, eu sei que todas as vezes que nossos estudantes indígenas, principalmente, meus filhos que iriam pra lá, para Belo Horizonte na época, porque o estudo era por módulo e ainda sendo por módulo. Eles passavam ali 35 dias, 40 dias em Belo Horizonte que não é fácil ficar 40 dias fora de seus familiares, e muito mais sem condições financeiras que é o kayábá (dinheiro). Mas o pessoal quando saía de suas aldeias, todos familiares choravam, eles choravam também porque sentiam saudades de sua própria aldeia e muito mais assim chegar numa cidade tão triste como uma capital. Eu apreciei isso muitas vezes, eu como outras lideranças que nem o cacique Zé Baraiá, Tururim, Romildo daqui de Barra velha e nós acompanhamos isso, e por ver aquela ansiedade, vontade deles alcançar esses objetivos, foi obrigado nós se juntar com os professor e criar um conselho dos estudantes indígenas dentro do Fiei, e através desse conselho foi representado por várias outras lideranças de outras etnias e isso fez com que a gente mais criasse força, de buscar outras iniciativas para fortalecer a garantia de nossos estudante dentro da universidade. Então, através do conselho a gente conseguimos lutar pela bolsa permanência, lutamos pelo meio de transporte e lutamos pela moradia, pagados pela mesma bolsa permanente deles. Então, a primeira turma que foi formada, foi com muita alegria e com muita emoção, e também trazendo uma reflexão que seria para outras turmas que estavam vindo de servir como exemplo, que não foi fácil a primeira turma. Já a segunda turma [que ingressaram a partir de 2014] se formaram já com suas bolsas garantidas, mas as primeiras turma não. Mas, eu quero dizer aqui imensamente, aqui na aldeia nós éramos pais de nossos filhos, lá na universidade nós considerava e considera até o dia de hoje quem é os pais lá é os nossos professores, nossos educadores, que todos eles se empenham, abraçam essa causa arduamente, com muitas dificuldades, mas nós vamos pra frente. Várias reuniões juntos de lá pra cá, a gente tem conquistado algo a respeito do projeto Fiei, a gente tem dialogado

bastante com a reitoria, a reitoria reconhece isso como um projeto de destaque, de top de linha dentro da universidade, não só pelo povo Pataxó, mas sim como outras etnias de estar ali, nossos indígenas dentro da universidade.

Minas Gerais, a faculdade UFMG é um exemplo para outras universidades federal do Brasil. Então isso pra gente é um fortalecimento de a gente se ingressar cada vez mais, buscarmos outros critérios, outras modalidades para dentro da modalidade do projeto Fiei. Só cabe a gente aqui se fortalecer cada dia mais, nós estamos ansiosos como já tinha dito, mas eu quero dizer que nós estamos junto nessa mesma batalha para que a gente possa quebrar esse patente com esse governo, que está ai tirando nossos direitos que conquistamos com muita luta, com muita luta de nossos ancestrais e a gente ainda continua lutando, porque somos um povo brasileiro, mas ainda somos desresconhecido em pauta de um grande respeito para nossos governantes. Mas, eu quero dizer à universidade que sempre teve esse olhar e sempre tem, principalmente, na reitoria, nossos professores e amigos que sempre abraçou a causa está ai fortemente para gente lutarmos juntos. Eu tenho uma jornada e muito grande, que desde 2010, que a gente vem nessa luta, estou ai novamente fortemente pra gente buscar nessa mesma caminhada, buscarmos novos planejamentos, novas ações para o projeto, quero que esse projeto jamais, ele pode ser acabado por ai. Nós teremos que lutar juntos arduamente para que esse projeto seja continuo. Estou grato por isso, mais uma vez eu não tenho tanta coisa a dizer, eu só tenho a agradecer ao nosso tupã que é o nosso soberano, para cada dia os nossos alunos juntos com suas lideranças busque iniciativa pra através das universidades a gente ganhar esse espaço, que é tão importante para o mundo de amanhã. E isso está dando bons resultados, os projetos que a gente temos através de nossos educadores indígenas, isso está avançando e gente queremos isso ser garantido por legalidade. Então, eu quero dizer mais uma vez, só tenho a agradecer a Deus e agradecer todos nossos companheiros, a universidade tem vindo na aldeia através do projeto intermódulo, aqui em

Barra Velha já trouxemos o reitor, para poder conhecer a realidade de nosso povo, então e vice-versa, é um aprendizado na escrita e um aprendizado na convivência, que falar do nosso povo da nossa etnia não é só de livro e nem na escrita, o mais importante é conhecer a realidade, que é o que a gente vê nas conversas de alguns bastidores que o índio é incapaz, mas nós não somos incapaz, nós somos um povo que sempre lutamos em cima de nossos objetivos, e somos aqui firme na fé e só Deus que nos abençoe para buscar melhoria na educação, na saúde, na infraestrutura, na moradia na garantia pelo meio ambiente, na soberania da sobrevivência.

Queria dar continuidade sobre a importância do Fiei aqui na aldeia mãe Barra Velha, e eu falo aqui por Barra velha porque nesse momento estou aqui, como liderança como sempre uma pessoa ativador, orientador na educação e assim também como em outras atividades, esse é o nosso papel como líder. Mas, eu queria também não deixar de lado, de dizer a importância e o avanço que nós tivemos de nossos indígenas sendo estudado na universidade, trazendo a UFMG pra dentro da comunidade. Então quero dizer, por mesmo com muitas dificuldades que passamos nesse período todo, mas nós tivemos um grande avanço na nossa educação, principalmente, que hoje eu fico orgulhoso de dizer que nossa maioria de nossos indígenas, 99% são educadores indígenas, formados na Universidade Federal de Minas Gerais através do projeto Fiei, isso não em Barra Velha, aqui da etnia Pataxó, as outras etnias Maxakali, Xakriaba e outras etnias que estudaram naquele espaço da Universidade de Minas Gerais. Então, eu vejo isso como orgulho de nossos alunos, saiu como aluno para estudar na universidade, até tinha tempo que eu brincava, digo aqui vocês são alunos, na aldeia vocês são professor. Olha aqui a importância, então a importância de vocês ter os seus compromisso aqui, e também ter o compromisso na aldeia, então era vice-versa, então isso pra eles hoje, eu vejo como uma reflexão de luta, uma vitória, porque voltando a dizer, através desse projeto foi que buscamos a valorização da educação, a valorização do nosso povo a valorização de dizermos que somos indígena, e a valorização do ensino

dentro de sua própria aldeia.

E falando um pouquinho muito mais, que aqui é a aldeia mãe Barra Velha foi a primeira aldeia a ser criado o ensino médio, aqui na aldeia Barra Velha pelo município, que aonde o próprio indígena teve o direito e tem o direito de estudar dentro de sua própria casa, sair garantido do ensino médio, preparado para universidade. Isso é luta, isso é trabalho e isso é trabalho adquirido por nossos ancestrais, principalmente nossas lideranças, principalmente eu, que sempre fiz parte e estou fazendo parte dessa jornada, e é um projeto também. Então, eu tenho certeza que talvez muitos não reconhece essa luta, assim como eu e outros que ajudaram a construir esse projeto, dessa caminhada do ensino médio, mas também eu tenho certeza que muitos ficam grato por isso. Então, eu vejo que a importância do Fiei dentro das aldeias e de grande valorização e é por isso que eu digo, só temos a ganhar e quem ganha é os nossos filhos que serão os pais dos dias do amanhã.

Então hoje nós temos a universidade, nós temos professores formados aqui dentro da nossa aldeia, buscaram o conhecimento produziram o conhecimento e o mais importante, o material didático que está tudo dentro da nossa própria aldeia, que a nossa riqueza, a nossa história que nós temos. Então isso pra gente só temos a ganhar, e assim como outras lideranças tem falado, a mesma linguagem, porque o papel de nossos mais velhos sempre foi falado “meus filhos vão para escola estudar para aprender, pra que amanhã um dia vocês poderá tomar conta daquilo que é nosso”. Então está ai hoje, eu acho que alguma coisa que não está avançando, mas a gente teremos que ajustar aonde estamos tendo nossas falhas pra que possa as coisas se ajustar para melhor, para que podemos avançar não só na tecnologia, mas principalmente no reconhecimento e no respeito, porque nós somos um povo indígena, essa é a nossa realidade. Então estamos junto, com fé em Deus vai dá certo já está dando certo, e o projeto com o apoio de nossos professores, de nossos organizadores, tenho certeza que é fundamental para o povo indígena dentro da universidade.

Nesta entrevista, muitos pontos foram levantados, mas o principal foco foi a luta por uma educação de qualidade e diferenciada. É uma luta dos grandes líderes e anciãos e que não vem de agora. Como Adalton conta, o nosso acesso enquanto indígena em uma universidade é recente, mas a luta vem de muitos anos. Hoje, graças a universidade, temos grandes educadores em nossas escolas indígenas, formados e preparados para atuarem nelas. A UFMG é uma grande parceira nesse projeto de formação intercultural para educar indígenas (FIEI), nossos mestres professores que atuam no curso são muito mais que apenas professores, estão sempre ali para nos ajudar no que for preciso. Creio que a Universidade é uma das principais fontes de conhecimento, onde podemos aprender e dar retorno para nosso povo. Nossos velhos, os anciões, têm um ditado, que sempre costumam nos dizer, *“Meus filhos vão para escola estudar, para que amanhã um dia vocês possam tomar conta daquilo que é nosso”*.

ENTREVISTA 3 – Viagem de intercâmbio ao Xingu

Figura 22: Adalton em viagem de intercâmbio no Xingu (1985?)



Fonte: Arquivo pessoal do entrevistado



Figura 23: Adalton em viagem de intercâmbio no Xingu (1985?)

Fonte: Arquivo pessoal de Adalton

Boa tarde a todos e a todas, eu me chamo Adalton Pataxó, mas em patxohã sou conhecido como Sarakuri Pataxó. Estou aqui nesse momento, dia 25 de Agosto de 2022, falando um pouco da minha ida na época que estive no alto Xingú, né. Estive junto com o filho do cacique Tururim, o Tibirissá, na época, nós bem jovens nessa época, acho que eu tinha mais ou menos uns 20 anos, 19 anos por aí, idade bem jovem.

Então nós fomos escolhidos através da associação de apoio aos povos indígenas da Bahia "ANAÍ BAHIA", através de Rosa da Anaí, por sermos jovens bem culturalmente, eles fizeram uma proposta da gente ir ao alto Xingú, porque a nossa aldeia aqui Barra Velha, por ser uma aldeia mãe do povo Pataxó, a gente vinha vendo que a nossa cultura, os nossos atrativos cultural, nós estávamos buscando meios de fortalecimento né, vamos dizer um alto reconhecimento, principalmente quando se tratava da nossa própria cultura, em questão de sala de aula. Desde aquela época, a gente já vem trabalhando e vendo as situações como é que a gente poderia buscar uma alternativa para cada vez mais o fortalecimento da nossa cultura. Em relação a isso, a gente víamos, não todos, mas alguns jovens e até nós mesmo se sentia envergonhado de se apresentar como indígena, né. Até porque a gente tinha uma noção que naquela época do "fogo de 51" como nosso povo foi massacrado, né, e a gente via muito nossos velhos falar que eles, muito das vezes, eram negados de dizer que eram indígenas. Então, a gente também vendo aquelas conversas, a gente ficava incluso de se representar como indígena, de usar os adereços, e a gente foi buscar essa alternativa de outros povos culturalmente no alto Xingú.

Então, isso ocorreu no ano de 1985 ou 86 que a gente tivemos essa viagem. O objetivo dessa viagem era fazer um intercâmbio, pra gente ver como é que o povo culturalmente ainda viviam, né, a gente aqui com tantos anos de contato com os portugueses, né, e lá eles tinham aldeias que tinham 12 anos, 15 anos de contato com os portugueses. Então, recentemente, a gente víamos que, com essa mudança de contato com os não índio, isso também poderia tá perdendo muito a nossa

espiritualidade como indígena, então foi mais isso que a gente foi fazer uma viagem como intercambio. Então, foi um projeto que foi criado através da associação ANAÍ BAHIA, através de Rosa da Anaí, Lúcia e Guga da Universidade Federal da Bahia, através de Ruserinha também teve todo esse desempenho, pra que esse projeto pudesse acontecer aqui em Barra Velha. E aonde foi escolhido o indígena pra ir, que foi eu e o Tibirissá, o filho do cacique Tururim. Saímos daqui fomos pra Salvador, de Salvador compraram passagem pra nós ir pra Goiânia, na verdade, nós não tínhamos conhecimento nunca, como seria Goiânia, né, e a gente viajar assim só nós, dois jovens foi muito difícil né, porque a gente não tinha costume, de sair da nossa aldeia. Eu já tinha até um pouco de experiência que sempre eu fazia algumas viagens, mas era por aqui por perto, mas pra mim foi uma experiência muito grande que foi uma viagem de duração aí de 35 dias. E pra gente foi muito dolorido, porque a gente sentiu saudades de casa por sermos jovens, e aí fomos nós com o apoio também da FUNAI de lá de Goiânia. Chegamos em Goiânia ficamos lá 4 dias aguardando um meio de transporte, porque o ônibus de Goiânia para o Xingú, que é no Mato Grosso, só tinha parece que uma vez por semana, então ficamos lá 4 dias esperando esse meio de transporte. Aí chegamos em Goiânia, ficamos lá onde tinha uma casa de apoio para os indígenas da região de lá, e já fomos tendo essa introsação de ver outros povos com culturas deferentes, ali em Goiânia na capital de Goiânia na casa de apoio a gente já foi sentindo a diferença. E praticamente quando compramos as passagens que fomos para o alto Xingú, aí nós viajamos um dia com a noite e a metade do outro dia, chegamos em uma cidadezinha por nome São José do Xingú, às 4 horas da tarde, com muita chuva, sem saber pra onde ia. Aí, foi obrigado eu sair perguntando se alguém me informava aonde tinha uma casa de apoio ou aonde era a reserva indígena. Até que fui informado, a gente foi a pé, chegamos lá na sede da FUNAI. Na entrada, eu achei que ali já era a sede da aldeia, e não era, ficamos mais dois dias esperando um meio de transporte, nessa localidade já era área indígena, pra gente descer até o rio Xingú pra pegar uma lancha para subir pra aldeia Diuaraum, que aonde nós teria o apoio, né, do indígena que sempre trabalhou na

coordenação dos indígenas lá, por nome Arawê. Aí todo esse meio de comunicação, a associação da ANAÍ BAHIA já tinha feito os contatos e a gente levou contato, e a gente foi tendo esse meio de comunicação. Chegando lá no Diuarum, ficamos alojados lá e de lá que o Arawê tinha essa responsabilidade de nós levar em todas as aldeias né, foi complicado pra gente porque era uma cultura diferente. Nós encontramos várias aldeias, que nem nosso próprio povo indígena, não usava roupa, não comia sal, não comia nada do que a gente aqui comíamos, então pra nós foi difícil até se adaptar na alimentação. O rio tão bonito que parecia o mar, praias igualmente aqui, eu fiquei encantado com a beleza natural dos rios, riquezas, muito peixes da água doce, e a alimentação deles lá, algumas aldeias não comiam caça né, era mais o peixe. Fomos vendo uma forma não só de cultura tradicional física, mas também fomos entrando na cultura da alimentação, fomos comer mandioca, banana, mamão, peixe assado munkiado na brasa, com beijú e assim fomos. Passamos todo um período nessa mesma rotina, tive o prazer de se alimentar de uma comida por nome "mutapi", que eles fazem do polvilho da mandioca com o peixe, muito saboroso, o mutapi é uma comida tradicional do povo Xingú, e vários outros tipos de alimentação que nós comemos, foi muito bom. Eles lá ainda tem algumas aldeias naquela época que tem a própria cultura de plantação deles mesmo, turbérculos, feijão, milho, tudo do próprio indígena, isso que foi o que mais me encantou. Eu, naquele momento que eu e o Tibirissá chegamos, fomos bem recebidos pelos indígenas e lideranças, fizeram uma festa no dia seguinte como fosse recebendo outros indígenas, mas era nós indígenas vestidos de roupa e eles tudo só mesmo de short, na hora do banho era todo mundo nú e na água fria no rio mesmo, e alí víamos aquela alegria, fomos em roça, aprendemos como eles plantam, aprendemos como eles faziam artesanato, aprendemos como eles faziam o mingau, a pesca de arco e flecha nos rios.

Tudo isso a gente conviveu um pouco da cultura deles né, eu vendo aquilo me senti tão rico naquele momento e de dizer que nós aqui

no extremo sul da Bahia, por ser um povo primeiro a ter contato com os não índio, nós já tinha perdido muitas coisas que é da riqueza do nosso próprio povo. Foi daí que veio a valorização da nossa própria cultura, alavancar mais nas nossas aldeias.

Então, esse projeto foi muito importante que eu vi lá eles tinham uma organização interna deles, a unificação, um povo sem maldade, um povo sem pensar na economia financeira, um povo vivendo ali na floresta só de pesca, caçar, plantar e viver uma vida tranquila, né. Então, isso pra gente foi outra experiência de vida, e através dessa experiência eu tive ideias eu e o Tiribirissá, de trazer pra gente aqui fortalecer nossa cultura de criar um projeto, de fazer um centro cultural para que a gente pudesse agregar nossa juventude, fortalecer a juventude, usar nossos adereços e criar nossas atividades, porque não que nós tinham perdido, mas tinha muitas coisas que estavam adormecidas e que muitas das vezes a gente achava difícil recuperar elas. Como hoje, tem muitas coisas que nós temos maior riqueza, mas nós achamos difícil de recuperar, mas não é difícil só basta ter a boa vontade de dizermos unificadamente para buscar essas alternativas. E isso pra gente foi muito bom que quando a gente trouxe esse projeto, fizemos um projeto do centro cultural, que conseguimos pelo SESI BAHIA, isso junto com a Universidade Federal da Bahia, através de Guga, Pedro Augustinho, Rosarinha, tudo se empenharam nesse projeto para que esse projeto fosse implantado dentro de Barra Velha, foi o primeiro centro que foi construído aqui. Então, nós buscamos essa sensibilidade junto com as lideranças, naquela época Arawê era uma pessoa que sempre tinha a vocação de estar na frente, e aí por meio disso, nós deixamos essa responsabilidade com Arawê e as demais lideranças com a juventude. E no início foi tudo maravilha, deu certo, criamos o centro ali em cima na rua de Cima. E o centro, por questão de um acidente, nós perdemos o centro através de um fogo muito forte. Então, esse centro foi feito com o empenho de toda comunidade, a juventude a gente começamos a ter palestras dentro da escola, e tanto que Arawê foi o primeiro professor, eu falo professor, mas num era um professor que tinha um

entendimento de escrita, mas era um professor, porque tinha um conhecimento culturalmente pra poder tá incentivando nossa juventude na escola, e que a gente futuramente poderia ter uma pessoa responsável pra isso dentro da sala de aula. E então fomos nós tocando esse projeto, e deu certo de fazer um centro, para que quando nosso pessoal de lá do Xingú da aldeia Suiá fosse nos visitar estivesse tudo pronto. Nós fizemos um convite para eles nos visitar, tivemos o privilégio de conhecer o pajé lá da aldeia Suiá por nome Pepury, um grande líder conhecedor das tradições, um rezador muito bom, ele contou um pouco da história, o porquê que ele criou o povo dele da aldeia Suiá, que o desbravador de lá daquela época foi um rotineiro, que agora não me lembro o nome, meu Deus. Onde era um desbravador que chegou na região e mudou eles de um lugar para outro, então ele ainda sentia saudades desse desbravador que não era índio né, que eu ainda vou me lembrar que agora me fugiu da memória. Então o Pepury, ele me contava essa história né, que ele foi mudado com sua família e criaram a aldeia Suiá, naquela região do Xingú. Aí fizemos o convite para os dois filhos dele fazer uma visita aqui com as lideranças dele, para conhecer nossa região.

Então a expectativa de nós fazermos o centro, era pra que quando chegasse esse momento de visitar nossa aldeia, não encontrasse nossa aldeia desprevenida de tudo, principalmente no fortalecimento da cultura. Quando nós fizemos o centro já foi pensando em outras situações econômicas também, mas aí eu não entrei nessa parte, deixei essa parte administrativa com o Arawê e as demais lideranças, como eu falei agora a pouco. Então, de certa forma, quando o pessoal vieram, marcaram a data que estavam vindo, também através desse projeto, nós recebemos eles aqui na nossa aldeia, é tanto que temos fotos lindas registradas da época que nós fizemos esse intercambio, e eles também tiveram o privilégio de nós visitar aqui na Bahia. Então, a gente lá tivemos o sonho de conhecer a floresta, o rio Xingú, onde tinha muita riqueza de peixes, a floresta muito rica de animais, né e floresta nativa, e aqui eles tiveram o privilégio de conhecer o mar, é tanto que quando eles chegaram aqui,

eles achavam que era um rio. Então, aqui eles tiveram o privilégio de conhecer o oceano, praias, conheceu a convivência nossa como que era, o nosso meio de sobrevivência do mangue, do marisco, das roças familiares, como que nós faziam nossa farinha, o beijú também. Então, quase não diferente de muitas coisas mais também a gente tinha um atrativo cultural bem fortemente, que era o atrativo das roças familiares né, isso na época era muito forte a nossa cultura familiar, a gente plantava, a gente colhia, a gente comia e era uma riqueza imensa, né. Então, de certa forma isso fortaleceu muito, a gente fez a mukeka na folha da Patioba com o mukusuy que o peixe, eles comeram e gostaram muito, nós fomos no mangue, encomendamos o Kambará que é o caranguejo, comeram marisco, comeram sirí, comeram concha, tudo eles comeram também. De todas nossas comidas que nós comemos aqui, eles também provaram e adoraram, eles acharam muito importante aqui, porque se tratava de uma costa do descobrimento, aqui foi onde tudo começou né, e falavam assim: “você não são fraco, o povo Pataxó que vivem aqui, não são fraco, porque foi aqui que tudo começou, toda uma questão de discriminação desvassadora de acabar com a nação indígena, e vocês ainda estão aqui, então vocês não são fraco, vocês são fortes”. Aí foi que trouxe na memória da gente, que por mais que tudo começou aqui né, não somos os primeiros, mas somos descendentes dos primeiros indígenas, e por lutar nós estamos aqui até hoje vivendo nesse território do Monte Pascoal.

Então, isso para gente foi muito forte essa visita, foi muito importante, o retorno da gente para cá, nós voltamos para Salvador, depois de Salvador nós viemos para Barra Velha, e a gente sentiu muita saudades, 35 dias fora de casa, fora da aldeia, mas foi uma experiência que a gente aprendeu nessa viagem, foi muito importante, porque fortaleceu a nossa cultura. Daí pra cá, desse intercambio que nós começamos a abraçar a cultura né, os nossos atrativos que é a nossa identidade, o fortalecimento, a unificação, como que nós poderá estar unido, para poder vencer alguns obstáculos que vierem pela frente, buscar alternativas para o conjunto coletivo. E foi nessa iniciativa que

fizemos o centro, onde a gente tinha reuniões, convocavam os jovens, para poder representar toda uma parte daquilo que estava adormecido que nem eu falei. E quando aconteceu que nós perdemos o nosso centro em Barra Velha, Coroa Vermelha que tava naquele foco de receber o turismo, aqui nós não deu continuidade por causa do fogo que queimou o centro, Coroa vermelha abraçou a causa, e aí foi quando foi criada a Reserva da Jaqueira. Foi tudo através da iniciativa de nossa viagem ao Xingú, de buscar esse reconhecimento de cultura e fortalecimento de nós como povos indígenas. Então, Barra Velha se aquietou, mas Coroa Vermelha criou o centro, o atrativo que hoje é o meio econômico e também fortalecendo a cultura, a Reserva da Jaqueira. Barra Velha nós estamos aí lutando para criar uma reserva para que a gente possa ter um trabalho educativo, para não deixar a nossa cultura morrer, porque isso é nossa identidade, passar de geração para geração, o que nos tá faltando é isso, nós estamos lutando com as demais lideranças, com outras entidades para buscar esse fortalecimento de nós termos um local apropriado para isso, porque a gente está aí na luta também para colocar o histórico do povo Pataxó, no Museu de Porto Seguro. Nós temos aí os nossos estudantes universitários para que coloque também todo o atrativo de trabalho no museu [como o que visitamos em] Minas Gerais, que tem uma convivência muito importante, porque nossa história jamais poderá morrer, não só contada, mas também na escrita, em vídeo. Porque o nosso povo, os nossos melhores historiadores é como se fosse um livro né, então se a gente não tiver isso por escrito ou fotografias, a gente vai embora, mas as novas gerações estão vindo e aí quando for falar de alguém, quem é esse alguém? Como era antes?, então isso é importante. Eu fico até agradecido hoje, não só estudantes não índio, mas hoje nós temos uma grande valiosa pedra preciosa que eu posso dizer, que são os nossos estudantes universitários indígenas, né. Hoje, eles tem que abraçar essa causa, porque é um trabalho didático, vejo por aí. Nós somos, temos histórias vivas, nós não temos histórias mortas né? Eu brinco assim com alguns companheiros que o que está lá no museu está morto, não, não é morta, ela tá adormecida, mas o nosso povo, a nossa cultura ela é viva, é por isso que nós sempre

que estar em qualquer canto, em qualquer lugar nunca negar de ser índio, sempre nós estamos alí presente com suas raízes, com suas histórias de seu povo. Sei que as coisas, o progresso tem que chegar, mas nós somos índios do sangue né, vamos dizer assim.

E hoje eu tenho saudades né, de retornar aquela região, eu não sei como, poderá ser eu ou poderá ser outro jovem, fazer uma programação de um projeto até através disso, poder conhecer outras etnias, quem sabe, porque hoje eu tenho saudades, porque o meu companheiro naquela época que foi o Tibirissá, ela já é morto, faleceu bem jovem teve uma situação de saúde, mas não conseguiu vencer, ele já é morto. Eu tenho fotos dele, eu junto com o pajé Pepury e os filhos dele, nós lá na aldeia Suiá, no alto Xingú. Então, a gente tem relíquia disso, eu guardo isso, como se fosse, não porque eu fui mais o Tibirissá, mas eu guardo isso pra quem um dia possa procurar o porquê que foi essa viagem e ela teve fundamento e tem até hoje. Porque através da nossa valiosa cultura é nossa própria identidade que nem eu venho falando.

Então, o nosso amigo Tibirissá que é o filho do Tururim, foi escolhido por ser o filho do Tururim, e eu como um jovem também que tinha e sempre tenho essa vocação de liderança. Liderança é nascer, num é querer ser, e desde que quando eu me entendi de gente né, bem jovem, eu sempre tenho essa visão e tenho, porque uma luta não é fácil, hoje já estou com 54 anos, e comecei minha vida de caminhada como participando com outras lideranças, com minha idade que nem essa viagem que estou falando, foi quase com a idade de 20 anos. Então pra você ver, é tão difícil a gente sair daqui do extremo sul, para fazer uma viagem pra estado que eu nunca estive, para ficar 35 dias né, então isso ai pra gente foi um pontapé inicial que nós demos para trazer novos fortalecimento para nossa geração da aldeia mãe Barra Velha.

Então fique aí minhas palavras, eu tenho que agradecer muito ao nosso TUPÃ, que é o nosso Deus, para nos dar saúde e espero que os nossos trabalhos, desde a nossa infância até hoje, como já estou na idade de 54 anos, não se para por aí, assim como tenho se espelhado em outros trabalhos de outras lideranças que eu estive, e assim também

outras lideranças que estão aí, outros jovens pode se espelhar, mas sempre tentando buscar aquilo no trabalho do coletivo, no trabalho de fortalecimento da unificação da união, no trabalho de trazer uma experiência nova para as novas gerações, mas nunca trazer as nossas individualidades. Então, esse é o meu papel como liderança, como sempre tive, hoje eu fico grato por isso e a vida continua.

Retornando a entrevista, da história da visita nossa no alto Xingú, eu acabei esquecendo mais tem uma coisa importante também, que gostaria de concluir, na palavra, nós através dessa visita também a gente aprendemos um pouco como que é a intervenção do homem branco nas Aldeias lá, se intervirem pra levar a saúde, como que era a saúde tratada nas comunidade, e através dessa situações, eu tive o conhecimento de conhecer um senhor que emprestava serviço lá no alto Xingú, por nome Bíral e o nome dele em português eu não sei mais o nome da mulher dele, chamava Estela, que através dessas duas pessoas que eles eram contratados pelo projeto da escola Paulista, eles emprestava serviço, como dentista e a esposa dele como técnica de enfermagem, e que quando eu fui fazer essa visita, ele achou muito importante: “que bom Adalton você ter conhecido o povo lá”, aí foi aonde ele falou “tem uma situação lá”, que a escola Paulista né, levou um projeto pra dentro do Parque Xingú né Daí tá a mudança aqui na Bahia de sair a saúde indígena pra Funai, da Funai pra Sesai né, que era pro Ministério de saúde né. E aí, a gente, ele explicou “diga olha aqui no Xingú, funciona assim, quem cuida de intervir junto com os técnicos não índio é os mesmo indígenas, a escola paulista através de um projeto, ela tem abraçado essa causa por que quem entende melhor seu povo é o próprio índio, não tem outro”. Mas que o não índio intervia ali, mas tem coisa que só o índio se entende. Aí ele me explicou que lá houve um projeto, que a escola Paulista, criou um projeto de contratar alguns indígenas como monitores indígenas. Então, isso foi muito importante, por que eu se espelhei nessa iniciativa de lá e a gente, eu trouxe, eu trouxe essa ideia pra aqui para o Sul da Bahia. Que na época, a respeito dessa ida também, foi na época que tava passando a saúde da Funai para Sesai.

Então, de certa forma, naquela época não tinha agente de saúde indígena, a Sesai ainda tava se organizando, buscando mecanismo, preparando o povo pra como trabalhar com indígena, por que tava sendo extinta aquela questão do trabalho dessa entidade que era a Sesai, que era Fms, né, e as pessoas que era funcionário não tinha experiência de trabalhar com os indígenas, então teve toda essa mobilização de várias e várias reuniões, e eu tava ali presente nessas reuniões. É, eu tive o grande privilégio, que eu tive apoio dos Antropólogo em Salvador, Pedro Augustinho que quando me coloquei dessa ideia, porque não foi a Sesai na época abraçar essa causa de colocar monitores indígenas nas Aldeia. Ai foi quando eu expliquei o motivo por que, ai foi aonde eles colocaram também em pauta pra ser discutido, isso nos conselhos de saúde que têm os conselhos de saúde local, tinham os conselhos de saúde do distrito e o conselho nacional. E depois levar pro conselho do distrito e o nacional. Então, lá se vamos nós com essa pauta pra ser discutido e foi bom, por que quando teve a reunião do Conselho Nacional né, eu fui também presente, e lá foi aonde a gente se engajamos essa proposta de ter os agentes indígena na Bahia, né. Então, foi tudo uma experiência que através da nossa ida, a gente só teve a ganhar, eu conto isso aqui parece que as coisas aconteceu do nada, e nem queria dizer que seria praticamente nós com essa ida que trouxe essa grande expectativa que tá até hoje, mais eu falo isso com toda, assim meu orgulho de dizer que foi através de uma viagem com a experiência que nós tivemos, trouxemos essa ideia pra cá, e hoje tá ai, agente de saúde nas Aldeias né, que nós tivemos várias reuniões, que quem participou do conselho naquela época, liderança, cacique, sabe muito bem, que tudo foi uma trajetória pra iniciar uma organização do atendimento à saúde dos povos indígenas. E ai, a gente conseguimos colocar, ingressar o agente de saúde sendo os mesmo indígenas, por que o agente de saúde, ele é o intermediário pra poder levar pra os médicos, técnicos de enfermagem e assim, sucessivamente vai. É tanto que as equipes de saúde, elas é uma equipe de saúde que se dá o nome EFSI, tá entendendo o que significa isso: a equipe de saúde disciplinar domiciliar dos povos indígenas, que é muito prático a gente dizer isso na teoria, mais na pratica, poderia ser

mais bonito se funcionasse assim. Porque hoje eu falo por mim, diz reconheço por que hoje tá sendo mais as parte curativa de que as partes preventivas nas Aldeias, isso não pode. Então, nós teremos que também fazer uma nova expectativa de umas ações, pra que a saúde dos povos indígenas seja uma saúde preparada pra prevenir e não curar, e é aonde que poderá ingressar as plantas medicinais, que é tão importante, pode ingressar a pajelança, pode ingressar nossas parteiras, que tem o conhecimento que jamais outro vai ter, é um conhecimento prático, porque sempre nosso povo teve esse atendimento e nunca foi preciso sair pra hospital. Então, novas gerações vão nascendo, e as ideias vão criando novas ideias e aquilo que e nosso vão ficando pra trás. Ai, eu deixo minhas palavras aqui essas coisas que são enriquecidos dentro não só do conhecimento teórico mais também na pratica, nós temos que alavancar tudo isso, por que isso e muito mais bem prático trabalhar, de que a gente só falar na medicina que vem de fora e deixe lá que as coisas, talvez tá lá dentro de nossos lares, dentro de nossa casas, dentro de nossa Aldeia o conhecimento que precisa ingressar também nesse projeto do atrativo da saúde, do fortalecimento da saúde indígena. Porque a saúde indígena não e só médico formado pra medico, técnico de enfermagem e nem dentista e nem se quer agente de saúde, ela também tem que se fortalecer na espiritualidade né, por que a espiritualidade é que nós traz o reconhecimento das nossas plantas medicinais, as nossas rezadeiras, tudo isso, os banhos de mato, tudo isso tem que ser respeitado e isso é valoroso. Muitas das vezes, a pessoa nem tá doente que é preciso tomar um medicamento do não índio, mais as vezes, tá doente espiritualmente talvez, ou tá cansado, a mente tá preocupada , isso também adocece. Então, isso eu vejo que é de grande importância né, da gente talvez não seja eu, mas outras pessoas poderá abraçar essas ideias, e que isso poderá ser valoroso e criar um novo sistema de trabalho daqui pra frente.

Então, foi assim que foi buscado essas ideias né, junto com essa viagem que eu volto a dizer que temos saudade, de um dia quem sabe de retornar a essas Aldeia pra ver como de lá pra cá as coisas mudaram.

E a gente buscando o reconhecimento como outros povos vivem, a gente ver só passando em televisão, a gente ver só notícia, mas muitas das vezes, o não índio aprendeu assim, falar do índio só através de livros, televisões e notícias. Mas pra vive, com próprio povo, viver dia a dia e outra situação. Então, você viver e conviver como os povos tradicionais, eu acredito que você aprende muito mais do que através de livros, através de pessoas contar história, porque a convivência aí é que vem a riqueza de dizer o calor humano, o calor da expectativa, espiritualidade, da convivência. Então, é muito mais falar do povo indígena aprendendo viver como os mesmo indígenas.

Pensando no relato do Adalton, liderança, essa viagem ao Xingu foi muito importante para meu pai e para o povo Pataxó, pois por meio dela muitas coisas chegaram em nossa aldeia, principalmente, o fortalecimento da cultura do nosso povo. Os dois jovens que foram nessa viagem, Adalton e *Tibirissá*, trouxeram ideias que abriram a mente do nosso povo para muitos costumes que estavam meio adormecidos e para outros que faziam, mas não eram tão valorizados. Como muitos ainda negavam a identidade indígena e estavam afastados das práticas culturais, quando os jovens chegaram e começaram a movimentar a aldeia para voltar com o nosso Awê, medicinas tradicionais, nossos alimentos, nossa língua, nossas roças, nossas atividades tradicionais começaram a ser praticadas com mais frequência. Nossa identidade, enquanto indígena Pataxó, enquanto um povo começou a se fortalecer cada vez. Também mostra como o intercâmbio fortaleceu a luta pela presença dos indígenas no serviço de saúde, levando a discussão para a Sesai, sobre a necessidade de ter agentes indígenas para fazer a ponte com os médicos e técnicos de enfermagem. Pelo que Adalton conta, teve uma influência até na política pública de saúde no sul da Bahia.

ENTREVISTA 4 – Parte 1 - atuação na política interna e externa à aldeia

Figura 24: Adalton em Brasília, ATL 2021



Fonte: Arquivo pessoal de Adalton

Figura 25: Cacique Renato (Aldeia Boca da Mata) e Adalton atuando política na interna



Fonte: Arquivo pessoal de Adalton

Então, hoje é dia 01 de setembro de 2022, estou aqui fazendo

esse áudio aqui com meu filho Daltinho né, e falar um pouco da minha trajetória de campanha eleitoral, eu, por ser uma liderança que já vem de uma carreira de muito longo tempo. Minha primeira iniciativa surgiu como assim? Surgiu pela grande necessidade que a gente que na Aldeia Mãe Barra Velha, vivíamos, na verdade, antigamente, que se falava na Aldeia Mãe Barra Velha pra vir aqui só vinha quem tinha negócio, porque nós aqui não tínhamos estrada, na verdade, nós vivia um povo isolado, né. O nosso acesso aqui era de barco, pelo mar ou, aliás, andando pela praia. Então, era muito difícil, principalmente, quando nós precisava de ser atendido em questão de saúde. É muito complicado, não dá pra se falar tudo, mas era uma situação que a gente vivia ilhado, vamos dizer assim. E isso praticamente eu já vinha trabalhando com algumas lideranças na área de agricultura familiar, motivei algum trabalho na roça da agricultura familiar. Foi muito bom sucesso, foi muito importante e de lá pra cá, por minha experiência, o povo ali de outras lideranças foi acompanhando, viu por ter uma grande iniciativa de ter uma liderança política em nossa aldeia, pra que junto a gente poderia ter mais, assim, força pra buscar os objetivos de nossa comunidade. Então, na época, eu, o cacique José Ferreira que era apelido Zé Baraiá, teve essa grande iniciativa, também que eu trabalhava junto com ele, também como liderança, e ele, uma vez, se colocou numa reunião com a comunidade de lançar minha candidatura né, de ter um indígena como candidato e a pessoa seria eu. Eu me empolguei por aquilo também, de ver não pela grande, dizer empolgação de querer ser candidato, mas como liderança, eu via que a gente sempre, toda vez de campanha eleitoral, a gente sempre ali enganado, até hoje, como sempre né. Mas, àquela época era muito mais, a gente deslocava pra Monte Pascoal, deslocava pra Caraíva e pra outro lugar, onde sempre tinha seções, onde nós indígenas votávamos e a gente ia a troco de nada né. O pessoal vinha enganar a gente na comunidade, com algumas camiseta, boné, coisas mínima, né, e a gente votava com maior respeito e carinho. Mas, depois, a gente ficava à mercê de não ter forças pra buscar nossos objetivos. Então, iniciei essa primeira iniciativa, escolhido pela comunidade, junto com cacique José Ferreira, de me apoiar a sair

primeiro candidato aqui na Aldeia Mãe Barra Velha.

Então, em 2003 pra 2004, foi minha primeira candidatura, junto com Deputado que na época era Jânio Natal. Ele lançou a candidatura dele pra ser Prefeito em Porto Seguro, e por ele vir na Aldeia se comprometeu, não só comigo, mais com a comunidade inteira, de trazer um acesso de estrada, se comprometeu de fazer uma ponte, prometeu de implantar o ensino médio, dentro da Aldeia, mesmo que era o dever e a obrigação do Estado. Mas ele, como governante do município, ele ia garantir esse ensino médio aqui na Aldeia. Eu vendo aquilo que era de grande necessidade, a gente saímos junto, apoiando ele né. E nas urnas, a gente deu um sucesso de voto muito importante, naquela época, nós tínhamos aqui, de eleitorado mais ou menos assim, de 700 a 800 votos, dentro da Aldeia Mãe Barra Velha. E aí, a gente teve uma grande percentualidade de voto, aonde da primeira vez eu tive, 678 eleitorado e ele teve 800, mas juntando com povo de Caraíva e da região foi pra 900 e poucos voto aqui dentro da região. Então, foi um resultado muito expressivo nas urnas né, e de lá pra cá, ele acreditou o potencial da comunidade que o Índio tinha palavra, né. Nós era um povo, somos sempre que vivia desacreditado aqui na região de campanha eleitoral, mas com sensibilidade e sinceridade dele, ele mesmo prometeu se ele ganhasse pra Prefeito ou não ganhando, que ele trazia a estrada, o aterro dali do Porto do Boi que onde é próximo, a ponte do Porto do Boi que não tinha aterro nenhum, era um areal terrível, ele se comprometeu a fazer e vai ele disputou a campanha pra Prefeito perdeu, mais mesmo assim ele fez o serviço que ele comprometeu. Então se foi mais 4 anos né, depois, ele se comprometeu a sair a candidato, ele ganhou né, novamente, aí já trouxe o projeto da ponte, trouxe o projeto do ensino médio, aí até hoje o ensino médio dentro de Barra Velha e deu extensão para outras aldeias por exemplo, Boca da Mata, motivou muito nossos alunos estudarem dentro de casa e sair preparados pra fazer uma Universidade né, dentro de casa posso dizer isso, e pra gente isso foi um fruto né de uma semente que lá atrás nossas lideranças plantou né, com primeiro passo politicamente comigo na frente mais com apoio do Cacique Tururim,

José Ferreira ,o Palmiro, Luiz Capitão, Antônio Grande, Arawê , e todos né, o Arbino, né. Além de contar com os jovens né, que foram pra frente acreditando na possibilidade da gente ter uma vitória, mais não foi possível né, mais mesmo assim eu fiquei como sendo uma liderança política, pra intermediar, junto com prefeitos e vereador, algumas necessidades que nossa comunidade precisava por exemplo: construção de Escola , enfim, estrada, e a gente construímos juntos, né. Depois da ponte feita, a gente também trouxemos o projeto da energia né, isso lá em 2006 pra 2007, foi projeto da ponte aqui no Porto do Boi que não tinha estrada e nem ponte, e logo em seguida veio o projeto da energia, sabemos que era um projeto do programa do Governo Federal, mas aqui em Barra Velha a gente encontramos várias barreiras, através do CMBIO, o IFHAN que não queria aceitar a energia aqui dentro da Aldeia, até porque ia trazer um grande desafio pra nossa convivência e a gente acreditava nisso né, que não era só por esse lado, mas também a gente vivia aqui isolado e nós precisaria desenvolver um lado do conhecimento, principalmente na parte da tecnologia, principalmente no caso da saúde né, na educação. Então, quando a energia chegou na aldeia, isso desenvolveu bastante né, que a gente precisaria ter computadores na escola, na saúde, a gente precisaria ter equipamento tocado a energia, hoje o sistema de água de qualidade dentro da aldeia é tocado tudo a energia, hoje praticamente a gente ver que tudo que é meio econômico funciona através da energia. Então, isso de lá pra cá cresceu, a comunidade cresceu o meio econômico também, tendo esses meios de projetos dentro da nossa comunidade. Então, isso pra gente, assim eu vejo como político né, como uma liderança política. Sai por 3 vezes e não consegui, mesmo a gente trabalhando, batalhando com outras lideranças tentando trazer o melhor pra nossa comunidade, mas mesmo assim a maioria não acredita até hoje na nossa potencialidade, né. Mas, não é isso não, a gente não fica diferente, sempre fui e continuo lutando, para que a gente possa ter o melhor do dia de amanhã, a gente mesmo com várias dificuldades. Hoje eu vejo que vários avanços tivemos aqui, comigo na frente com demais lideranças, né, a gente tem registro disso feito, tem documentação feita, tudo como foi as nossas

conquista, tudo como foi o trabalho em harmonia todo mundo junto, pensando nos objetivo. Pra os desafio da gente hoje, eu vejo assim, que muitas coisas faltam pra poder vir o desenvolvimento, mas precisa a gente tá mais unidos, porque um ou dois sozinho não consegue e o desafio que eu trago das conquista que a gente precisa, umas dessas que é a política, o trabalho de política partidária foi bom pra poder a gente conquistar os projetos das políticas públicas né? se não for por essa linha, a gente não consegue e talvez alguém perguntar mais porque com tantos esses avanços, por 3 vezes você não conquistou? Olhe bem, nas primeiras vezes a gente saiu por emoção, por vontade de querer, na segunda vez, já me trouxe a contradição de desavença interna dentro da aldeia, na terceira vez já piorou. Então, isso pra mim, a política partidária teve momentos bons e teve momentos ruim, não por questão né, talvez de fora pra dentro, mas a própria comunidade não entende, uma questão da política partidária e hoje tá ai cada vez as coisas, a gente não conquista, talvez por integração social da gente mesmo, porque quando há uma desavença de união uma vez, não pensando no mesmo objetivo, fica difícil. Hoje, a gente tem dentro de Barra Velha nessa média de quase três mil e seiscentos eleitorado que dá muito bem se querer sair daqui de dentro de Barra Velha com dois vereadores eleito, mas sabemos como fomos uma parte democrática né, nós somos de um país democrático, a gente não obriga, a gente tem um papel de orientar naquilo que é melhor para todos. Mas, não somos obrigado a forçar alguém a votar naquilo que a gente sabe que é o melhor, então isso é democracia, e por essa razão, a gente sabe que nosso povo desintregou muito, mesmo com essa quantitativa de eleitorado, mas a gente não consegue sair daqui com mínimo do mínimo um vereador eleito. Sabemos que tudo isso, a gente tendo dentro do legislativo um indígena, já é uma diferença grande né, mas mesmo assim a gente hoje, dentro do município de Porto Seguro, hoje temos uma superintendência, não é nada, mas já é uma representatividade. Nós temos dentro do setor da secretaria educacional, uma secretaria de Educação indígena, nós temos dentro do setor de saúde, uma coordenação indígena. Então, tudo isso foi conquista né, de nosso povo lá atrás né, com orientação dos nossos

anciões, uns estão presentes, outros já se foram e a gente tá aí na luta, a luta não para né, e sabemos que hoje a política pública dentro da educação é o nosso potencial, um exemplo tá aí: a nossa maioria da juventude se ingressando nas universidades, mas a gente tem um papel importante de tá junto com eles pra fortalecer esse papel tão importante do papel público né, então dentro da Aldeia não é diferente.

Então foi assim, minha trajetória fazendo um pouco do meu resumo, que foi muitas conquistas, mas também tivemos vários desafios, até hoje né, nós temos vários desafios por aí, e tá o trabalho que a gente sempre tem, hoje eu tô ficando nessa idade makiame (velho), mesmo com problema de saúde né, e não tenho mais aquela força de encarar várias caminhadas do que já fiz, porque hoje fico mais restrito com medo da saúde, mas tá aí outros jovens que possa dar continuidade esse caminho né, que possa ser uma reflexão para os demais companheiros, então essa é minha mensagem que eu deixo.

Como conta Adalton, sua caminhada na política partidária iniciou-se por causa da necessidade de seu povo ter uma representação política no município de Porto Seguro. As lideranças de sua comunidade, na época, viram a necessidade de indicar alguém para essa grande jornada. Meu pai, como já era uma grande liderança da aldeia Mãe, foi escolhido para se candidatar a uma vaga de vereador em Porto Seguro. Ele se candidatou 3 vezes para vereador, mas, infelizmente não atingiu seu objetivo. Mesmo assim, com tantos desafios, não abaixou sua cabeça, e juntamente com outras lideranças conseguiram trazer vários projetos e melhorias para seu povo, a partir das parcerias que conseguiu com suas candidaturas.

Na época, quando se candidatou pela primeira vez, a aldeia Barra Velha não tinha praticamente nada. Como ele fala, não tinha nem estrada e o acesso era pelo mar ou andando pela praia. Depois que alguns parceiros, representantes de alguns órgãos, abraçaram a causa do nosso povo, não esquecendo do papel de Adalton nessas negociações como representante da comunidade, conseguiu trazer estrada, ponte de acesso até aldeia, energia elétrica, implantar o Ensino Médio, dentro da aldeia e outros. Isso faz a gente perceber o quanto é importante demarcarmos territórios em outros espaços,

como na política local, para conseguir nossos objetivos.

Atualmente, temos vários parentes de outros povos que buscam espaços na cena política-eleitoral do país, já ocupando diferentes cargos, isto é, diferentes territórios. Começamos na década de 80 com o cacique Jurana, atualmente temos a deputada federal Joaima Wapichana. Há parentes, como os colegas Xakriabá do Fiei, que tem um indígena do seu povo eleito como prefeito da cidade onde está o território, desde 2003. Na eleição para presidente, em 2018, tivemos a Sônia Guajajara, candidata a vice-presidente. Tudo isso, vem fortalecendo a participação de nós, indígenas, nas prefeituras, câmaras de vereadores, assembleias legislativas e na câmara de deputados. Para as eleições de 2022, há uma chamada nacional para apoio aos candidatos indígenas ao cargo de deputado e senadores, com o objetivo de elegê-los e assim criar lá, a “Bancada do Cocar”. Creio que isso é de suma importância para todos nós, pois dessa forma, no momento que vivemos, é fundamental para nossas causas enquanto indígenas.

ENTREVISTA 4 – Parte 2 – composição de músicas pataxó

“Eu vou pra mata Caçar”.

“Está na hora eu vou caçar, eu vou contente com meu puhuy, eu vou correndo pela mata fora e uma caça eu matar. Não tenho medo de nada na vida, vou com Tupã no meu coração, até o dia amanhecer, quando eu voltar lá do meu hãhã.

Quando eu chegar tudo é alegria, aí meu povo vai me receber, nós vamos festejar até o novo dia amanhecer. Eu sou índio brincalhão, na brincadeira eu sou o maior, e quem quiser me conhecer, vem cá na aldeia Pataxó. E foi aqui que eu nasci, e só não desprezar, as nossas brincadeiras que nunca vai se acabar”.



“Xohã Kamayurá Kamaruté”

“Xohã kamayurá kamaruté'hé,

Xohã kamayurá kamaruté'hé

Xohã kamayurá kamaruté'hé”



“Faço massakar com Matapaço”

“Faço massakar com matapaço, faço massakar com mauí, faço massakar com búzio e também com pakarí. A corda é de tukum, é de tukum-mirim.

Faço massakar bayxú, e também serve pra mim, depois eu vou vender, eu pego o kayãbá pra comprar tupsay, e depois eu hãmiá. Aqui na minha aldeia, eu quero é hãmiá, com ynhé bayxú e jokana bayká.

Hãmeá ynhé, ynhé bayxú, hãmeá jokana com seu bajaú”.



“Fogo de 51”

“Eu vou contar agora o que aconteceu, no fogo de 51 o que meu povo sofre. Teve índio de sofreu pensando que ia morrer com as mão e pés amarrados, impedindo até de comer. Uns correram para bem longe, pensando que estavam em paz, quando olharam para frente, quase caíam para traz. Vinha um grupo de soldados, todos estavam armados, pronto pra destruir a vida daqueles coitados.

Eu vou pedir ao povo do Brasil inteiro, para dar apoio ao índio, pois somos todos brasileiros. Se índio tivesse direito, como outra nação tem, não existia conversa de índio não querer ver ninguém”.



“Goyá Miãga”

“Goyá miãga de airy, kurumim kuiuna keroxí, tehé mone kateinó, baixó mukeka aromató, uarukã patibaré, mirapé Gengri tehé meré.”



“No ano de 51”

“Eu vou contar uma historia que aconteceu, é muito antiga que eu ainda nem existia quando eu me lembro chega dói meu coração, de eu saber que aconteceu com meus irmãos. Isso passou tão de repente geralmente, agora vejo meus irmãos todos contentes, mas eu ainda ando tristonho da vida, de eu saber o que aconteceu com minha gente.

Meu pobre pai saiu corrido da sua aldeia, com uma criança ao seu lado não deixava, isso garanto falo com toda certeza, quando ele lembra conta com muita tristeza. Eles passaram muita fome muitos dias, e a criança inocente não sabia, quando acabou tudo aquilo que voltaram, para sua a aldeia, voltou com muita alegria.

Eu escrevi isso tudo, mas não vi, agora peço que vocês cante comigo, quero também que vocês nunca esqueçam, faça favor de botar também na cabeça. Foi uma luta que eles nunca vão esquecer, e eu também trago tudo na memória, esta história que eu conto pra vocês, da minha parte eu nunca vou me esquecer”.



Falando um pouco da nossa trajetória quando nós estudávamos, muitas das vezes nós ficavam imaginando o que nós iríamos cantar na escola. Então, na minha, eu, Salvino que hoje é o Kanatyo, Maria Cancela, Maria da Silvia, e outros alunos né, Aurenilson também fazia parte nessa época, mas quem era focado mais nas músicas era eu, Kanatyo, Dotor, Tibirissá, era essa galera mais nova. Tinham as músicas que nós fizemos lá na época, junto com o Arawê também. Porque Arawê que era o primeiro professor de cultura né, na época, com isso nós fizemos várias músicas, uma delas era que falava do fogo de 51, fizemos outra do Masakar faço Masakar com Mauí, fizemos também Goyá Miãga, que é goyá miãga de coco Anã, fizemos outra também xohã kamayurá que

foi eu mais o Arawê e Jitaí, Anaidia, fizemos várias músicas né. Tem aquela do ano de 51 e tem a outra também que é a mesma música 51, mas é um verso ao contrário, no ano de 51 e a outra o fogo de 51, duas músicas e também uma outra que fala “vou pra mata caçar”. Então todas essas músicas nós fizemos elas, no raciocínio de noite de Lua cheia né, que a gente sentava, ia contar histórias e ali a gente ia pegando aqueles versos e ia entrosando nas músicas. Então, era assim, vou cantar uma aqui: “Faço masakar com matapaço, faço masakar com mauí, faço masakar com búzio e também com pakarí. As cordas é de tucum, de tucum mirim, faço masakar baixú que também servi pra mim. Depois eu vou vender eu pego é kayãbá, vou comprar tupsay e eu depois eu hãmiá, aqui na minha aldeia eu quero hãmiá com ynhé bayxú e jokana bayká”. Era esse aí os nossos verso, tudo isso era as músicas que a gente pegava momento das coisas que nos tava fazendo, nossas jokanas fazendo, trabalhando e se divertindo em canto e ali gerava uma música, né. Então essa música do masaká, ela além de ser uma música, é uma coisa que é verídica que antes e depois, agora presente, a gente fazia tudo isso, né. E a música de 51, também a mesma coisa, foi copiado a gente conversando com nossos mais velhos, e nossos ancestrais, ali a gente, um ia perguntando ou outro já ia puxando o verso, já ia copiando uma música.

Então a gente tinha muito tempo de ter curiosidade, porque naquele outro tempo a gente não tinha a tecnologia que nem hoje, nós não tinha televisão na aldeia, nós não tinha energia, nós não tinha veículo na aldeia. Então, nós vivia em harmonia, e a nossa diversão em tempo de nós jovem era só a praia, a lagoa que chama lagoa de fora. Aqui em Barra velha nós temos a lagoa de fora e a lagoinha, se você perguntar onde que é essa lagoinha, é aquela primeira lagoinha daqui que vai ali pro centro cultural, a lagoa de fora que aquela outra grande. Então, com tempo de chuva a lagoa enche e fica um rio, aí dava aquelas correnteza e a gente ia brincar, pular Atxatxum dentro d’água. Então esse era nosso divertimento e na lua cheia, o divertimento era na fogueira em volta ali, nossos velhos contando histórias, causos né, e ali naquele meio tempo

na fogueira já saía um tahão (café), saía uma macaxeira assada, e ali os mais velhos iam contar uma história, um caso em noite de lua cheia, e nós jovens, iam cantar roda, aí os velhos ensinavam a gente tirar verso, e assim era o nosso divertimento. Então, esse tempo a gente ainda tem assim muita lembrança desse tempo, mas era muito importante, era sim, nossa criatividade era tudo voltado a nossa convivência.

Nesta parte, nós temos as histórias de Adalton, contadas por ele mesmo. Aprendemos muita coisa sobre ele, sua atuação como liderança, lutando pelo nosso povo; sua preocupação em fortalecer sempre a cultura pataxó; sua dedicação em aprender com os mais velhos e um pouco sobre o viveu na juventude, ainda suas habilidades artísticas na composição de músicas. Mas, uma liderança forte como ele, precisa ter o reconhecimento do seu povo, por isso, fomos ouvir de outras pessoas na comunidade, sobre a história de vida e o trabalho de Adalton Pataxó.

5.2 Adalton Pataxó por esposa, filho e filhas

Elían, minha mãe

Figura 26: Elían em Barra Velha (2022)



Fonte: disponibilizado pela participante

“Eu me chamo Elían, vou falar um pouco sobre Adalton que é meu marido, eu tenho 4 filhos. E desde quando ele tinha 18 anos e eu tinha 16, e hoje nós construímos nossas vidas e tenho orgulho dele ser meu esposo, já tem mais de 30 anos que nós vivemos juntos e ele é uma pessoa muito responsável né, sempre ele deu conta do recado em casa, nunca deixou faltar nada pra mim e meus filhos, então eu tenho orgulho dele ser meu esposo.

Agora vou falar um pouco sobre Adalton liderança, como ele é liderança desde os 20 anos de idade, que vem trabalhando nessa área. E de lá pra cá teve muitos objetivos que aconteceu por ele, e ainda está acontecendo também. As vezes ele ia em reuniões, eu ficava em casa, muitas vezes num tinha nada, a gente não passava assim muita vida boa, porque naquela época as coisas eram muito difícil e meus filhos as vezes ficava doente, e ele como era liderança tinha que viajar, viaja pra longe, Mato Grosso, Brasília, Salvador, num tinha tempo pra ele dá apoio

quase a gente em casa, meu pai que me ajudava né.

Sempre viajava junto com o cacique velho Tururim, sempre ele tem orgulho de ser uma liderança que caminhou junto com ele, aprendeu muito com ele. Então ele é um exemplo né, da nossa comunidade.

Então, eu estava falando da vida de Adalton como liderança, como já falei a caminhada dele dois desde os 20 anos né como liderança, caminhando junto com o cacique véi que era tururim, que hoje ele está morando lá no céu, papai do céu mandou buscar ele. Sempre ele deu o ensinamento pra Adalto caminhar, que ele falava; “Que um dia ele ia embora dessa terra, então ele ia deixar uma pessoa preparada para poder correr atrás das coisas pra aldeia”. Então Adalto e outras lideranças que também está aí tudo junto, correram atrás dos objetivos, e as coisas estão dando certo graças a Deus, porque quem não conhecia que era nossa aldeia, hoje conhece, como eram as dificuldades que era antes e hoje né no presente, num é a aldeia modelo, mas é a primeira aldeia indígena da Bahia a nossa aldeia Mãe Barra velha. Então ele tem orgulho de ser liderança, eu também como esposa dele eu tenho orgulho também né, dele ser uma liderança da nossa aldeia. E está aí, até o dia que Deus quiser que ele continua nessa caminhada, ele está aí ajudando no possível né que ele pode ajudar, hoje ele é uma liderança, todo mundo sabe que ele é uma liderança muito respeitada dentro de nossa aldeia, nas extensão e fora também, que aprendendo aos poucos, caminhado, batendo em porta em porta aqui acolá, ele conseguiu os projetos pra nossa aldeia. Então eu tenho orgulho dele ser liderança.

Como já falei eu tenho 4 filhos, aí quando naquela época nossa aldeia num tinha estrada, num tinha energia. Saia madrugada pra pegar um ônibus, lá na banda de lá numa fazenda que tem aqui próximo, saía 2 horas da manhã de pé, as vezes perdia, ia caminhada a pé ate Monte Pascoal que é a pista né, uma cidadezinha, mas mesmo assim ele ia, nas reuniões correr atrás pra ajudar nosso povo. Aqui na aldeia as vezes meus filhos tava doente em casa precisando de apoio dele, e ele num tava presente, tinha vezes que eu chorava de noite só eu e meus 4 filhos em casa. Pedia a Deus que dava a saúde de meus filhos, e dava saúde

pra ele resolver os problemas de nossa aldeia. Graças a Deus que está aí para todo mundo ver a luta dele e continua lutando pelo povo, pelo bem estar de nossas comunidades”.

Akerlan, meu irmão

Figura 27: Akerlan na formatura do Fiei (2014)



Fonte: Disponibilizado pelo participante

Então né, pra falar do nosso pai, eu particularmente vejo que ele é um pai muito dedicado, muito amoroso com nós, sempre preocupado com filhos, ver se está bem, se não está. E admiro muito por sua inteligência, pela sua amorosidade, sempre buscando com que os filhos estejam ali sobre seus olhos. Nosso pai ele é uma pessoa muito preocupado com filhos, com a família e sempre ele fala, que primeiro a família dele em tudo né, antes de qualquer outra situação, e ele é uma pessoa muito aguerrida né, por essa sua simplicidade, é uma pessoa muito simples, muito inteligente. Então está sempre buscando dar o máximo dele enquanto pai, para que possa ver a gente sempre bem né.

Falando um pouquinho dele como liderança, pelo seu papel de líder hoje dentro da comunidade. É importante ressaltar desde a sua trajetória, desde quando se iniciou, ele sempre disse que começou sua trajetória como líder desde muito cedo, entre 18, 19 anos de idade, onde sempre acompanhava os líderes mais antigos daquela época, a exemplo como Tururim, Antônio Arawê, e demais outras lideranças. Ele como

jovem aprendiz, ele sempre estava buscando está ao lado dessas pessoas, sempre observando, sempre ouvindo e sempre seguindo os mesmos passos daqueles grandes líderes que já foram do povo Pataxó. Então, eu creio que hoje ele se tornou e é um grande né, referência dentro da comunidade, justamente porque ele seguiu os mesmos passos e foi buscando o melhor de toda essa caminhada como líder. E assim, nosso pai ele é uma pessoa que, ele sempre busca dar o melhor, por mais que seja difícil sua situação de momento, entre reuniões, entre seminários né, ele sempre busca ouvir primeiro para depois ele dar seu ponto de vista sobre tal situação, sempre de voz calma, mas também de voz objetiva né, sobre momentos que ele participa, eu falo isso em relação a reuniões. Eu creio que isso fez com que ele se tornasse o grande líder que é hoje, muito respeitado, muito visado na comunidade, não só comunidade, mas também fora dela, e ele é uma pessoa que sempre é correta né, jamais gosta de algo errado, ele sempre luta com muita força, com muita objetividade né, para que sempre possa buscar o melhor para seu povo. A exemplo disso, já foram muitos projetos que chegou por por ele e outras lideranças que são pataxó também, projetos esses que serviu de uma certa forma pra impactar comunidade né, impactar nesse sentido de melhorar, tanto na área da saúde, educação, infra estrutura dentro da comunidade. Então a exemplo disso, eu tenho uma admiração muito grande por ele né, e fico feliz por também já ter acompanhado ele em algumas dessas muitas reuniões. E eu sempre observo ele né, que ele sempre está á disposição, como ele sempre falou; “Eu nasci na luta, e vou morrer na luta”, apesar dos problemas de saúde que ele já têm, isso jamais fez com que ele desistisse de seu povo, de estar lutando pelo seu povo. Ele também já foi cacique, e hoje é um representante político dentro da própria comunidade, ele faz essa intermediação entre município e comunidade, são todas as comunidades indígenas do município de Porto Seguro. E creio eu que isso não veio assim de um hora para outra, foi justamente pelo seu potencial enquanto liderança, pelo seu respeito enquanto líder de um povo. Então assim meu pai, eu admiro muito ele né, é uma pessoa muito aguerrida, é uma pessoa muito respeitada e além de tudo é brincalhão, sempre está ali

sorrindo, mas é uma pessoa que está sempre a disposição para lutar pelo seu povo.

Clécia, minha irmã

Figura 28: Clécia, festejos do Abril Indígena



Fonte: Facebook da entrevistada (2020)

“Meu nome é Clécia Santos Nascimento, sou filha de Adalton Ananias Nascimento e de Elian Braz dos Santos. Pra mim é uma Honra falar sobre meu pai, ele sempre procurou nos educar da melhor forma, respeitando um ao outro ele é um pai presente, um pai que cuida, um pai amoroso, mas quando precisa ele está ali ele chama pra nus dá concelho. Ele sempre fala que temos que ser humildes, educados e ter

caráter, porque a pessoa que não tem caráter, ela não tem nada não é ninguém. Eu posso dizer com toda certeza, que meu pai ele é a estrutura da nossa família.

Hoje estou com 30 anos e desde que me entendo como gente, ele já é liderança. Uma vez eu e Alex estava fazendo pesquisa com ele, e ele nos contou que sua primeira viagem em busca de melhorias para sua comunidade foi com Tururim, que naquela época era cacique. E ele era tão jovem meu pai, mas por ser uma pessoa de responsabilidade, de caráter, Tururim naquela época depositou uma confiança tão grande nele, que ele mesmo ficou admirado. Desde e então de lá pra cá no decorrer desses anos, ele nunca mais deixou de ser liderança, ele já foi cacique aqui na nossa aldeia, atualmente ele é superintendente indígena no município de Porto Seguro, uma responsabilidade a mais. E posso dizer assim que é uma pessoa de caráter, de responsabilidade, uma pessoa que sempre busca melhorias para nossa comunidade, pensando sempre no amanhã no futuro, porque ele fala que as crianças de hoje é o de amanhã, então temos que lutar por essas crianças. Eu me sinto honrada por ser filha desse homem, um homem de estatura pequena, mas de um caráter tão grande, tão grande mesmo. Eu vejo nele uma pessoa humilde, uma pessoa de responsabilidade, uma pessoa que não pensa em benefício próprio, mas sim, pensa em benefício para comunidade, e é isso que eu tenho a dizer”.

Críscia, minha irmã

Figura 29: Críscia



Fonte: Disponibilizado pela participante

“ Então, primeiro eu falo assim né, eu como filha de Adalton a coisa que eu mais valorizo em pai, é por ele ser essa pessoa como liderança que não é desde agora que ele é liderança em nossa aldeia, mas é desde ele jovem. Sempre falou pra gente que desde os 18 anos de idade que vem nessa caminhada acompanhando as lideranças velhas de nossa aldeia que muitos já se foram, principalmente o cacique mais velho que era tio Tururim, que era o tio dele onde sempre levou ele para as reuniões, pra fora, na verdade ele fala que sempre levou ele pra aprender, porque ele fala que não ia ficar pra sempre. Então ele precisava de alguém que aprendesse caminhar juntamente com ele, para poder tomar conta da nossa aldeia, e foi o que aconteceu né. Hoje meu pai já está 53 anos, e desde jovem nunca abandonou né essa pessoa de ser líder dentro da nossa aldeia, apesar de hoje ele tá bem makiamé, eu falo assim cansado, mas ele nunca fala que tá cansado, não se cansa de ser essa pessoa líder de está sempre procurando melhorias para comunidade, o que ele faz é pela comunidade é pelo povo. Eu admiro muito o trabalho de meu pai aqui dentro, não porque ele é meu pai, mas eu vejo ele como um líder, como liderança, o respeito que ele tem pelos mais velhos, pela comunidade, pelo povo Pataxó né. Então, ele é uma pessoa que pra mim tem muito valor, muito respeito, porque o que ele ensina não é só pra ele, não é só para os filhos, é pra todos, e sempre ele vem falando pra gente valorizar nosso povo, valorizar nossa cultura,

estudar está sempre buscando os conhecimentos lá fora. E hoje, a gente já tem esses conhecimentos, mas nunca deixado de ter o conhecimento materno de nosso povo. Ele é uma pessoa de respeito, de caráter né, trabalha com clareza com nosso povo, sempre lutando, sempre na luta, nunca se cansando, e o que admiro muito nele também é que ele num mede esforço, num mede esforço nenhum né, pra caminhar, sempre lutar a luta do nosso povo, da melhoria da nosso comunidade. E ele é uma pessoa né que sempre está buscando para nosso povo, apesar de meu pai hoje já tá bem velho assim na luta, mas o conhecimento que ele aprendeu nessa jornada com os mais velhos, sempre ele vem passando, sempre ele vem buscando, porque o conhecimento nunca se acaba né, nunca se acaba, cada vez mais que a pessoa vai trabalhando, vai tendo mais conhecimento, a pessoa vai se adquirindo, e ele está sempre buscando força, buscando caminhos, sempre lutando né, pelo nosso povo, pela nossa comunidade.

Como liderança eu observo que aqui na comunidade, que por ele ser uma das lideranças, mais jovens que iniciou acompanhando as mais velhos nessa luta, hoje é uma liderança que se torna mais velho né, aqui dentro com todo seu conhecimento, por ser líder, de tá nessas caminhadas, hoje é ele. Então por esse motivo eu observo que muitas pessoas procura ele, porque ele é uma das pessoas que mais está dentro da comunidade, que vem nessa luta nessa, caminhada a muito tempo, então eu percebo que ele tem um conhecimento, não desfazendo dos outros líderes né, que todos líderes aqui dentro tem um conhecimento, tem o seu trabalho, tem sua caminhada. Mas o que eu mais admiro, é o conhecimento que ele tem hoje, hoje ele é uma pessoa que sabe andar, sabe caminhar, sabe buscar seus direitos né, sabe aonde reivindicar, é uma pessoa que eu vejo que tem um conhecimento tão grande, que as vezes nós jovens não procura né, essa pessoa pra está conversando dialogando, pra gente também saber caminhar, pra gente também saber lutar pelo nosso povo, porque hoje ele tem esse conhecimento, mas assim como outros velhos já se foram a gente sabemos que todos nós vamos partir um dia, mas nós precisamos

aprender para nossas gerações futuras aprender caminhar também. Então eu vejo assim, que ele é uma liderança, para mim ele é uma das lideranças que mais tem um conhecimento dessa luta, que está sempre aqui lutando, buscando e as pessoas sempre procurando ele, para ter uma forma de aprendizado também, de está conversando com ele, sempre vem pessoas pesquisar ele aqui na aldeia, sobre a nossa cultura, sobre a nossa história e sempre ele tem o que falar né. Sempre ele conta quando a gente senta pra conversar com ele aqui dentro de casa, a gente família os filhos, e ele conta a luta que num foi fácil, e hoje também não está sendo fácil, a luta de nossos anciões nunca foi fácil.

Para a pessoa ser uma liderança, a pessoa tem que sair de dentro de sua casa, largar sua família, os filhos, passar semanas e mais semanas fora, e eu passei por isso né, eu vivi isso, vivenciei isso com meu pai. Eu era pequena, mas eu lembro muitas vezes que ele saia pra viajar, deixava a gente em casa, as vezes a gente ficava pensando, eu mesmo nem pensava, nem imaginava o que tava fazendo, mas a nossa mãe falava, “é seu pai tá lutando pela comunidade, seu pai tá lá fora tal dia ele chega”. Então a gente ficava triste, mas hoje a gente ver o que é a luta né, hoje eu vejo no olhar dele, a alegria do que ele trouxe para dentro da comunidade, a alegria dele ter aprendido, com o conhecimento que ele tem hoje sempre ele vem conversando com a gente, pra gente tá aprendendo isso também. Sempre ele vem falando pra gente que é assim mesmo, “Ser líder é dessa forma, é dormir fora de casa é não comer na hora certa, é não dormir na hora certa, é fazer o melhor para nosso povo”. Aí as vezes a gente fala, “Pai o senhor num está cansado dessa luta? Deixa pra outros mais jovens, o que senhor pode fazer já fez”, aí é onde ele fala não minha filha, eu vou deixar isso só no dia que eu partir, porque eu procurei lutar pelo um povo, o meu sonho era esse de fazer o que eu já pude fazer pela minha comunidade, mas eu ainda quero fazer mais, por mais que não tá fácil hoje, as coisas antigamente a gente pensava que estava difícil, mas não na verdade não estava, antes a gente tinha certa dificuldades, mas hoje as dificuldades é maior ainda, o que ele quer dizer é que a aldeia cresceu, cresceu de certa forma que as

coisas parasse que ficou mais difícil. Então eu fico imaginando né, o pensamento dele como liderança o olhar dele hoje que não é um olhar de antes, mas mesmo assim ele não deixa de lutar, não deixa de ser líder, é um trabalho incansável, mas pra ele é um trabalho satisfatório que eu vejo nele o querer dele lutar. Então é essa pessoa, um líder que não se cansa de está na luta, um líder que procura o melhor para seu povo, comunidade, uma pessoa de luta, de caráter, de transparência é essa liderança que eu vejo nele. No decorrer de minha vida tudo o que vivênciei, até hoje eu vejo essa pessoa de respeito, uma liderança muito respeitado pelo seu trabalho que sempre vem fazendo para o povo, dentro de sua própria comunidade e outras comunidades também. Hoje ele está como uma liderança que representa todo o povo indígena Pataxó do município de Porto Seguro, então é isso que eu vejo da pessoa dele hoje, essa pessoa de respeito um líder bem de responsabilidade”.

Nas entrevistas que fiz com meus irmãos, pude observar que, assim como eu, todos têm uma grande admiração e respeito por nosso pai Sempre destacando suas lutas, conquistas e dificuldades que passou. Minha mãe também deixou suas belas palavras sobre o seu marido. Ela destacou as dificuldades que passaram no início, até chegar nos dias de hoje, mas mesmo, com tudo isso, nunca desistiram um do outro, sempre deixou claro toda sua gratidão por ter ele como marido. Com isso, todos nós somos muitos gratos por ter essa pessoa maravilhosa que é nosso grande mestre Adalton Pataxó.

5.3. Adalton Pataxó por Zé Ferreira (Zé Baraiá)

Figura 30: Sr. Zé Ferreira (Zé Baraiá)



Fonte: Arquivo disponibilizado pelo participante (15 set. 2022)

Na entrevista que fiz com seu Zé Baraiá (José Ferreira), ele contou um pouco de sua trajetória como liderança, destacou as principais lutas de frente que fez juntamente com outras lideranças. Fiz algumas perguntas para ele durante o nosso bate papo e ele, com seu jeito carismático, tentou responder da melhor forma possível, sempre destacando o quanto é importante estarmos unidos para conseguir nossos objetivos. Em suas palavras, percebi um pouco de tristeza, pois o trabalho de uma liderança nem sempre é reconhecido por todos, infelizmente.

Dalton: *por favor, fale sobre as pessoas que trabalharam com o Sr., como liderança da aldeia.*

Zé Baiará: *No começo a gente trabalhou um bom tempo da aldeia pela comunidade, a gente fez isso por amor, eu substitui meus avôs, meus pais, minha mãe, meus parentes mais velhos que trabalhou na liderança e quando eles foram falecendo, a gente tem que tomar conta da*

responsabilidade.

E para começar de todos esses meninos, como seu pai, eu considero ele como menino, porque ele é um pouco mais moderno do que eu. E aí cada um desses menino que hoje se encontra em Barra Velha, tudo bem dizer já foi liderança minha tá. Todos eles, porque eu comecei com esse, você nem conheceu esse rapaz, mas foi o primeiro vice cacique meu, foi o Manezim do finado João do Carmo, foi um índio velho que tinha aqui, esse foi o primeiro vice meu. Depois do Manezinho sair do trabalho, eu coloquei seu pai, eu não, a comunidade, porque a gente mesmo não tem poder pra colocar liderança, quem escolhe é o povo, né. Aí colocou seu pai para trabalhar comigo e com esses trabalhos que a gente trabalhou durante os tempos que a gente ficou na luta. Eu tinha uma equipe de liderança que a gente tinha uma organização em viagens, trabalhos dentro da aldeia, botar as ordens que tinha que botar dentro da aldeia, porque era um trabalho que a gente tinha um conjunto e tinha uma união tá. Porque, quando eu saía, às vezes eu tava na aldeia, quando nós estava tudo junto na aldeia, aí eu falava “oh, seu papel é esse”, vamos dizer assim papel de Adalton era receber o povo na minha ausência tá, na minha ausência, ele ia receber o povo, ver o que ele podia resolver dentro da autoridade dele, caso ele pudesse resolver aquilo, às vezes podia ser uma coisa que ele pudesse resolver, ele era uma autoridade pra resolver aquilo; caso ele visse que aquilo ele só não podia resolver, eles ia, ‘olha, me dá um tempo o cacique tá viajando, mas ele tem uma previsão pra chegar, cê aguarde a chegada dele que quando ele chegar a gente senta e vamos procurar resolver isso, porque eu só num vou resolver não, num tenho capacidade pra resolver isso sozinho”. Então, tinha o Antônio Fumo, que se chama Antônio Arawê, que também ainda tá aí com vida, Deus que dê muitos anos de vida pra ele, que ele fazia parte da liderança da cultura, sabe? Quando chegava uma pessoa para conhecer a aldeia, fazer um filme na aldeia, dá uma entrevista, a pessoa que ia pra frente o era o Antônio Fumo. Eu convidava ele, oh esse papel aí é do Antônio, que aí eu só vou autorizar fazer dependendo do trabalho que fosse feito né, também se fosse um trabalho que não trouxesse

retorno pra comunidade, eu não deixava fazer o trabalho. Aí, o Antônio Fumo ia, reunia os parente, colocava a roupa de índio todo trajado, e ia pra frente pra poder representar a aldeia como liderança da cultura. Depois de muito tempo, Adalton saiu de vice cacique, mas sempre ficou frequentando, até hoje ele frequenta tá; e ficou eu só, ficou eu só como cacique pra gerenciar toda aldeia dos índio aqui do centro e todos os grupo em volta da aldeia Barra velha, eu fiquei sozinho.

Dalton: Na época só tinha cacique em Barra Velha?

Zé Baiará: *Era só tinha em Barra Velha, tinha alguns representantes em outros grupos, tipo Boca da Mata, Meio da Mata, Campo do Boi tinha já, mas só pra algum caso de uma doença, a vez num dava tempo vir aqui me avisar, aí eu dava autoridade pra eles correr atrás logo, pra acudir a pessoa que tava doente, mas em termo de resolver mermo era só Barra Velha.*

E daí depois de muito tempo escolheram o Pisca, Filho de Ovídio, colocaram ele como vice também, também foi pra me acompanhar, andar comigo pra onde fosse preciso e tratar de fazer alguma coisa dentro da aldeia ao bem da comunidade, e ele era muito novo na época, ele era muito mulherengo e talvez até hoje ainda é. E por isso a turma num achou assim, ele com capacidade de assumir o cargo né, porque onde ele andava só era atrás de mulher mesmo do que resolver os problema. Ele num ficou muito tempo não, depois do Pisca, ficou eu sozinho de novo, aí trabalhei mais um bom tempo sozinho, depois desse bom tempo, o pessoal falou, Zé esse trabalho é muito cansativo pra um só, tem que botar mais liderança pra ajudar ele, aí o que que fizeram escolheram aquele Joel, aquele Joel Braz. Mas Joel Braz num batia com minhas combinação, o pensamento dele era diferente do meu, diferente porque o meu jeito de trabalhar, até hoje, eu tenho essa mentalidade comigo, meu jeito de trabalhar é sempre procurar a ensinar os índio trabalhar sem prejudicar ninguém, sem mexer nada dos outros, sem retomar terra, esse é meu jeito de trabalhar, meu jeito de é procurar botar os índio pra trabalhar para eles ter os deles, sem carecer tá mexendo em nada dos outros, esse foi sempre meu jeito e ainda continuo dessa

forma, tá. E aí, depois de algum tempo o Joel saiu, pois o seu pensamento era totalmente diferente do meu. Depois disso fiquei trabalhando sozinho de novo, depois de muito tempo eu cansei, eu cansei porque o trabalho de cacique é um trabalho muito cansativo, é um trabalho que tem que ter muita responsabilidade, é um trabalho que a gente por muito bem que faz, mas nunca sai bom pra todo mundo, sempre uns elogia outros já criticam, e por aquilo eu vi que tava perdendo meu tempo, ao invés de tá cuidando alguma coisa pra mim, eu tava num trabalho que eu num tava tendo o apoio da comunidade toda. Aí, pra eu sair e não deixar a comunidade toda completamente sem apoio, eu cheguei e fiz uma reunião com a comunidade mesmo, convoquei uma reunião e pedi a minha saída que eles pudessem escolher outro cacique pra trabalhar, nesse trabalho de cacique, porque eu já não aguentava mais, já tava muito completamente cansado e eu num tinha mais aquela paciência que tinha logo quando comecei o trabalho. E por aí eu fiz a reunião, convoquei o povo, passei meu o cargo pro pessoal, foi quando botaram Romildo, Romildo foi o primeiro que trabalhou na minha ausência depois que eu saí né.

Dalton: *E a luta dele, Adalton e outros que podem vir.*

Zé Baiará: *Então meu parente, o que eu quero dizer com isso? Que a luta minha mais de seu pai e de outros parentes que lutou comigo, foi uma luta que cada um deles tem uma historinha pra contar, cada um deles, porque a minha é mais longa a história, porque eu peguei Barra Velha no zero, Barra velha tinha passado cacique pela administração, mas eu digo assim, pode entrar 200 caciques mas nunca falta trabalho pra nenhum deles, sempre tem trabalho porque, às vezes, a gente arruma uma coisa, mais falta outra coisa que precisa de mais gente pra cuidar. Então, eu digo pra você que a luta do cacique num é uma lutinha de qualquer brincadeira não, é uma luta muito cansativa, difícil, de responsabilidade, quanto mais o camarada praticar, mais trabalho aparece pra ele. A luta de seu pai, ele passou pelo mesmo caminho que eu passei tá, é uma luta cansativa de grande responsabilidade pra quem reconhece uma luta de uma liderança tá”.*

Dalton: *Algumas conquistas que Adalton ajudou a conseguir para a aldeia e qual sua visão dele como liderança?*

Zé Baiará: *Meu parente, no caso de Adalton, seu pai, eu vejo que ele tem uma boa experiência, ele tem uma inteligência boa, mas ele só falta mesmo na verdade é ter uma parceria mais forte, uma parceria que fala a língua de um e a língua do outro. Então, começando por aquele colégio de Barra Velha, teve também o posto de saúde da aldeia, o posto veio primeiro que o colégio. Com isso, veio também a instalação de um poço artesiano na aldeia, onde fez a instalação da encanação de água, fez também a construção de banheiros nas casas dentro da aldeia. Esses projetos que buscamos, ajudou muito nosso povo, nos deu condições melhores de vida, principalmente na saúde.*

Considerando esta entrevista, descobri que meu pai foi um dos primeiros a ser convidado para trabalhar junto com Sr. Zé Ferreira, na época em que ele era cacique da aldeia mãe. Pela fala de Sr. Zé Ferreira, também é possível identificar que desde muito cedo meu pai tinha responsabilidades em relação a comunidade de Barra Velha, tendo que tomar muitas decisões, seja na presença do Sr. Zé Ferreira, mas também em outros momentos. É possível concluir também que, por mais que meu pai não tivesse oficialmente ocupando o papel de vice cacique, ele nunca deixou de ser uma liderança, ou seja, sempre ocupando os espaços e lugares na comunidade com o papel de líder.

Aprendi com a entrevista com Zé Baiará que cada liderança contribui com algo, e que, para o Sr. Ferreira, meu pai tem várias histórias para contar sobre a árdua tarefa de ser uma liderança. Pela fala, aprendi também que a trajetória de uma liderança é difícil e cansativa, e que as lideranças passam por desafios parecidos, o que acarreta ter grandes responsabilidades com o povo. Na visão de Sr. Baraiá, para ter uma boa liderança é preciso também ter boas parcerias, que tenham ideais parecidas, para alcançar um bem comum para a comunidade. Também identifiquei que ele reconhece que meu pai teve participação e encabeçou muitas conquistas e melhorias para nossa comunidade. Isso ocorreu em várias áreas, inclusive na educação, saúde e infraestrutura. Assim como mostra o Sr. Zé Ferreira, isso acontece pelo modo como Adalton vem construindo relações na comunidade, seja entre os próprios

indígenas, seja também entre não indígenas.

5.3 Adalton Pataxó por Alex Pataxó

Figura 31: Alex Pataxó



Fonte: Disponibilizado pelo participante (facebook)

Bem, boa tarde, bom dia, boa noite. Eu sou Alex Ferreira Pinheiro, membro da comunidade de Barra Velha e venho aqui falar um pouco da liderança Adalton Ananias, conhecido como Adalto Pataxó na comunidade e também nas cidades circunvizinhas. Falando um pouco da pessoa dele, do trabalho de liderança que ele exerce na comunidade, em conversa, né, a gente sempre tem o diálogo, até tenho o privilégio de ter esse diálogo aberto com essa grande liderança. Ele é uma pessoa que desde muito cedo dedicou a vida à comunidade, a buscar projetos, pensar com suas lideranças o melhor para a comunidade. Então, desde os 22 anos, segundo ele, ele dedicou a vida a comunidade, então de lá pra cá, ele vem buscando né, junto com os primeiros líderes né, na

peessoa de Tururim, nosso grande cacique reconhecido né, acredito eu por todo o Brasil. Ai, acompanhou muito, né, a partir de Tururim que ele começou a sua jornada, acompanhando esse grande cacique. Como ele era uma pessoa que não tinha a escolaridade completa, mas já sabia a leitura, cursou apenas o Fundamental 1, até o quinto ano, então era uma pessoa que já sabia a ler né, já podia ajudar as lideranças na leitura de algum documento, né. Então, o cacique Tururim convidou ele pra acompanhar nas viagens, em Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, enfim ... Para acompanhar e ler os documentos no qual eram entregues ao cacique velho Tururim. Então, ele dedicou, também se empenhou junto com o Tururim, buscou muitos projetos pra Barra Velha, não foi no tempo da demarcação da terra, né porque é recente, mas outros projetos vieram através deles, né. E as outras equipes de lideranças também, posso falar que o avanço que Barra Velha tem hoje, não desmerecendo das outras lideranças, mas a pessoa do Adalton teve uma responsabilidade muito grande né, como a estrada, a própria energia elétrica. De lá pra cá veio muita coisa né, através desses dois pontos, veio também a ponte do Porto do Boi que dá acesso a aldeia até as cidades mais próxima né, em questão de saúde, por exemplo. Então, ele foi o grande responsável por isso, mas o seu legado maior dentro da comunidade veio por ser uma liderança política, ele por muito cedo vem dedicando, vendo a necessidade da comunidade, e sabemos hoje que muitas coisas vem não para uma comunidade né, mas na sociedade em si, se não tiver uma parceria por meios políticos, muitas coisas se fecham né. Então, ele visou isso e teve também parceiros que abriu o olho dele em relação a isso e ajudou muito ele nesse sentido né, de se dedicar, de buscar vínculos por meio da política. Então, desde então, os anos 2000, 2002 pra cá, ele se dedicou muito as parceiros políticos, saiu candidato também como vereador pela comunidade e veio buscando adquirindo conhecimento referente a essa área da política partidária. E por ele ter esse conhecimento e ter parceiros que ajudou muito nesse sentido, ele conseguiu trazer muitas coisas para aldeia Barra Velha. Infelizmente ele não conseguiu se eleger enquanto vereador, teve três mandatos que ele saiu, na verdade três eleições que ele se dedicou, mas

infelizmente não conseguiu, por forças maiores também, e a comunidade também por não entender a força da política dentro da comunidade e acabou que ele não conseguiu se eleger, mas trouxe muitos projetos para comunidade né, a questão da educação mesmo, o ensino médio hoje dentro de Barra Velha, nós podemos agradecer muito a pessoa dele, que foi através da política partidária que ele conseguiu vínculo com gestor na época. Não vou falar de gestão, mas a política né, ele infelizmente tem pessoas tem representantes e na época com o prefeito atual hoje, que foi candidato na época, também em 2004 ou 2008 se não me engano. Foi o gestor de Porto Seguro e com isso por ele ter apoiado essa pessoa, ele acabou trazendo esse projeto do ensino médio, implantar o ensino médio dentro de Barra Velha, que se estendeu também para a aldeia próxima, Boca da Mata. Então, foi uma conquista muito grande, porque, quando nossos parentes chegavam ao 9º ano, a antiga 8ª série, tinha que sair para outras cidades mais próximas, buscar outras escolas que tinham o nível médio, e isso dificultava muito para nossa comunidade e pensando nisso ele buscou né, junto com esse gestor na época, e conseguiu implantar o ensino médio dentro de Barra Velha, que até hoje muitos de nossos parentes aí vem se formando dentro da comunidade, não há necessidade mais de sair de sua comunidade para concluir o seu ensino a nível médio. Então, foi uma das conquistas né, sem contar, como já tinha dito anteriormente, a energia elétrica, a estrada, a própria infraestrutura da comunidade também que ajudou muito, e muita coisa ele conseguiu para a comunidade.

No município de Porto Seguro não tinha uma referência para as questões indígenas, na época só tinha na verdade comunidade de Barra Velha em si e as comunidades circunvizinhas do território não tinham uma representatividade dentro do município. Então, a partir dessa ligação dele né, com o gestor e outros parceiros, conseguiu implantar uma superintendência dentro do município e essa superintendência que nomeou de Superintendência de Assuntos Indígenas do município do território de Barra Velha. Então, a partir daí, as comunidades indígenas passou a ter uma representatividade dentro do município, para buscar,

reivindicar as suas demandas, suas necessidades de cada comunidade, mas outra conquista né, que veio por meio dessa pessoa, pessoa do Adalton. E, infelizmente né, hoje nem todos têm esse reconhecimento do que ele buscou, do que ele trouxe, mas são legados que ele trouxe que vale a pena a gente citar né, para ficar reconhecido e ficar registrado o quanto ele buscou, o quanto ele se dedicou com a comunidade, e ainda vem se dedicando ainda hoje atualmente, né. De lá para cá, ele não largou dessa, a gente brinca, ainda fala, que é uma doença, a doença política partidária, que ele é uma pessoa muito fanática né, a essas questões, e fanática, porque foi através disso que ele conseguiu muita coisa para comunidade. Então hoje, ele não consegue nem abrir mão disso né, de deixar de ser essa pessoa de ter essas parcerias partidárias para comunidade. Não vem muito bem saúde mais, ele já não tem o mesmo pique né de 10, 15 anos atrás da forma que ele sempre se dedicou com a comunidade, só que mesmo assim ele ainda se dedica.

Hoje, o mesmo gestor na época que foi implantado o ensino médio, em 2004 e 2008, volta para o município de Porto Seguro, novamente como prefeito e como sempre né, ele sempre deu apoio a esse gestor e a gente também enquanto família e enquanto comunidade também, abraçamos a causa também, apoiamos ele e hoje está novamente no comando do município e muitas portas se abriram novamente, e ele tá nesse trabalho. Hoje, Adalton está como superintendente de assuntos indígenas, porque na época, quando abriu essa superintendência, ele não foi pra ser o superintendente, ele fez questão de colocar membros da comunidade pra exercer essa função e agora ele está sendo esse representante do município para as comunidades. Como disse, ele não está muito bem de saúde, mas ele sempre está ali se dedicando, buscando o melhor para a comunidade e para outras comunidades também que depende também desse apoio.

Há muita coisa pra falar dessa pessoa, porque muitas conquistas ele buscou para comunidade, e em palavras assim fica até meio difícil da gente tá explicando, expressando, falando sobre isso, mas a própria comunidade, tudo que ele fez que ele buscou está dentro da comunidade,

está a todos para ver né, o que ele conseguiu está implantado na comunidade. Hoje, temos fruto do que ele buscou, não desmerecendo as outras lideranças mais uma vez, porque não foi ele sozinho, foi ele junto com as lideranças, junto com a comunidade, mas se não fosse né, a dedicação dele pra buscar correr atrás, muitas coisas tinha estacionado, digamos assim. Então, é disso que eu acho que tem muita coisa pra falar e mostrar também né, é melhor mostrar do que tá falando, mas o legado que ele fez que ele buscou está presente na comunidade. E hoje, ele sempre dedica a comunidade para que outros né, também possa exercer essa mesma função, como ele mesmo fala que hoje ele já está cansado e o sonho dele é ver outras pessoas também nesse mesmo caminho, de buscar, por meio da política partidária, se dedicar e buscar algo de melhor pra sua comunidade de seu povo, é o sonho dele que ele sempre fala, mas infelizmente muitos veem a política como algo negativo, que acha que política é errado, que político não presta, que político é isso é aquilo. Mas, foi através da política que ele conseguiu, através da política partidária que ele conseguiu tudo isso para sua comunidade, então basta, ele sempre fala que basta você olhar a política como um lado positivo, que aí sim você vai conseguir buscar algo para sua comunidade para seu povo, é um pouco disso, eu falando de Adalton, que eu não consigo ver ele mais outra liderança sem ser da política partidária né, membro da comunidade, ele participa de reuniões da comunidade, mas a dedicação dele maior hoje é nessa linha né, de sempre ter essa parceria com políticos que podem ajudar a comunidade, independente de quem for, de partido ou religião enfim, o que ele busca é trazer a melhoria a infraestrutura, saúde, educação para sua comunidade, é isso que ele sempre busca”.

Pela fala de Alex Pataxó, já identifico que meu pai é uma liderança que possibilita um diálogo aberto e que acolhe as demandas da comunidade. E desde muito cedo, ele construiu parcerias, buscando melhorias para a comunidade. Meu pai também ele teve a sua formação como líder, com grandes lideranças Pataxó, tendo muito respeito por eles. Junto e aprendendo com esses líderes, meu pai caminhou trazendo contribuições no que era

possível, como o caso da leitura e buscando se formar nas experiências vividas com nossos grandes líderes. Segundo Alex, ele sempre teve a frente em muitas conquistas, sendo reconhecido pela sua capacidade política de dialogar. Assim, como Sr. Zé Ferreira, Alex também destaca a capacidade de meu pai de construir parcerias, o que na visão de Alex fortalece a busca por melhorias na comunidade. Essa capacidade de criar parcerias, foi importante para que ele criasse vínculos políticos. Apesar de ele ainda não ter ocupado um cargo político eletivo na câmara municipal de Porto Seguro, ele é muito reconhecido pelos projetos que conseguiu, a partir de sua atuação política dentro e fora do território indígena. Na fala de Alex, também identifiquei uma forte atuação de meu pai dentro da educação. Sua força política contribui para que hoje tenhamos o Ensino Médio em nossa comunidade, o que traz desdobramentos como a formação dos jovens pelos professores indígenas, emprego para os professores e demais funcionários, fortalecimento da cultura, inclusive pelos mais jovens. Ou seja, vejo que meu pai contribuiu para a escola, Ensino Médio, que almejamos: indígena, diferenciada, bilíngue e intercultural.

Além da escola, Alex, assim como Sr. Zé Ferreira, também destaca contribuições do meu pai em relação a infraestrutura da comunidade, o que contribuiu para o conforto da aldeia, principalmente em relação a saúde, pois com uma estrada boa é possível ter acesso mais fácil a hospitais, por exemplo. Identifiquei também pela fala de Alex que meu pai também teve participação na criação da Superintendência de Assuntos Indígenas do município Porto Seguro. Nesse sentido, ele potencializa não só a voz indígena de Barra Velha, mas a voz indígena dentro da prefeitura, ocupando espaços e buscando ter voz nas tomadas de decisões. Vejo então que meu pai, durante sua trajetória, lutou por conquistas para o povo indígena, não só para a comunidade de Barra Velha. Pela fala de Alex, aprendi também que meu pai ocupou o lugar de se formar como líder e hoje ele contribui para a formação de novos líderes, dando a oportunidade para que ocupem espaços políticos partidários. É importante ressaltar que, mesmo diante das dificuldades e não tendo a mesma disposição, inclusive por problemas de saúde; ele ainda está na luta e não pretende abandoná-la.

5.4 Adalton Pataxó por Raoní Pataxó

Figura 32: Raoni Pataxó nos Jogos Indígenas



Fonte: Disponibilizado pelo participante

Boa tarde, eu sou o Raoní Pataxó, nesse áudio eu vou falar diretamente referente a Adalton Ananias Nascimento, e vou falar um pouquinho sobre sua trajetória de luta enquanto liderança, né. Eu acompanhei essa trajetória do guerreiro Adalton desde os meus 10 anos de idade, quando eu vim pra Barra Velha estudar, e ele assim já era uma grande liderança dentro da comunidade, e se tornando essa liderança né, mas também acompanhando o trabalho de outras liderança que passaram, como o cacique Tururim né, como o cacique José, Zebaraiá. E então, se tornando uma liderança muito importante para nossa comunidade e lembrar assim referente né, uma trajetória que ele fez, foi a ida do Adalton no Xingu né, eu não me lembro muito bem o ano que ele foi, num sei se foi em 84 ou 86, ou se foi em 90 né, mas essa viagem que ele fez no Xingu né, abriu as portas e a mente também referente a questão da cultura do povo Pataxó né, então ele presencia né, ele vivência uma experiência muito importante com os parentes do Xingu, ele e seu companheiro de viagem né que o Tibira, o Tibirissá o filho de Tururim, então na vinda deles pra aldeia mãe Barra Velha, eles também incentiva né, esse processo da questão da cultura do povo pataxó né, e isso foi muito importante né, nesse processo da retomada da cultura

também do povo pataxó né. Então Adalton também, ele se tornou uma grande liderança política partidária dentro do povo pataxó, sendo aí o primeiro indígena no município de Porto Seguro a concorrer a uma eleição né, tendo aí uma participação muito expressiva dentro do processo político né, então ajudando de certa forma todo o território Pataxó que envolve a nossa comunidade da aldeia mãe e as demais é aldeia do povo Pataxó. Então, ele se tornando e tendo essa referência como uma liderança política também muito importante dentro da história do povo Pataxó né, é no município de Porto Seguro e, além disso é, outros trabalhos outras missões que ele fez e continua fazendo até hoje, ainda pelo seu povo, pela sua comunidade. Então, de certa forma, ele deixará o seu legado, não só para sua família mais para todo seu povo Pataxó, referente né a sua liderança que foi construída ao longo desses anos e ainda tá sendo construída ainda. Então, é isso, gratidão, Raoní Pataxó aqui da aldeia mãe.

Nesta entrevista, identifiquei que meu pai, além de ter trabalhado com as lideranças mais experientes, ele também é referência para as jovens lideranças, pois Raoni acompanha a trajetória de meu pai desde muito novo. Acredito que ele deve ser inspiração para muitos jovens. Meu pai também buscou por experiências em outros povos indígenas no alto Xingu, como ele mesmo contou e eu transcrevi na primeira seção deste capítulo. Isso foi muito importante para fortalecer a cultura dentro da comunidade de Barra Velha. Nessa entrevista, também percebo a importância do meu pai na política. Raoni reforça a importância da presença do meu pai no campo político partidário dentro do município, representando o povo Pataxó. Me chamou a atenção Raoni dizer que meu pai foi o primeiro Pataxó de Porto Seguro a tentar um cargo político. Isso já mostra o quanto ele buscou e busca romper com o sistema. Assim, como os outros entrevistados, Raoni também destaca a importância do meu pai também na política, levando em conta as negociações, as conversas, discussões dentro e fora da comunidade, sua capacidade de dialogar e construir parcerias.

5.5 Adalton Pataxó por Kaiones Pataxó

Figura 33: Kaiones, formatura do Fiei (2013)



Fonte: Disponibilizado pelo participante

Hoje, 4 de fevereiro de 2022, às 12 horas e 43 minutos, vou aqui ceder uma entrevista para o aluno Dalton, do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, da Universidade Federal de Minas Gerais. Meu nome é Kaiones, sou professor, hoje sou professor da escola indígena Barra Velha, professor também do anexo da aldeia Meio da Mata, que é uma extensão do Colégio Estadual Indígena Coroa Vermelha. É, tenho a honra aqui de ser convidado para falar né, ceder uma entrevista sobre a liderança Adalton Pataxó. Primeiramente, pra mim, chegar a falar né, sobre essa pessoa, eu acredito que nós temos que conhecer um pouco da trajetória né, dessa pessoa, porque nós sabemos que desde jovem né, ele escolheu ser essa liderança, escolheu ser liderança, e hoje pra você ser liderança, não é um papel fácil né, principalmente dentro de uma comunidade indígena, que nós assumimos uma responsabilidade, um compromisso com a comunidade, ainda mais quando nós temos comunidades que estão com

pensamentos diferentes né, tem pensamentos que na maioria das vezes não contribuem para que a gente possa se organizar, para que nós podemos buscar interagir e dialogar para melhoria dessas comunidades que hoje nós temos. Ser liderança hoje, dentro do território Barra Velha, eu vejo que está sendo cada vez mais difícil né, primeiramente por nós estarmos dentro de uma área que está sobre estudo territorial. É claro que nós temos aí um território demarcado de 8.627 hectares, mas a gente sabe que nós temos ainda essa ampliação que é para 52.000 hectares. E hoje essa questão territorial influencia muito dentro da vida de uma liderança, porque primeiramente a liderança, ela é a primeira pessoa dentro da comunidade a ser vista, nós sabemos que de uns anos para cá, a aldeia vem sofrendo com a questão do tráfico de drogas, e quem sempre está na linha de frente são as lideranças que quer o bem da comunidade, e aí essas pessoas ficam visadas, por pessoas ruins que querem né, trazer o mal pra dentro da comunidade e aí a gente ver que essas lideranças, elas ficam é de forma mal vista no meio dessas pessoas. Mas, quando se trata da pessoa de Adalton Pataxó, eu vejo ele um jovem guerreiro né, um jovem guerreiro da luta, uma liderança jovem, que tem sua trajetória muito importante, principalmente aqui para comunidade de Barra Velha, por ser uma pessoa que sempre contribuiu e ajudou na construção dessa comunidade, ele lutou e luta até hoje para o bem dessa comunidade, a gente sabe que ele tentou aí, duas ou foi três vezes, se eu não me engano, pra ser vereador né, na primeira vez quase conseguiu, a segunda vez também teve uns votos expressivos e a terceira vez também. Agora sim, quando eu olho para Adalton, eu vejo ele uma liderança política, uma pessoa que busca nesse meio político a convivência melhor para as comunidades dentro desse governo, desse sistema político. A comunidade hoje de Barra velha tem muitas coisas que a gente observa que com as lutas das lideranças foram conquistadas, e dentro desses projetos está a ponte que dá acesso a aldeia, está a energia elétrica, a questão da água, estradas, educação, saúde, então assim, liderança, ela tá envolvida em tudo né, em todos os projetos sociais da comunidade. Eu vejo Adalton, ele sempre presente dentro desses projetos da comunidade. Então, ele é uma pessoa que

sempre contribuiu com as demandas que chegaram até a ele, a gente hoje, eu como professor, como diretor da escola indígena Barra Velha, falo que nós temos hoje que nos organizar melhor né, organizar para que a gente possa dar suporte as nossas lideranças, porque é, como que é organizar melhor? Que nós também possamos orientá-las na hora do discurso, no momento de escrita de projetos, nos momento de reuniões, e então nós temos que estar mais presentes né, eu vejo isso.

Pra falar sobre Adalton né, a gente, eu também me refiro assim, que ele foi uma pessoa que teve seu início de liderança com o cacique Tururim que é meu avô, com Alfredão, que foi lá os primeiros caciques daqui de Barra Velha, um dos primeiros né, teve também seu Zé Baraiá, que ele também participou dessa luta com Zé Baraiá, enfim, com todos os caciques dessa geração. De vovô Tururim em diante, ele teve essa participação como liderança, até hoje né. E vejo que pra falar sobre ele, eu vejo ele como uma pessoa lutadora né, lutadora, uma pessoa guerreira, que está a todo momento ali buscando bem para sua comunidade, e que ele tem muito a contribuir com a gente que é jovem, eu vejo que ele é uma pessoa sabida, quando a gente conversa com Adalton, você vê que ele traz informações sobre nossa comunidade que faz a gente nos refletir, sobre cada situação da comunidade. Então, eu deixo aqui né, as minhas falas por essa liderança que uma liderança que está juntamente com a gente, lado a lado, trabalhando em parceria e que não é fácil né, ser liderança, hoje eu tô no cargo de diretor e eu sei que num é fácil, que quando só quem conhece né, essa vida de liderança é quando você entra dentro dessa vida, quando você começa a liderar um projeto para seu povo, então não é fácil, são vários obstáculos que a gente tem que quebrar para a gente chegar em nossos objetivos, e assim e dizer também que hoje Adalton Pataxó é uma liderança que ele sempre quer o bem das comunidades. Então, ele é uma pessoa que tem uma articulação imensa, é uma pessoa sabida que sempre nos ajudou e nos ajudará com fé em nosso Tupã, conseguir projetos para beneficiar a nossa comunidade de Barra Velha e também outras comunidades.

Na entrevista, Kaiones reforça que meu pai assumiu o compromisso de

ser liderança desde muito cedo. Na fala de Kaiones esse compromisso é desafiador, pois há muitas comunidades com ideias diferentes e tem também outros enfrentamentos em relação ao território. E, por isso, muitas vezes, as lideranças ficam sendo o maior alvo. Kaiones reforça a importância do papel de meu pai em relação a construção da comunidade. Ele, assim como os outros, diz sobre o papel político de meu pai, diante do sistema. E fala sobre o modo de fazer política de meu pai, buscando uma melhor convivência, o que trouxe para a comunidade benefícios, como a ponte, a estrada, energia elétrica, entre outros. Segundo Kaiones, meu pai sempre está disponível para participar dos projetos sociais que acontecem na aldeia. Na fala, também identifico que a formação como líder foi a partir das experiências com anciões de Barra Velha, pessoas que também contribuíram muito com a comunidade. Assim como Raoní, ele reforça que meu pai é uma grande referência para os mais jovens. Nas conversas, meu pai ajuda os mais jovens a refletir sobre as diversas situações e os desafios enfrentados pela comunidade, sempre se mostrando disposto e articulado, buscando construir parcerias.

5.6. Adalton Pataxó por Vanessa Tomaz



Figura 34: Conselho de Lideranças Indígenas (2015)



Figura 35: Conselho de Lideranças Indígenas (2022)

Vou falar um pouco sobre o Seu Adalton Pataxó. Ele é um grande parceiro do Fiei. Desde que o conheci e já faz tempo, ele está sempre presente, ajudando nas negociações com os estudantes, com a reitoria, com a comunidade e com os órgãos externos, como Funai, Sesai,

Secretarias e Ministério da Educação.

Dentro do Fiei, seu Adalton é membro do Conselho de Lideranças Indígenas desde que ele foi criado, há mais de 10 anos. De lá para cá, foram muitas reuniões, muitas viagens, algumas programadas, outras atendendo a nossos chamados de emergência. Destaco a atuação firme e serena de seu Adalton nas comissões de homologação das Bolsas Permanência e das inscrições do Vestibular. É evidente seu tom conciliador, sua busca pelo diálogo e fortalecer parcerias para garantir os direitos de seu povo. Quando se instalou a pandemia de Covid-19 e os contatos com o Fiei passaram a ser remotos, ele procurou logo se adaptar a essa nova realidade, continuando a contribuir, cumprindo o seu importante papel de conselheiro do Fiei. Nem os problemas de saúde são barreiras para atender nossos chamados.

Também seu Adalton, assim como toda a comunidade Pataxó de Barra Velha, cuida da gente quando chegamos na aldeia. Preocupa se estamos bem alojados, vai nos receber e nunca mediu esforços em participar das atividades que realizamos nos intermódulos. Ele demonstra que acredita no nosso trabalho e isso nos dá força e coragem para enfrentar as barreiras que surgem no trabalho com o Fiei. Me encanta sua serenidade e o respeito às decisões que tomamos.

Tive o privilégio de coordenar a turma do Fiei, em que seus filhos estudaram, a habilitação em Matemática. Foram meus alunos, Akerlan e Clécia (2010-2014); Críscia (2014-2018) e agora o Dalton (2018-2022). Foram oportunidades que nem todos os professores do Fiei tiveram de conhecer seu Adalton com mais detalhes e perceber a sua preocupação em orientar seus filhos, e como seu compromisso com a Educação reflete nos filhos. Mas, não somente com a educação dos seus filhos e filhas, de todos os jovens da comunidade. Outro valor que vejo no modo como seu Adalton exerce sua liderança é que ele vê a educação dos jovens de forma mais ampla, não restrita ao que a escola possa oferecer, porque ele não descuida da formação nas práticas tradicionais de seu povo, luta pela escola e pelo ingresso dos jovens na universidade, e na formação política dos jovens. Seu Adalton já me deu provas de como ele

acredita no valor das pesquisas, quando propostas por parceiros, como somos no Fiei. Nesses mais de 10 anos de convivência, todas as vezes que dialogamos, foi aberto às pesquisas na comunidade, pontuando a importância de uma pesquisa ser parceria, troca de conhecimentos com a comunidade. Ele sempre nos acolheu também como pesquisadoras e pesquisadores. Temos uma grande gratidão pela sua comunidade, pelos aprendizados que nos traz em nossas andanças por aí.

Em 2019, Dalton, seu filho, falou do desejo de escrever a história de lutas e conquistas de Adalton para seu povo, pensava de fazer isso pesquisando sobre a história do Fiei na visão dessa grande liderança. Não tive dúvida, eu não poderia deixar de orientar o Dalton nessa importante jornada, registrar a história do Fiei, pelas lentes desse líder. Mas, no desenrolar da pesquisa, seu Adalton revelou ser um homem de muitas facetas, um político habilidoso que não vê a participação na política local, como algo que possa simplesmente lhe dar uma cadeira na câmara municipal, afinal, o que ele conseguiu para sua comunidade com sua disposição para se apresentar como candidato à vereador, pode ser sido tão significativo quanto sentar em uma cadeira na câmara de Porto Seguro. Por isso, o trabalho de pesquisa do Dalton foi muito além das lutas pela educação e pelo permanência dos jovens de sua comunidade no Fiei.

Em certo momento, pensei, que realmente eu ainda não conhecia seu Adalton. E, a cada, entrevista que Dalton fazia, a cada relato dele como filho e jovem da comunidade, me encantava com a sabedoria do seu Adalton alicerçada na ancestralidade, na firmeza com que pratica sua cultura, na preocupação com os mais jovens. Também fiquei surpresa e feliz de saber de suas habilidades artísticas, revelando a contribuição na composição de músicas pataxó. Assim, seu Adalton vai liderando sua comunidade, um líder que tem o reconhecimento do seu povo.

Sim, seu Adalton é uma liderança que nos ensina que ser líder é também ter serenidade para negociar e aguardar o momento certo de romper com barreiras, sempre ouvindo e respeitando a opinião dos outros. Orientar este trabalho me deu a oportunidade de aprender mais sobre o

que é ser liderança indígena, sim, Adalton é um grande líder de seu povo, dono de uma diplomacia ímpar, um saber que é somente seu.

6 Adalton Pataxó por Dalton Pataxó

Em todos esses anos, meu pai me ensinou muitas coisas importantes para que eu pudesse me tornar essa pessoa que sou hoje. Me educou da melhor forma possível, me ensinou a respeitar as pessoas, me ensinou a ter humildade com o próximo, me deu amor, carinho. Ele me ensinou tudo o que um pai poderia passar para seu filho. Mas, o mais importante que aprendi com ele foi ser uma pessoa de coração bom, tipo o coração de mãe, onde cabe todo mundo. Me ensinou a ser uma pessoa que sempre vai estar ali para ajudar a quem precisa, que sempre possa estar fazendo o bem, mesmo que muitas vezes não seja retribuído da mesma forma.

Então, agora vou contar minhas histórias com ele, com esse grande líder Adalton Pataxó.

6.1 Práticas tradicionais do meu povo

Quando eu era criança, gostava de acompanhar meu pai onde quer que ele fosse. A gente ia na roça, na praia pescar mariscos, no mangue, às vezes a gente saía só pra passeio mesmo. Na roça, ele me ensinava a fazer plantio de algumas frutas e outras coisas que a gente cultivava, plantávamos milho, feijão, abóbora, melancia, mandioca, pimenta do reino, banana e entre outros. Me ensinou os períodos certo para o plantio de cada um deles, quantidade de sementes, adubos que podem ser usados, remédios para pragas.

Um exemplo de plantio que aprendi com ele, foi o plantio de feijão, onde primeiro temos que arar a terra bastante, depois disso, vamos cavando os buracos aleatoriamente pelo terreno, com distância de aproximadamente uns 20 centímetros de distância entre eles. Não precisa ser um buraco muito fundo, de uns 10 centímetros de profundidade, é o bastante, no buraco colocamos um pouco de adubo e do lado colocamos 3 caroços de feijão, e então jogamos terra por cima. Quanto mais novo o feijão é, melhor para o plantio, pois a colheita vem com mais fartura.

Quando era época de lua cheia ou então lua nova, que são os períodos ideais para ir na praia pegar mariscos e pescar, porque a maré baixa bastante, com isso fica melhor de pegar ele, meu pai chamava eu e meus irmãos para irmos à praia. Chegando lá, era uma alegria só, a gente pegava alguns ouriços, rita-pedra, polvo, pescava alguns peixinhos também, a gente juntava um monte dessas coisas. Depois vinha a melhor parte que era comer eles, hummm só de lembrar deu água na boca. Ali na beira da praia mesmo a gente fazia uma fogueira e assava alguns para comer e o restante a gente trazia para casa para comer depois. Nessa atividade de ir à praia com ele, aprendi muitas coisas que ele me passou, me ensinou os períodos bons da maré, me mostrou vários pontos de pesca, me mostrou como pegar polvo, onde ficam as tocas deles, aprendi muitas coisas importantes relacionadas a maré (praia).

O período de lua cheia é uma época muito importante para povo o Pataxó. Nessa data é o melhor dia para ir à praia. Aqui em minha aldeia, quando chega esse dia, nós temos o costume de ir pegar alguns mariscos, pois quando é horário de maré baixa, ela seca bastante, muito mesmo, com isso facilita nossa pescaria.

Em um certo dia, era dia de lua cheia, meu pai e minha mãe chamou eu e meus irmãos para a gente ir à praia pescar alguns mariscos. Me lembro desse dia como se fosse dia de hoje. A gente saiu de casa por volta das 7 horas da manhã, pegamos nossas ferramentas, bicheiro, marreta, facão, anzol e o balde para pôr o que a gente conseguisse pegar, claro que também não poderia esquecer a kuyuna (farinha de puba), porque a gente ia comer alguns mariscos lá na praia mesmo, como, por exemplo, o ouriço, rita pedra, lagosta entre outros.

Quando chegamos na praia, meu pai me chamou para tirar umas varinhas de xandó para amarrar as linhas de pesca, assim fizemos, cortamos as varinhas de pescar, amarramos as linhas, estrovamos o anzol e a chumbada. Logo em seguida, fomos atrás da isca. Na beira da praia formam algumas piscinas naturais entre os corais, ali é o lugar certo para achar alguma isca. Dentro dessas piscinas ficam um monte de siri enterrado na areia, procuramos por isca um bom tempo. Sei que, no final, conseguimos uns 6 siris para fazer de isca. Depois disso, fomos procurar pelo pesqueiro. Ali, enquanto

procurávamos pelo um bom pesqueiro, meu pai avistou uma casa de polvo, era uma toca enorme, eu ainda não sabia como reconhecer uma toca de polvo. Já meu pai com sua grande sabedoria avistava uma com uns 10 metros de distância, eu ficava impressionado com aquilo. Quando chegamos perto da toca do polvo, perguntei a ele como que ele sabia que ali era a casa de um, pois, daí então, ele foi me explicar: “filho é muito fácil reconhecer uma casa de polvo, você vai olhando entre as pedras e onde você ver uns alguns restos de casco de siri, conchas, entre as pedras pode ter certeza que ali é uma casa de polvo”. Ouvindo ele falar, logo pensei que seria fácil encontrar um, mas na verdade demorei um bom tempo praticando, até que aprendi as manhas.

Esse dia foi de muita fartura para nós, pegamos bastante mariscos e peixes. Lá na praia mesmo fizemos uma fogueira, colocamos alguns ouriços, rita pedra para assar, ali mesmo ouvindo o barulho do mar, comemos o que a gente tinha conseguido pegar, meus pais contando algumas histórias, momentos como esse a gente nunca esquece.

Esse dia foi um dia muito especial para mim, pois aprendi muitas coisas importantes com meu pai e minha mãe. Além de aprender um pouco como encontrar a toca de polvo, aprendi como pegar ouriço, pescar, períodos certos das marés, espécies de peixes que não conhecia, pesqueiro certos para pescar, mas o mais importante que aprendi naquele dia, foi que no mundo em que vivemos não precisamos de muitas coisas para sobreviver, a simplicidade do dia a dia, estar com as pessoas que realmente nos faz bem, termos saúde, creio que isso é o suficiente para vivermos felizes.

Lembranças de momentos como esse, a gente nunca esquece, às vezes sinto falta das várias vezes que fomos à praia, no mangue e muitos outros lugares que meus pais levava a gente. Com o passar do tempo, vamos crescendo, passamos a ter outras responsabilidades, filhos, família e muitas vezes, deixamos passar despercebido esses momentos tão sagrados.

Figura 36: Pesca de mariscos no mangue com meu pai (2022)



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

A culinária do povo Pataxó sempre foi relacionada aos frutos do mar e do mangue. Entre esses alimentos estão o caranguejo, siris, lambretas, Aratú, ouriço, lagosta, ostras, peixe e muitos outros. Desde criança, nossos pais já nos ensinam a pesca desses mariscos, período certo da lua, horários de marés baixa e alta, os pontos ideais, onde encontrá-los nos ensinam tudo direitinho. Quando eu era criança, não entendia muito bem o real motivo de nossos pais nos ensinar essas coisas, hoje já adulto consigo enxergar e compreender o quanto isso é importante para nosso povo para a nossa cultura.

No dia 26 de março de 2022, eu juntamente com minha família, marquei de ir ao mangue pegar alguns mariscos, coisa que já fazia um tempinho que não fazíamos todos juntos. Meu pai, irmãos, cunhados, sobrinhos, minha esposa e meus filhos todos fomos juntos, ficamos um pouco triste, porque não deu para nossa mãe ir com a gente, por conta do trabalho dela. Fora isso, foi um momento de muita alegria e aprendizado, a criançada, como sempre, vai

mais pela diversão e pela comida né, o trabalho pesado fica pra gente que é adulto.

Lá no mangue dividimos as tarefas para cada um. Eu, meu pai e meu sobrinho, Tokimã, ficamos responsáveis para pegar os caranguejos; meu irmão Akerlan e sua esposa Noiatá ficaram para pegar as lambretas; e as crianças foram pegar o bugigão, logo depois de um tempo meu cunhado Alex também foi nos ajudar a pegar alguns caranguejos, deu uma ajuda enorme.

Ficamos dentro do mangue espalhados por mais ou menos umas 2 horas, depois disso, fomos saindo aos poucos para lavar e ajuntar o que pegamos. Depois disso, fizemos uma bela de uma fogueira, colocamos os mariscos para cozinhar e outros assamos ali mesmo na brasa e comemos com a aquela velha kuyuna de puba (farinha). O momento mais esperado é na hora do manguty (comer), por ser o momento onde degustamos nossos alimentos e porque é o momento em que ficamos todos juntos e reunidos. Ali é um momento único para conversarmos coisas importantes, engraçadas, lembramos de algumas lembranças lá 'do fundo do armário' que às vezes nos bate aquela saudade enorme, falamos de tudo um pouquinho, momentos assim jamais poderão ser esquecidos.

A gente pegou uma quantidade boa de mariscos, pois comemos alguns lá no mangue e outros ainda trouxemos para casa. Depois que todos nós já estávamos com a barriguinha cheinha de farinha, arrumamos nossas coisas, recolhemos os lixos que levamos, agradecemos e pedimos licença ao nosso sagrado manguezal por nos oferecer o alimento de cada dia, e então voltamos para nossos kijeme (casa).

Esse dia foi feito de momentos de muita alegria e aprendizado, por ser um momento onde estava praticamente toda família e também porque já estava com saudades de momentos assim. Hoje, eu compreendo e valorizo aqueles ensinamentos que meus pais, avôs me passaram lá no passado, quando eu ainda era uma criança, e ainda continua passando até hoje. Percebo que sem eles somos pessoas comuns como qualquer outra, sem identidade, sem cultura, e o pior de tudo ficaria perdido sem saber o que fazer.

6.2 A Luta pelos nossos direitos, pelo nosso território

Em todos esses anos de contato com a civilização não indígena, a luta dos povos indígenas do Brasil sempre está ali presente em nosso dia a dia. A cada conquista nossa, sempre vai surgindo mais e mais desafios pela frente. A luta pelo território em que constitucionalmente nos pertence por direito, sempre vai existir, sabemos que os grandes governantes sempre fazem manobras para tirar a terra de nós, ficam de olho nas riquezas naturais que mãe natureza nos oferece. A cada ano que passa sempre buscamos nos fortalecer cada vez mais enquanto um povo, pois sabemos que o quanto mais a gente se organizar e se unir estaremos mais fortes.

Todo ano acontece uma grande mobilização dos povos indígenas do Brasil, que é realizada na capital do nosso país em Brasília. Esse evento sempre acontece no mês de abril, mas, por conta da pandemia de Covid-19, em 2021, essa mobilização foi realizada no mês de agosto.

O Acampamento Terra Livre (ATL) é um evento de suma importância para nós indígenas, pois é onde vamos reivindicar nossos direitos que são garantidos pela constituição. No ano de 2021, fomos reivindicar contra o marco temporal, uma PL490 que entraria em votação no Supremo Tribunal Federal (STF). Se caso isso fosse aprovado por eles, perderíamos o direito ao nosso território, onde tradicionalmente ocupamos, pois esse PL dá abertura para os grandes governantes terem nossas terras.

No dia 20 de agosto de 2021, estava marcado a viagem para Brasília, local do ATL pela vida, que é o evento de maior mobilização dos povos indígenas de todo o Brasil.

Foram disponibilizadas 22 vagas para minha aldeia, o cacique e a vice ficaram responsáveis em selecionar as pessoas que iriam. Eles optaram por escolher aquelas pessoas que sempre estavam mais ativas nas atividades culturais da comunidade. Entre essas vagas, meu pai, Adalton Pataxó foi incluindo. Ele estava ali representando seu povo como uma grande liderança que ele é, e também foi como superintendente da secretaria de assuntos indígenas do município de Porto Seguro, cargo que ele exerce dentro do município. Eu também consegui uma vaga, praticamente no último dia, pois

elas estavam sendo bem disputadas aqui na aldeia. Alguns dias antes da viagem, eu tinha conversado com a vice cacique para ver se ainda tinha vaga disponível, mas infelizmente já não tinha mais. Só consegui a vaga porque teve um outro parente que resolveu ir de avião, já no último dia, e depois de um pouquinho de insistência, consegui uma vaga no ônibus.

Essa viagem foi de grande aprendizagem para mim, pois foi a primeira vez que participei de um evento tão grande e tão importante para nós indígenas. A delegação da minha aldeia saiu no dia 20, por volta das 12 horas. Meus pais, como superintendente, juntamente com outras lideranças da aldeia, conseguiram intermediar com o prefeito de nosso município duas vans para que fosse buscar a gente na aldeia e levasse até onde sairia o ônibus que seria na cidade de Eunápolis, que fica mais ou menos uns 100 km de nossa aldeia. Antes da gente sair da aldeia, fomos até a igreja católica de nossa comunidade e fizemos uma grande oração, pedindo forças, coragem e muita proteção a todos nós nessa viagem e também para aqueles que estavam ficando na aldeia. Assim que entramos na Van, já bateu aquela saudade de casa. Para descontrair um pouco, fomos ali conversando, contando algumas resenhas para ver o tempo passar.

Antes de nossa saída, procurei conversar com alguns líderes que estavam indo com a gente, pois como seria minha primeira vez, queria saber como que funcionava. Procurei conversar com minha tia Erilsa, justamente porque ela é a vice cacique da aldeia e também porque sempre ela está presente nesses movimentos. Conversei com Suruí que é o atual cacique da aldeia. Conversei bastante com o Raoni, pois ele é uma referência da cultura em minha aldeia e também já participou de vários encontros como esse, ele tem uma bagagem enorme em relação a isso. Em um dos 'bate papo' com Raoni, ele me contou um pouco de sua trajetória nessas viagens. Essas conversas que tive com Raoni abriram bastante minha mente, enquanto um jovem aprendiz. Não tirei da minha mente a seguinte frase que ele me falou que me motivou bastante: *"Seu pai é uma grande liderança do nosso povo, principalmente para nossa comunidade. Você como filho dele tem que ir nessa missão junto com a gente"*. E, é claro que não poderia ir sem ter uma breve conversa com meu pai também.

Logo, meu pai me perguntou o que eu estaria indo fazer em Brasília, pois ele já conhecia as dificuldades e os desafios que viriam pela frente, e talvez como eu nunca tinha visto algo semelhante poderia ficar assustado. Eu, meio que sem saber o que responder, naquele momento meio envergonhado, procurei responder da melhor forma possível. Então, eu lhe disse o seguinte: *“Estou indo porque nunca fui em uma mobilização tão grande que é a ATL e sei de sua importância para nós indígenas. Sei também o quanto é importante eu, como um jovem, filho de uma grande liderança que é o senhor, estar lá presente, pois sempre escuto de nossos anciões dizendo que o futuro somos nós jovens, eles sempre pedem pra gente tomar frente de nossas causas e do nosso povo”*.

No ônibus, fomos juntos com outros parentes da aldeia Coroa Vermelha e outras aldeias vizinhas. E então seguimos viagem em destino a Brasília, passamos por algumas dificuldades no percurso, mas nada impediu o nosso objetivo. Durante a viagem, passamos por algumas cidades do sertão de nossa Bahia, cidades que eu nunca tinha visto falar antes, uma viagem muito longa e cansativa, passamos por vegetações com cores diferentes, não eram tão verdes como estamos acostumados a ver aqui na aldeia, não tinha aquela bela maresia do mar em nossos rotos.

No percurso, fizemos algumas paradas em pontos de apoio, para podermos esticar um pouco as pernas, tomar um banho e nos alimentar, momentos de a gente descontrair um pouco também, conversar um pouco com os parentes e mandar notícias pra família que ficou em casa. Chegamos em Brasília no dia 21, por volta das 8 horas da noite. Foi uma viagem longa e bem cansativa, mas o importante é que chegamos todos bem.

Assim que chegamos no acampamento fomos recebidos pelos parentes que fazem parte da organização da MUPOIBA, que também faziam parte da organização do evento. Eles foram bem receptivos, mostraram onde a gente poderia montar as barracas e também como iria funcionar a programação do evento, explicaram algumas coisas básicas para nós. Fizemos uma pequena reunião com nossas lideranças que falaram bastante sobre a importância do movimento, a importância de nossas presenças ali, e qual era nosso único objetivo, foram várias falas maravilhosas e objetivas. Logo após a montagem

das barracas, fizemos uma grande AWÊ, pois estava uma noite linda de lua cheia e, como de costume de nosso povo, sempre fazemos essa grande cerimônia todo mês no primeiro dia de lua cheia em agradecimento a nossa sagrada ãgohó. Foi um AWÊ bem poderoso, pois reunimos todos os parentes Pataxó de várias aldeias que estavam presentes. Ali, nós cantamos, dançamos e o melhor de tudo é que buscamos aos nossos NAÔS forças, coragem e proteção para nossa luta.

O clima da capital é muito diferente do clima de nossas aldeias, muito quente, ar seco, muita poeira, poluição. Tudo isso fez com que muitos parentes passassem mau de saúde, vômitos, diarreias, dores no corpo, gripes tudo isso nos atingiu. Graças a TUPÃ ninguém precisou ir para o hospital. Compramos alguns remédios nas farmácias e também levamos um pouco de nossa medicina natural, ajudou muito em nossa recuperação.

Meu pai, por questões de saúde, infelizmente não pode ficar acampado conosco, pois ele sente vários problemas de saúde, então achamos melhor ele ficar hospedado em uma pousada que ficava bem próximo dali. Apesar disso, ele sempre estava junto com a gente, ajudando ao máximo no que podia, ajudou na alimentação para gente, comprava marmitex, água, até remédios, ele comprou. Ficava no acampamento durante o dia inteiro, participou de palestras, reuniões, foi nas passeatas junto com a gente. Ele sempre estava presente, quando não era isso, ele estava em outras reuniões em secretarias e ministérios com outras lideranças, levando nossas demandas.

Ficamos em Brasília durante 5 dias, onde estava presente mais de 170 povos indígenas de todo Brasil, mais de 6 mil indígenas. Durante todo esse período que ficamos por lá, foram feitos de momentos únicos e de bastante aprendizagem para mim. Sempre procurei fazer o melhor, observei bastante, conheci parentes de outros povos com culturas e costumes diferentes, fizemos rodas de conversas, trocamos experiências. Tive o prazer de consagrar a medicina do kuhuitú (rapé) com os parentes lá do Acre, o povo Huni Kuin, pude conhecer um pouco da cultura deles também, pude conhecer também alguns parentes do povo Xavante, Guarani, Tupinambá, Kariri-xocó, Fulniô, e entre outros. Tudo isso foi de grande importância, creio que isso é conhecimento para vida toda.

Figura 37: Dalton, Adalton, Arnilton, Suruí, no ATL-2021



Fonte: Pessoal do pesquisador

Figura 38: Suruí, Braguinha, Adalton, no ATL-2021



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Figura 39: Adalton, Wekanã, Jothanes, no ATL-2021



Fonte: *Arquivo pessoal do pesquisador*

Durante o dia era bem corrido pra gente e um pouco mais cansativo também, pois era onde realizávamos a passeata na rodovia, fazia nosso AWÊ bem poderoso para mostrar nossas forças, cantamos, dançamos, fizemos nossas orações para que tudo ocorresse em paz e a gente pudesse sair com a vitória.

Apesar das diversas dificuldades que passamos, alimentação, higiene, noites mal dormidas, tudo isso não desanimou a gente, muito pelo contrário só nos fortalecia e fazia com a gente lembrasse e valorizasse mais ainda as lutas de nossos líderes, daqueles que já se foram e aqueles que ainda estão presente firme na luta. Tive a oportunidade de poder sentir na pele um pouco daquilo que eles passaram por várias e várias vezes, isso me faz lembrar e perceber o quanto é importante estarmos lado a lado com nossas lideranças. Senti algo dentro de mim muito forte, algo que me fez perceber que eu, enquanto indígena, posso e devo fazer mais pelo meu povo, percebi o quanto é importante nós jovens irmos para luta, pois afinal de contas somos o futuro de amanhã.

Posso dizer que tudo isso serviu de grande aprendizagem para mim, não só para mim, mas creio que também para outros jovens que, assim como eu, estava ali representando seu povo. Ainda mais para mim que estava ali com meu pai, uma grande liderança do povo Pataxó, grande mestre, só tenho a agradecer por tudo. Gostaria de dizer também que eu, enquanto um jovem e como um futuro educador, jamais deixarei esquecida as memórias e as raízes do meu povo.

Durante a viagem tive várias conversas com meu pai e com outras lideranças da minha aldeia, meu pai me deu vários conselhos, caminhos onde

eu tinha que seguir, pediu sempre para estarmos juntos uns com os outros durante o movimento, e pude aprender bastante observando como e o que nossos líderes faziam.

6.3 Passado, presente e futuro



Figura 40: Formatura de minha irmã na Escola Indígena Pataxó

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Essa foto reflete parte de como quero sempre estar: junto com minha comunidade, participando de suas atividades, ao lado da minha família e de meu pai. Desde de muito cedo aprendi a admirar e a buscar os passos de meu pai.

Figura 41: Dalton e Adalton no dia da defesa do Percurso



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Confesso que antes de começar a fazer essa pesquisa eu achava que sabia muita coisa sobre essa pessoa, Adalton Pataxó, meu pai. Mas, com as conversas, fui vendo que havia muito mais para conhecer: como foi e como é seu trabalho de liderança, sua atuação na juventude, as responsabilidades que uma liderança tem de assumir pelo povo.

Eu já queria fazer esse trabalho, agora olhando para trás, percebo o quanto eu, como filho de uma grande liderança, tenho a aprender com ele. Hoje, depois de entender o quanto é difícil e árdua a caminhada de uma liderança, percebo a necessidade de registrar as memórias vivas desses grandes mestres

que estão entre nós. Aprendi que para a pessoa ser uma grande liderança, além dela já nascer com esse dom, ela também tem que ter foco, força de vontade, visar sempre o coletivo, o bem para seu povo, e nunca abaixar a cabeça, mesmo com as dificuldades.

Quando criança, confesso que às vezes sentia muita falta dele, enquanto pai, pelas muitas vezes que ficava fora. Mas, hoje, eu entendo o porquê. Foi por uma causa maior, foi pelo bem de seu povo. Muitas vezes, os dias em que ele não estava em casa, estava viajando em reuniões buscando melhorias para sua comunidade, na época eu não entendia, mas hoje vendo sua trajetória de lutas, possibilitada por esta pesquisa de Percurso, percebo o quanto valeu a pena todos seus sacrifícios.

Confesso que não sabia que meu pai foi um dos principais protagonistas na retomada ou reativação da cultura e identidade do nosso povo. Sua viagem até o Alto Xingú foi a principal motivação do despertar de nossos costumes. Graças a esse intercambio muitas coisas foram revividas. Também sou um grande defensor da identidade de meu povo, sempre gosto de praticar nossas atividades culturais, gosto muito mesmo de coração, talvez esteja no sangue.

O relato sobre a participação na mobilização dos povos indígenas do Brasil, a ATL-2021, foi uma experiência muito importante em minha vida. Ali pude ver, na prática, meu pai atuando como uma liderança no cenário nacional, junto com outros povos e a importância que isso tem para nosso povo. Por isso, o período em que fomos juntos na ATL, foi um momento muito importante para mim, não só pela parte de tantos aprendizados que pude conhecer, mas também porque foi um momento em que pude estar junto com meu pai em uma de suas tantas frentes de luta. Ali pude conhecer e presenciar o que muitos de nossos mais velhos, ancestrais passaram. Pude observar de perto tantas coisas que antes eu só ouvia falar, por muitas vezes fiquei encantado como que nossas lideranças, entre elas, meu pai, nos sempre representa muito bem, suas inteligências, conhecimento, saberes, tudo isso faz muita diferença. Por muitas vezes, quando a gente se reunia em uma roda de conversa, eu ficava ali observando suas falas, tentando compreender da melhor forma possível. Meu pai me ensinou que por mais que as dificuldades forem difíceis, se todos estiverem juntos conseguimos vencê-las, a união sempre tem que

estar presente em todos os momentos. No ATL Pude acompanhar de perto e sentir o quanto é árduo e difícil o trabalho de um líder. Pude também conhecer outros povos diferentes, culturas diferentes que só faz agregar o nosso conhecimento.

Não muito diferente da ATL, o FIEI também é um intercâmbio, uma troca de saberes entre conhecedores de povos e culturas diferentes. Trazendo para nossa realidade conhecimentos que muitas das vezes passam despercebidos, isso faz com que a gente possa ter uma formação acadêmica, para que possamos dar um retorno a nossa comunidade. Por isso, hoje, olhando para trás, sei o quanto foi importante para meu pai, ter me passado esses conhecimentos e lutar pela nossa entrada na universidade. Entendo porque ele cuida tanto dessa parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que, segundo ele, foi a que abriu as portas para nós. Daqui para frente também vou passar para meus filhos e netos, essas pequenas coisas que nos torna uma grande pessoa.

Considerações Finais

Chegamos na finalização deste Percurso, que também encerra mais uma etapa em minha vida e creio que só tenho a agradecer, aos meus familiares, amigos professores, colegas, todo mundo que está fazendo parte desse ciclo. Ao estudar no Fiei, fiz novas amizades com parentes de aldeias diferentes, construí também laços de amizades com meus professores e isso é muito importante entre o aluno e o professor. Pude pela primeira vez conhecer como é morar em uma capital, tudo isso foi de suma importância para mim.

No Fiei, tive o privilégio em aprender coisas novas, por exemplo, fazer esta pesquisa. O meu interesse nesta pesquisa partiu da minha percepção da necessidade de registrar as memórias e saberes das nossas lideranças. Como jovens precisamos aprender com eles. Decidi pesquisar sobre as memórias e saberes de meu pai, porque ele é uma liderança em nossa comunidade e quero justamente trazer para meu povo o quanto ele lutou e ainda continua lutando por nós. Com isso deixar seu legado vivo para as futuras gerações, para que ele

tenha seu reconhecimento como liderança.

Para isso, realizei entrevistas primeiramente com meu pai, depois com algumas pessoas de minha aldeia, lideranças mais velhas e outras mais jovens. Também peguei depoimentos da minha família e de uma professora do Fiei. Meu ponto de partida foram minhas próprias lembranças como filho e jovem pataxó.

Em todas as entrevistas que foram realizadas, pude perceber o quanto é importante o trabalho de uma liderança e que muitas vezes eles acabam não tendo o reconhecimento e o respeito que merecem. Seu Zé Baraiá, que foi uma das primeiras lideranças que caminhou com meu pai, destaca a inteligência dele como liderança, seu conhecimento, sua facilidade de conversar com as pessoas. Eu também percebi na fala do Zé Baraiá um sentimento de tristeza de não ver meu pai ser reconhecido como a liderança que é. Ele acha que, por mais que lute, se não tiver todos unidos falando na mesma palavra, as coisas não andam para frente e aí a liderança fica fraca. Ele deixou essas palavras para todas lideranças, que é de suma importância a unificação de todos para as coisas darem certo.

Nas entrevistas com pai, ele conta sua trajetória de luta. Eu concluo que ele é uma pessoa muito inteligente no que faz, quando sento para ouvi-lo percebo o quanto ele tem para nos passar. Sua caminhada foi e é cheia de altos e baixos, mas nunca abaixou sua cabeça. Sempre quis o melhor para seu povo e sua comunidade, buscou meios e parcerias para conquistar os objetivos de sua aldeia. Pude perceber nas falas dele e de outras lideranças da comunidade, que mesmo eles fazendo o máximo para seu povo, muitas vezes não são recebidos com o reconhecimento que merecem. Por isso, sempre é muito importante destacar as memórias e trajetórias de nossas lideranças.

Alex e Kaiones destacaram em suas entrevistas que meu pai sempre foi uma liderança que lutou pelo bem de seu povo, com isso buscou vários meios de melhorias da educação para sua comunidade. Através de parcerias com órgãos competentes, secretarias de educação e os representantes das políticas partidárias, juntamente com outras lideranças, eles contam que meu pai conseguiu uma educação de qualidade para seu povo. Eles destacam dentro da educação, a implantação do ensino médio na aldeia Barra Velha, a

formação dos professores indígenas para atuar na escola, todas conquistadas graças às lutas diárias de nossos líderes. Vejo, como professor indígena que, assim como meu pai, uma educação de qualidade é um dos principais pontos de partida que podemos dar, dessa forma penso que teremos um futuro melhor.

Trazendo para nossa educação escolar indígena, os grandes saberes tradicionais que aprendi com meu pai e registrei aqui neste Percurso, será um material muito importante para nossas escolas indígenas. Este trabalho também contribuiu para eu perceber a importância do FIEI dentro da nossa comunidade, formando nossos professores e que isso acontece porque tem uma forte participação das lideranças. O Fiei sempre traz as realidades de nosso povo, é um curso muito rico e que faz com que a gente nos fortaleça em quanto um povo. Deixar esse trabalho dentro do Fiei, só faz com que possamos demarcar cada vez nosso território dentro UFMG. Com isso, fortalecemos cada vez mais nossas lutas, enquanto povos indígenas.

Já na entrevista com Raoni, ele me mostrou algumas características do meu pai que eu ainda não tinha percebido. Uma delas foi o ponto de partida do resgate e fortalecimento dos costumes tradicionais do povo Pataxó, mostrando que meu pai, junto com outros líderes, tiveram um papel fundamental nisso. Essa entrevista me deu curiosidade para saber mais sobre o intercâmbio que meu pai fez no Alto Xingú, quando era jovem e fui perguntar para meu pai. Em seu relato ficou muito forte como o intercâmbio fez com ele observasse as atividades tradicionais que os outros povos faziam que também nós tínhamos, mas estava meio adormecido. Isso deu força a eles, de voltar para aldeia e incentiva o povo a praticar mais sua cultura.

Durante toda a minha vida, estive perto do meu pai, aprendendo os saberes tradicionais pataxó, porque a forma como aprendendo de passar de meu pai para filho, desde bem cedo, de geração para geração. Desde cedo começamos a pescar, fazer artesanatos, ir para roça, ajudar nossos pais em casa, tudo isso são meios de aprendizagens que fazem parte do nosso cotidiano, e fazem parte de nossa formação, enquanto indígena. Com todos esses saberes, o mais importante que ele me ensinou foi ser a pessoa que sou hoje, sincero, honesto, carismático, sempre respeitando a nossa cultura, o próximo e ser uma pessoa que graças a seus ensinamentos não tenho que

reclamar.

Com este trabalho de pesquisa, acredito que servirá muito para minha comunidade. É de suma importância termos as memórias e saberes de nossos grandes mestres registradas, pois dessa forma nunca deixaremos seus saberes e legados morrer. Nele registradas as memórias e saberes da liderança Adalton Pataxó, mas também várias outras histórias ficam aqui registradas, como os momentos de reavivamento de algumas práticas culturais, o modo como aprendemos dentro das famílias, nossas práticas cotidianas e as lutas pela educação, pela participação na política local. Temos que aproveitar enquanto temos eles em vida, pois quando o nosso grande criador chamá-los para ir, fica mais difícil consultar nossos livros vivos.

Aprendi com este trabalho que para ser um grande líder, não basta apenas a pessoa querer, isso é algo maior porque a pessoa já nasce uma liderança. Em uma das falas do meu pai, tem frase que ele me disse que sempre vou levar comigo, “liderança sem comunidade não é liderança e comunidade sem liderança não é comunidade”. Essa fala é muito forte, pois mostra o quanto é importante sempre andarmos juntos, lado a lado, todos unificados para conseguirmos nossos objetivos.

Tenho alguns planos para o futuro também. Com fé em tupã “Deus”, vou conseguir realizá-los. Depois que eu terminar minha graduação, pretendo fazer a pós-graduação e o tão sonhado mestrado. Com isso, não pretendo obter bens materiais, mas sim ajudar meu povo pataxó a ter uma vida digna e de respeito. Vou passar todos os meus conhecimentos para as futuras gerações, como vem fazendo meu pai, e também para aqueles que já caminharam uma longa estrada. É claro que eu não poderia deixar de mencionar o fortalecimento da nossa cultura, isso é o que jamais poderemos deixar de lado.

Referências

BOSSI, Ecléa. **Memória & sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979.

NASCIMENTO, Criscia Santos. **Ritual Dawê Mayõ Ixé**. 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) –Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SANTOS, Eriisa Braz dos. **A história da demarcação da terra indígena Barra Velha**. 2018. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SANTOS, Iran Vieira dos. **José Sales: biografia de uma liderança pataxó**. 2020. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Formação Intercultural Para Educadores Indígena, Habilitação em Língua, Artes e Literatura.) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SCHOBBER, Juliana. *Memória & sociedade: lembrança de velhos*
Ecléa Bosi. São Paulo, SP. T.A. Editor, 1979. **Resenhas**.

[https://www.comciencia.br/dossies-1-](https://www.comciencia.br/dossies-1-72/resenhas/memoria/velhos.htm#:~:text=As%20hist%C3%B3rias%20dos%20personagens%20de,agora%20envelhecidas%20que%20j%C3%A1%20trabalharam)

[72/resenhas/memoria/velhos.htm#:~:text=As%20hist%C3%B3rias%20dos%20personagens%20de,agora%20envelhecidas%20que%20j%C3%A1%20trabalharam](https://www.comciencia.br/dossies-1-72/resenhas/memoria/velhos.htm#:~:text=As%20hist%C3%B3rias%20dos%20personagens%20de,agora%20envelhecidas%20que%20j%C3%A1%20trabalharam) . Acesso em 06 de set. 2022.

SOARES, Edilande Jesus. **A história de luta e resistência do cacique Maninho - Pataxó da aldeia Mata Medonha-BA**. 2018. 40 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura) –Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.

SOUZA, Florentina. **Memórias e Performance nas culturas afro-brasileiras**. In.

ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). *Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Editoras, 2007, p. 30-39.

SOUZA, Valdirene Santos de. **Lutas e memórias de Israel Guedes, vice-cacique Pataxó da aldeia Mata Medonha-BA**. 2018. [50 p.]. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Habilitação em Matemática.